



Foi às zero e 14 minutos Rosa levou Portugal ao podium

*A nossa esperança
para hoje*

Fernando Mamede corre na final dos 10.000



O plano elaborado por Rosa Mota e pelo seu técnico José Pedrosa resultou em cheio: abdicando da confusa aldeia olímpica para se radicar em Santa Mónica (onde treinou como entendeu) a nossa menina de ouro conseguiu, em emocionante maratona, a primeira medalha olímpica até hoje ganha por uma atleta portuguesa, fazendo a bandeira nacional subir no mastro de honra do Coliseum de Los Angeles, às 0 e 14 de hoje. Rosa (800 contos) e José Pedrosa (400) arrebatam os primeiros prémios instituídos governamentalmente para medalhados olímpicos. Mas a coisa esteve feia: fiquei um bocado aflita quando a Grete fugiu e a Kristiansen foi atrás dela, mas como não gosto de correr sozinha acelerei e consegui a medalha — declarou a nossa maior campeã, rodeada do carinho de todas as companheiras.

Págs. 13, 14 e 15

Governo de Peres pode desbloquear impasse

Portugal abre embaixada em Telavive?

A designação de Shimon Peres para formar o novo Governo israelita, ontem oficialmente formalizada pelo presidente Haim Herzog, poderá contribuir para que o Governo de Mário Soares se decida pela abertura da Embaixada de Telavive. Trata-se de uma questão que, tanto quanto o «DL» apurou, já terá sido abordada em contactos informais entre Mário Soares e Shimon Peres, estabelecidos no âmbito da Internacional Socialista, organização a que pertencem os dois políticos. Nestes contactos, segundo julgamos saber, terá sido dito que Lisboa reconsideraria a questão da abertura da sua Embaixada em Israel se e quando os trabalhistas ascendessem de novo o Poder. Esta manhã, em Lisboa, não foi possível obter confirmação oficial para estas informações, embora fontes diplomáticas indiquem ser muito provável que tal venha a suceder, com Portugal acompanhado de idêntico gesto, que já se anuncia por parte da Espanha.

Págs. Centrais



Shimon Peres em frente à bandeira com o emblema do Estado de Israel, pouco depois de ter sido nomeado para formar governo

Burton morre aos 59 anos

O actor britânico Richard Burton faleceu ontem, com 59 anos, em Genebra, vítima de uma hemorragia cerebral. O actor nascido em Gales, ficou conhecido no mundo do espectáculo pelas películas «A Fera Amansada», «Cleópatra» e «O Espião que Veio do Frio», entre outros. Era considerado ainda um dos melhores intérpretes teatrais de Shakespeare. Entretanto, a actriz Liz Taylor, que foi casada duas vezes com Richard Burton, declarou-se em «estado de choque» quando soube do falecimento do actor. Os médicos haviam recomendado a Burton uma temporada de repouso, depois de ter sido detectado um grave esgotamento. O actor tinha problemas de saúde por causa do excesso de bebidas alcoólicas.



Pág. 17

A actividade cineclubista de Manuel de Azevedo

F. Gonçalves Lavrador (*)

Sobre Manuel de Azevedo, recentemente falecido, já nas páginas do «Diário de Lisboa» se publicaram interessantes artigos que se referiram aos aspectos mais salientes da sua vida e da sua obra no jornalismo, na ensaística e crítica cinematográfica, na actividade social e política sempre lúcida e intransigente quando se tratasse da defesa dos valores humanos fundamentais e da luta contra o fascismo. Excelentes, de facto, e muitos justos, os artigos de Fernando Piteira Santos, Armando Bacelar e Manuel Carvalheiro. Alguma coisa, porém, julgo que poderei testemunhar no que se refere à actividade cineclubista de Azevedo, ao seu amor pela cultura e pelo cinema, que o levava não só a escrever artigos e ensaios (tantas vezes em ambiente bem adverso e perigoso), mas também a colaborar com entusiasmo e dedicação em todas as mil e uma tarefas necessárias para se construir e se desenvolver um grande cineclubista como era (e julgo que ainda é) o Cineclub do Porto.

E quando digo que escrevia num ambiente perigoso e cheio de ameaças, sobretudo para quem se situasse no terreno ideológico em que sempre se inseriu, e na época em que escreveu os seus ensaios, penso no título duma crítica ao opúsculo «Cinema em Marcha», escrita por autor reaccionário em jornal fascista. Como se sabe, esse ensaio inaugurou uma colecção de opúsculos de divulgação cultural designados genericamente por «Cadernos Azuis», colecção publicada sob a direcção do próprio Manuel de Azevedo. Pois o título a que nos referimos só dizia o seguinte: «Cadernos azuis por fora e vermelhos por dentro»... Não é difícil imaginar qual o significado e qual o alcance duma metáfora-acusação deste teor numa época (1941) em que o fascismo português se encontrava solidamente instalado!

Manuel de Azevedo foi, de facto, um dos mais activos e entusiásticos companheiros nos

tempos de luta pela implantação e pelo desenvolvimento, na cidade do Porto, do Clube Português de Cinematografia, após a Segunda Guerra Mundial. Este assunto liga-se, de certo modo, ao artigo de Manuel Carvalheiro que analisa rapidamente a obra ensaística de Azevedo numa perspectiva influenciada, como é natural, pela formação cinematográfica do autor (de raiz essencialmente francesa). Tomo, no entanto e com o devido respeito, a liberdade de lhe fazer duas pequenas e pouco significativas correcções de pormenor que, aliás, em nada alteram o conteúdo básico do artigo. A primeira diz respeito à afirmação de que Manuel de Oliveira se teria «desinteressado do argumento de «Saltimbancos», escrito por Alves Redol e cujo filme seria realizado por Manuel Guimarães». De facto, o argumento de «Saltimbancos» não foi escrito por Alves Redol mas por Leão Penedo com base num romance da sua própria autoria. Por outro lado, julgo que Azevedo não foi assistente de «Aniki Bóbo» pois dessa tarefa se encarregou Manuel Guimarães; nesta fita, ele desempenhou antes um pequeno papel de «cantor de rua» — personagem aliás muito típica das ruas do velho Porto, nessa época.

A propósito da actividade cineclubista de Manuel de Azevedo, recordarei o nascimento e a infância do Clube Português de Cinematografia, Cineclub do Porto.

Fundado no início de 1945 (ou talvez mesmo durante 1944, pelo menos no que se refere aos preparativos) por um grupo quase exclusivamente constituído por estudantes do Liceu Alexandre Herculano, do qual faziam parte, entre outros, Hipólito Duarte, João David, Campos Tavares, Fernando Condoso, Guilherme Ramos Pereira, Amâncio Carvalho, Vasco Lobo, Amândio Silva e o autor destas linhas, expandiu-se posteriormente com a admissão e a colaboração de diversos cineastas amadores entre os quais citarei os nomes de António

Lopes Fernandes, Augusto Romariz, Manuel Ferraz e Francisco Tigre. Apesar de ter mantido, nos dois primeiros anos de existência, uma actividade de certo modo persistente mas um tanto irregular e superficial, sobretudo porque se dirigia a uma massa associativa muito reduzida, parecia-me que as motivações e as perspectivas culturais do Cineclub nessa altura não se ajustavam bem ao que eu julgava possível e desejável nem apresentavam uma projecção colectiva minimamente admissível. Por isso, tal actividade não me satisfazia. Com o ardor e o entusiasmo próprios da juventude (tinha então 17 anos...) sonhava com horizontes mais vastos, com realizações mais extensas, variadas e profundas, com uma acção cultural, a vários níveis e em diversos campos, que se não limitasse a uma simples cinefilia mais ou menos alienada e alienante. Esta minha posição tinha evidentes implicações de natureza sociológica e política e impunha, por isso mesmo, a colaboração de pessoas que comigo compartilhassem de idêntica ideologia, no plano cultural, pelo menos.

Quem chamou a minha particular atenção para o cinema como fenómeno artístico e cultural, despertando em mim grande interesse por essa simbiose, foi Roberto Nobre com os seus artigos em «O Diabo» e, sobretudo, com o notável livro «Horizontes de Cinema». Mas Nobre encontrava-se longe, em Lisboa, e não me podia, por isso, auxiliar. O problema ficou resolvido quando descobri os artigos de Manuel de Azevedo no «Sol Nascente» e, sobretudo, o opúsculo «Cinema em Marcha». Soube que o seu autor vivia no Porto, pois era «repórter» de «O Primeiro de Janeiro», e que frequentava habitualmente «A Brasileira» — o lado esquerdo, por onde passavam intelectuais, políticos, jornalistas e artistas, antifascistas quase todos, enquanto a frequência do lado direito desse Café (separado por uma divisória central) era principalmente constituída por adeptos do Futebol Clube do Porto. Foi aí que o meu Pai (também frequentador do mesmo Café) me apre-

sentou Manuel de Azevedo, iniciando-se assim a sua actividade cineclubista e a amizade com o autor destas linhas. Do movimento Cineclubista Português seria ele, logo em seguida, o representante no Primeiro Congresso internacional dos Cineclubes, realizado em Cannes. Foi também Azevedo quem me apresentou outro grande amigo, o notável cineclubista e crítico cinematográfico Henrique Alves Costa. No programa duma sessão decisiva para o futuro do Cineclub, a décima quarta, realizada em 17 de Dezembro de 1947, figuram, além de uma introdução por Alves Costa, dois artigos — um escrito por mim sobre «A Sinfonia duma Capital» de Walter Ruttmann (cuja projecção foi, aliás, proibida pela Inspeção Geral dos Espectáculos devido a já se ter ultrapassado o período de exploração comercial do filme) e outro de Manuel de Azevedo sobre Marcel Carné (o filme de fundo era de «Le Jour se Lève», deste realizador francês).

Fazendo palestras, seleccionando e escrevendo textos de apoio e mesmo um ensaio sobre cinema português para os Cader-nos «Projecção», ajudando em todas as tarefas, mesmo as mais modestas e aborrecidas mas necessárias, emitindo as suas sempre ponderadas opiniões sobre toda a actividade associativa e, em especial, sobre a escolha dos filmes a apresentar aos associados, e discutindo todos os assuntos mais importantes nas reuniões da Direcção, sempre Manuel de Azevedo prestou todo o seu apoio e deu desinteressadamente o melhor do seu esforço ao Clube Português de Cinematografia, durante os anos de arranque, implantação e desenvolvimento deste Cineclub — desenvolvimento tão rápido, tão intenso e tão vigoroso que depressa alcançou o lugar de «maior cineclub português». Grande parte deste êxito deve-se, negativamente, à acção, discreta mas eficaz, metódica e consciente do jornalista Manuel de Azevedo. Não haja sobre isso quaisquer dúvidas!

(*) Escritor, crítico cinematográfico e autor de vários ensaios sobre cinema.



As barracas de Martim Moniz, o Estado de Direito e o Monumental

Três temas aparentemente distintos, mas mental e estruturalmente interligados nas nossas modestas subsequentes considerações. **Barracas de Martim Moniz**, são as do Largo desse nome, condenadas a deslocarem-se para algures em Lisboa. **Estado de Direito**, reproduzimos, com a devida vénia, do artigo (*) de Artur Cunha Leal, deste jornal do dia 4, a seguinte definição, que nos parece não ter atingido apenas «em alto grau as camadas intelectuais do País» — ou os «bem pensantes» como lhes chama o sr. ministro da Justiça (citando também do oportuno e utilmente sintético artigo referido): não ter atingido apenas essas camadas, porquanto é, certamente, por isso, que aqui estamos. **Monumental**, todos o imaginarão, trata-se neste contexto que desenvolveremos sucintamente, «apenas» do Cine-Teatro Monumental, da Praça do Duque de Saldanha, também de Lisboa, como o é, idênticamente, e por definição, o nome deste prestigiado jornal em que muito nos honramos de colaborar.

«Estado diz-se de Direito quando estes três Poderes (legislativo, executivo e judicial) se encontram divididos e, entre si, separados, pormenor esse que é, **universalmente**, considerado como a sua característica definidora fundamental. Nele se consubstancia, de facto, a **fórmula prática de assegurar a limitação efectiva do Poder político e, simultaneamente**, garantir os direitos individuais dos cidadãos». (sublinhados nossos).

Na última sessão pública camarária, espécie de Parlamento Municipal, como o diria António Sérgio, (que conhecemos pessoalmente, até em relações de afectividade bem pró-

ximas), por ordem do presidente da CML (sr. Krus Abecasis) a Polícia (Municipal, cremos) interveio para «desbaratar» a aglomeração de representantes dos detentores de barracas do Largo de Martim Moniz. Veja-se noticiário relativo a essa sessão pública.

Meditando agora, na imensamente justa definição de Estado de Direito, de Artur Cunha Leal, (com quem frequentámos o Liceu de Camões, embora ligeiramente distanciado dele, em nível de curso) e no seu clarividente artigo (que estabelece a precedência dos três referidos poderes e a forma sequente como devem agir ou deliberar integrados na estrutura Estado), desejáramos esclarecer-nos (embora talvez iludidamente o estaremos já) da razão por que, em face das ocorrências, não interveio na demolição do Monumental, impedindo-a (de direito), a mesma Polícia ou outra. Porquanto, ainda, se lê no mesmo «Diário de Lisboa» do dia 4: «De nada valeu, nem à torre (do Monumental) (...) a decisão (de não demolição) do Supremo Tribunal Administrativo.»

Sabe-se, por outro lado, que ilegalidade tenderá a arrastar outra ou outras ilegalidades. Ou não é, **de facto e universalmente**, assim? Porque se limita a manifestar a sua estranheza a vereação da municipalidade de Lisboa, isto é, os nossos representantes camarários eleitos, que ali defendem os nossos direitos municipais e a legalidade judicial camarária administrativa?

R. Toulson A. Leite

(*) — Use as suas prerrogativas, Senhor Presidente!

Gerontocracia política: Reagan e Tchernenko depois de Khomeiny



Ronald Reagan e Constantin Tchernenko, com 73 anos, cada um, estão bem classificados num estudo sobre a gerontocracia política, revelado pelo Departamento de Estatísticas do Centro Nacional dos Estados Unidos.

Esta classificação é encabeçada pelo «ayatollah» Khomeini, de 84 anos.

Ronald Reagan é o presidente norte-americano com mais idade em toda a história política dos Estados Unidos, seguido de Dwight Eisenhower, que tinha 70 anos quando deixou o cargo. Reagan é sete meses mais velho do que o soviético Constantin Tchernenko.

Segundo o estudo do Departamento de Estatísticas, a esperança de vida de uma pessoa nascida em 1911, ano em que nasceu Reagan é de 48,23 anos.

Por outro lado, todos aqueles que nasceram em 1911 e que já completaram os 65, viverão até aos 76,51 anos, de acordo com esse estudo que não contempla casos particulares.

Uma equipa de médicos do Centro Médico Naval de Bethesda, em Maryland, deu recentemente a informação de que o presidente Reagan, que se apresenta às eleições em Novembro, para um novo mandato de quatro anos, se encontra numa «excelente forma física».

Se Ronald Reagan conseguir o seu segundo

mandato, quando abandonar a Casa Branca estará a menos de um mês de completar os 78 anos.

No que respeita à «geração de jovens», uma aproximação estatística do serviço de notícias do Congresso norte-americano, refere-se à primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, com 58 anos, ao chanceler da Alemanha Federal, Helmut Kohl, com 54 anos e ao candidato democrata norte-americano, Walter Mondale, de 56 anos.

O dirigente político mais velho no exercício de funções é o «ayatollah» Khomeini e o segundo homem mais velho a ocupar um posto da máxima responsabilidade política é o imperador japonês Hirohito, de 83 anos, apesar da sua competência ter diminuído consideravelmente desde a Segunda Guerra Mundial.

Com 66 anos de idade, a primeira-ministra da Índia, Indira Gandhi, é a mulher com mais idade a chefiar um país.

No Congresso dos Estados Unidos, dos 534 membros que constituem a Câmara de Representantes e o Senado, só 51 têm mais de 65 anos e destes últimos, 15 são mais velhos do que o presidente.

Outro estadista «veterano» foi Winston Churchill, que tinha 89 anos quando ainda discursava na Câmara dos Comuns.

Ainda a «L» Democrática

ERTENCE humor cinzalista classificados pelos apelidos de tanta atitude

antifascista inequívoca. Artur Cunha Leal, hoje nos activo na liderança josa que não se remete que o seu dever cívico — jornal ao qual seu p Leal, confiou, em tempo políticos de grande importância da Lei de Seg tra e o espírito da Cons ciente ou insensata in do Governo PS/PSD, cândalo político, o de da República.

O apelo do dr. Artur gativas, senhor Presid um texto político de in argumentação jurídica Interna, hoje já conhe de insegurança democ eminente mestre de D ma Carlos, de juristas bros dos seus órgãos e Olindo de Figueiredo nistério Público à Orde a votaram e não soube votaram e a soberam da lei.

Para o dr. Artur acompanhado pelos deiros antifascistas, a entrevista que conce 1984), é aberrante. Dis temente da lei, supon tas a sacrificar aquilo valores que são super

Estão em causa, como o dr. Artur Cunha do n.º 2, do Art.º 18.º a sa. Em vez da declara trariamos (ou entrarem regime de sacrifício do res que são superiores ditava a «ordem jurídica que escolhia, definia, minuída capacidade c polícia, que servia os vontade colectiva, neg PS-PSD, aparecia out A consideração dos «v prevalecia em relação e à dignidade do cidad mação da autoridade, são superiores», que p político, eram definic Quem detinha esse pr era asfixiada por esse fascismo.

Não vamos repro argumentação sólida a «esse monstruoso a do País...», queremos licitar ao Presidente d

Oitava

Alexandre Ramos

F oi, como é hábito Évora, a 14 e 15 do sado mês.

Balanço da actividade nómica e a denúncia públ que têm sido os maus trato que tem passado a Re Agrária, ao abrigo da lei Ba A partir daqui mais de duas tenas e meia de UCP's destruídas, substituídas, não podia deixar de ser, po de 400 herdades abandon São 238 os recursos ganh Supremo Tribunal Admini contra a entrega ilegal de vas.

Milhares de máquinas r das e milhares de cabeço gado extorquidos às UCP Um rosário de injustiças malfetórias. Um cortejo d lências, de arbitrariedade



política de A a Z

Ainda a «Lei de Insegurança Democrática»

PERTENCEU à aliança eleitoral que, num dia de humor cinzento e contabilístico, um dirigente socialista classificou de «mau negócio», e, não só pelos apelidos de que se orgulha, como pela constante atitude de democrata, como pelo passado antifascista inequívoco, como pela formação de jurista, o dr. Artur Cunha Leal, hoje afastado da tribuna parlamentar e menos activo na liderança da ASDI, é uma voz combativa e corajosa que não se remete ao silêncio quando tem a consciência que o seu dever cívico é fazer-se ouvir. No «Diário de Lisboa» — jornal ao qual seu pai, o engenheiro Francisco da Cunha Leal, confiou, em tempos do reinado de Salazar, depoimentos políticos de grande interesse — veio à estacada dizer o que pensava da Lei de Segurança Interna, do atentado contra a letra e o espírito da Constituição que tal lei representa, da consciência ou insensata inconstitucionalidade que fere a conduta do Governo PS/PSD, do que considera ser, perante este escândalo político, o dever moral e institucional do Presidente da República.

O apelo do dr. Artur Cunha Leal — «Use das suas prerrogativas, senhor Presidente!», («DL», edição de 4/8/1984) — é um texto político de instante interesse apoiado numa sólida argumentação jurídica. A condenação da Lei de Segurança Interna, hoje já conhecida pelo mais adequado título de «Lei de Insegurança democrática», dir-se-á que está feita. De um eminente mestre de Direito, como o professor Adelino da Palma Carlos, de juristas filiados no Partido Socialista e membros dos seus órgãos directivos como os drs. Jorge Sampaio e Olindo de Figueiredo, do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público à Ordem dos Advogados, dos deputados que a votaram e não souberam defender aos deputados que a não votaram e a souberam criticar, resulta uma reprovação geral da lei.

Para o dr. Artur Cunha Leal, e nesse seu juízo estará acompanhado pelos democratas verdadeiros e pelos verdadeiros antifascistas, a afirmação do ministro Rui Machete, na entrevista que concedeu ao «Diário de Notícias» (15/06/1984), é aberrante. Disse o ministro: «E, mesmo independentemente da lei, suponho que todas as pessoas estão dispostas a sacrificar aquilo que formalmente são direitos a outros valores que são superiores».

Estão em causa, no raciocínio do ministro Rui Machete, como o dr. Artur Cunha Leal recorda, os limites, as condições, do n.º 2, do Art.º 18.º da Constituição da República Portuguesa. Em vez da declaração constitucionalmente prevista, entraríamos (ou entraremos se a «Lei tenebrosa» vingar), num regime de sacrifício dos direitos democráticos «a outros valores que são superiores». Era assim no reinado de Salazar. Ele ditava a «ordem jurídica» em nome dos «valores superiores» que escolhia, definia, determinava. O cidadão vivia a sua diminuída capacidade cívica à mercê de uma política, e de uma polícia, que servia os «os valores que eram superiores». A vontade colectiva, negociada, do compromisso dos dirigentes PS-PSD, aparecia outrora concentrada na vontade ditatorial. A consideração dos «valores superiores» pelo ditador fixados prevalecia em relação aos direitos democráticos e à liberdade e à dignidade do cidadão. Havia quem tivesse, na brutal afirmação da autoridade, o privilégio de definir os «valores que são superiores», que para o interesse do monopólio do poder político, eram definidos e impostos como «superiores». Quem detinha esse privilégio, era o ditador. A ordem jurídica era asfixiada por esses «valores superiores». Era o tempo do fascismo.

Não vamos reproduzir, repetir para os leitores do «DL», a argumentação sólida e lúcida do dr. Artur Cunha Leal quanto a «esse monstruoso acervo de violações à Lei fundamental do País...», queremos, segui-lo, no raciocínio que o leva a solicitar ao Presidente da República, que, perante a **demissão**

política e moral da Assembleia da República use das suas prerrogativas». Com efeito, perante esta demissão política e moral da Assembleia da República, com a honrada excepção de alguns deputados, a reserva expressa de muitos, as ausências de uns quantos e a omissão táctica do próprio Presidente, a segunda figura da hierarquia do Estado democrático, cabe ao Presidente da República, verificada a obstinação do Executivo, uma das três atitudes ou cumulativamente duas das três atitudes possíveis: a) vetar a lei por razões de ordem política e de inconstitucionalidade (Art.º 139.º, n.º 1, da Constituição); b) demitir o Governo (Art.º 137.º, alínea g), da Constituição); c) dissolver a Assembleia da República (Art.º 137.º, alínea e), da Constituição).

Não pode o Presidente da República, na opinião do dr. Artur Cunha Leal, ver-se «ele também, envolvido no processo da degradação das instituições democráticas que à maioria dos portugueses tanto preocupa». Envolvimento que, natural e automaticamente, resultará de uma atitude de passividade. As férias em que entrou o Parlamento podem constituir um motivo de adiamento, não podem dispensar essa atitude. O Governo colocou-se à margem da Constituição de Abril. A Assembleia da República mostrou-se, globalmente, nos resultados práticos, incapaz de a defender.

A situação é grave e é escabrosa. Um defensor do Governo PS-PSD, não porque o considere **exemplar**, mas por o considerar o **único** possível em face da composição de uma Assembleia da República resultante de eleições disputadas há pouco mais do que um ano — o dr. Manuel José Homem de Melo — não se eximiu a afirmar: «Na verdade o que acaba de se passar com a apresentação, discussão e votação da chamada Lei de Segurança Interna merece os mais vivos — e duros — reparos». E, comentando o que na elaboração, apresentação e discussão da Lei lhe parece transgredir a «transparência governativa» que o sistema democrático implica, o dr. Manuel José Homem de Melo escreve: «A Lei de Segurança Interna poderá passar paradoxalmente à história — à pequena história — como **Lei da insegurança dos cidadãos**. Seria difícil chegar-se a pior resultado» («A Capital», 1/8/1984).

Do «resultado», no seu aspecto de ofensa à moralidade pública, à constitucionalidade democrática, à esperança de Abril, não se salvará este Governo e dificilmente poderão pedir absolvição **estes dirigentes partidários**. Mormente se, no PS, a máquina disciplinar ditar sanções contra um Manuel Alegre, um Mário Sottomayor Cardia, um Eurico de Figueiredo. Do «resultado» — e era «difícil chegar-se a pior resultado», como escreveu o dr. Manuel José Homem de Melo — não poderá alhear-se o Presidente da República. Está em causa o que na **resolução antifascista** foi um objectivo essencial: o respeito das liberdades individuais, o respeito da dignidade do cidadão, o respeito da autêntica democracia.

Não existem «valores superiores» que possam derrogar, tornar vulnerável e violável, o aspecto essencial da Democracia política: o respeito dos direitos do Homem e do cidadão, do homem-cidadão. O Presidente da República como principal garante da «ordem constitucional» fica confrontado com o apelo que, nas colunas do «Diário de Lisboa», lhe dirigiu o dr. Artur Cunha Leal. Um movimento de opinião gerou-se no País e já levou a Belém a expressão de preocupações que são longamente partilhadas. Documentos de vária índole têm recolhido assinaturas. Reinicia-se o protesto textual, como antigamente. Mas é, de «antigamente» que se trata, é de «regresso» que nos ameaçam, é o «restauracionismo» que faz caminho, que conquista espaço e cumplicidades.

O País está surpreendido com a Lei e está preocupado com os deputados. A situação é paradoxal. Os «eleitos do povo» legislam contra os «eleitores». A Assembleia da República reduz-se a registar a vontade de um Governo, os deputados submetem-se à vontade dos líderes partidários.

A Democracia foi gravemente atingida, na sua essência, dez anos depois de Abril.

A Arara

José Manuel Jara

Uma arara de verdade é um pássaro, mais rigorosamente uma ave trepadora, cujo aparelho auditivo e fonador está especialmente adaptado a fazer eco do que se lhe conta. Dai talvez o próprio nome: **ar ar**. A esta rara qualidade, inédita por pouco na Natureza, junta-se o leque das belas cores tropicais de avis rara. Cor e voz tornam-na vaidosa, consciente como é da beleza e talento.

Põe o pé aqui, põe ali e vai declamando palavras e sons que aprendeu, que ouviu de quem por lá passou. Não há uma igual a outra, sempre diferentes nas maneiras e nos retoques. Poleiro acima, poleiro abaixo, trepa por aqui e por ali. De barriga cheia, fala: para entreter, dar uso à língua e, acima de tudo, fazer eco.

— **Olá, ouve cá, ouve lá, o cá, jacó meu**

E, é mesmo assim, para qualquer frequentador de certos locais da cidade, sem excluir o zoo doméstico.

Respeite-se um pouco mais a ave que pelo nome dá de arara.

CRÓNICA AGRÍCOLA

Oitava Conferência da Reforma Agrária

Alexandre Ramos

Foi, como é hábito, em Évora, a 14 e 15 do passado mês.

Balanço da actividade económica e a denúncia pública do que têm sido os maus tratos por que tem passado a Reforma Agrária, ao abrigo da lei Barreto. A partir daqui mais de duas centenas e meia de UCP's foram destruídas, substituídas, como não podia deixar de ser, por mais de 400 herdades abandonadas. São 238 os recursos ganhos no Supremo Tribunal Administrativo contra a entrega ilegal de reservas.

Milhares de máquinas roubadas e milhares de cabeças de gado extorquidos às UCP's.

Um rosário de injustiças, de malfetorias. Um cortejo de violências, de arbitrariedades, de

confrontos físicos e jurídicos.

Uma terrível mostra de luta de classes na Agricultura, um exemplo clássico do poder dominante, um exemplo bem vivo de que as teses fundamentais do marxismo não estão, de algum modo ultrapassados, como pretendem os analistas da terceira vaga.

A revolução cria os seus novos direitos. Direitos que resultam da vitória sobre as estruturas e relações sociais de produção que eram bloqueadoras de progresso e criação de riqueza.

Entre as muitas razões que alicerçaram a Revolução de Abril estava, sem dúvida, a existência do latifundismo no Alentejo. A sua aniquilação no espaço alentejano, era e é, tão fundamental à democracia, como os direitos primários da liberdade.

Os inimigos da Reforma Agrá-

ria são os mesmos inimigos da liberdade. São os mesmos que defendem uma Lei de Segurança, de recente discussão na Assembleia da República.

Seria de facto altamente proveitoso saber ao certo porque razão o Partido Socialista, enquanto partido político, está contra a Reforma Agrária. Grandes responsabilidades lhe cabem em todo este processo, e tanto mais, por ao longo de todos estes anos, ter mostrado que não tem, para o sector agrícola, quaisquer projectos ou programas.

É um pneu vazio.

É difícil aceitar tal facto. Torna-se todavia incompreensível, mesmo admitindo o Marx ultrapassado, que se considere a permanência, em nossos dias, do regime latifundiário. Não há alternativa: ou cooperativas de

trabalhadores, ou latifundiários.

Na hora da realização desta «Oitava Conferência» anunciava-se que estava pronta uma nova lei da Reforma Agrária, e se dizia, que no essencial era para acabar com a Reforma Agrária.

Poderá haver mal que venha por bem, pois, nos parece serem tão profundas as raízes lógicas da Reforma Agrária, que extirpá-la não é fácil.

Poderá acontecer, como no caso dos dentes bem implantados. Ao arrancá-los vêm os queixais agarrados.

NÓS E A CEE

Segundo dizem os entendidos estamos metidos nelas. Nelas, aqui, é a CEE. O jornal alemão federal «Frankfurter Ruuds-

chau» admite-se um «**choque europeu devido à fraqueza das estruturas industriais portuguesas, cujas consequências económicas são imprevisíveis**».

O jornal afirma que em Bruxelas **existe consumo quanto à necessidade de Portugal ser abanado até 1986 que tenha consciência das consequências da adesão**.

E, continua o «Jornal de Notícias» do dia 18, donde estamos a extrair as declarações supracitadas Theo Hustinx, director da delegação da CEE em Lisboa o jornal alemão admite a possibilidade de uma **invasão industrial** nos anos seguintes à adesão.

Portugal é apresentado aos leitores como «o país mais pobre da Europa com um rendimento per capita de 2500 dólares anuais. Para o resto da comuni-

dade, este valor situa-se entre os 45 e os 13000 dólares anuais.

Para Bruxelas, Portugal é de facto em comparação com a Espanha — um peixe miúdo».

Da velha mas ainda prestigiosa revista agrícola, «Gazeta das Aldeias», do editorial do seu número de Junho do ano que corre transcrevemos:

«A integração num grupo de países mais desenvolvidos pode representar uma vantagem ou um inconveniente, se não soubermos aproveitar as oportunidades que se nos oferecem. Somos a favor da integração, mas não de uma integração apenas política, insuficiente para resolver os grandes problemas nacionais.

«Infelizmente parece que é isso que tem acontecido, pois as

Incidentes diplomáticos: falha na lei internacional

Uma recente erupção de incidentes diplomáticos — incluindo a morte de uma mulher-polícia britânica e o rapto abortado de um diplomata nigeriano — sublinharam a existência de falhas na legislação internacional.

Mas peritos em Direito da Comissão de Direito Internacional, com sede em Genebra, estão a debater-se sobre tais falhas na sua reunião anual. Para já, afirmam que elas não deverão ser colmatadas tão cedo.

«Tais incidentes são o tipo de assuntos que a comissão discute», declarou um diplomata ocidental. «Mas apesar da sua característica dramática, a comissão raramente reage directamente a um acontecimento».

A comissão reconhece a existência de falhas nas leis, por exemplo, nas Convenções de Viena de 1961 e 1963 sobre as relações diplomáticas e consulares, mas modificá-las leva algum tempo. «É uma questão processual, mais do que de vontade, de apreciação do direito internacional mais do que de correcções instantâneas».

«Julgo ser justo dizer que nada de rápido em termos de legisla-

ção sairá desta reunião», declarou Stephen C. McCaffrey, professor de Direito na Universidade do Pacífico, em Sacramento, Califórnia.

A comissão inclui peritos em Direito de 34 países, designados oficialmente mas com a condição de independentes. Foi formada em 1947 para proceder à codificação e desenvolvimento progressivo das leis internacionais.

Todos os anos, os seus membros reúnem na sede europeia das Nações Unidas, em Genebra, elaborando artigos de leis sobre o mar, relações diplomáticas, tratados e organizações internacionais, transmitindo-os depois à Assembleia Geral da ONU, em Nova Iorque, para apreciação.

A Assembleia Geral pode, eventualmente, convocar uma conferência internacional para rever as leis, com base em recomendações da comissão.

A maioria das pessoas raramente presta atenção, mas neste ano o primeiro de uma série de incidentes diplomáticos alterou a situação.

Várias notícias referiram que a

Grã-Bretanha iria propor emendas à Convenção de Viena de 1961 sobre relações diplomáticas na sequência da morte, em Abril, de uma mulher-polícia alvejada a tiro no exterior da Embaixada líbia, em Londres, durante uma manifestação.

Membros da comissão afirmam que a incapacidade da Grã-Bretanha de encontrar a arma ou o autor dos disparos, em virtude do respeito pelas restrições da Convenção de Viena, foi exposta na reunião, durante o debate do estatuto dos correios diplomáticos e malas diplomáticas.

Mas a apreciação que a comissão fez destes assuntos não teve por objectivo a alteração da Convenção de Viena, mas antes preencher as lacunas existentes na legislação, reunindo tudo numa nova convenção.

Depois do conflito entre Londres e Trípoli, que culminou com um corte de relações, a Grã-Bretanha viu-se novamente envolvida num outro incidente diplomático — desta vez em Julho, quando um político nigeriano exilado, Umaro Dikko, foi encontrado drogado num contentor di-

rigido ao Ministério nigeriano dos Negócios Estrangeiros, em Lagos.

Um terceiro incidente ocorreu duas semanas mais tarde, virtualmente à porta da própria comissão. Desta feita, consistiu na recusa suíça de aceitar um camião soviético de nove toneladas com **bagagem diplomática**. Quando os soviéticos recusaram entregar a lista do conteúdo, o camião foi enviado de regresso a Moscovo, sem ser aberto.

O caso suíço-soviético foi um dos abordados igualmente na comissão: qual a dimensão máxima autorizada para as bagagens diplomáticas e quando podem as autoridades alfandegárias **desafiar** o seu conteúdo e exigir uma inspecção.

Alguns membros da comissão mostram pelo menos simpatia com algum tipo de mecanismo de inspecção de bagagens diplomáticas e consulares, disse McCaffrey. Mas a comissão ainda não concluiu os seus debates acerca da inviolabilidade das bagagens e prosseguirá provavelmente no próximo ano.

Outras razões existem para que, em breve, surjam alterações na legislação internacional. Uma é a de que, apesar dos incidentes, as leis que governam os incidentes diplomáticos são basicamente observadas em todo o mundo. Mudá-las seria, por isso, perturbar um **status quo** bem aceito.

Poderíamos sugerir mudar ou reexaminar rapidamente as leis, mas na prática alguns delegados poderão não querer alterar as convenções porque elas são bastante generalizadamente aceites, declarou um membro.

Outro problema é que, apesar dos incidentes individuais, a maior parte dos países depende da inviolabilidade das suas malas diplomáticas para os seus próprios objectivos de política externa, e poderão vir a perder mais do que a ganhar, a longo prazo.

Se os diplomatas britânicos querem gozar de imunidade no estrangeiro, então é necessário acordar direitos equivalentes para os diplomatas estrangeiros que se encontram no seu país, afirma o ministro bri-

tânico dos Negócios Estrangeiros Sir Geoffrey Howe. **E é vital para os nossos diplomatas gozarem daquela imunidade para a segurança dos interesses britânicos.**

Se a comissão decidir efectivamente proceder a alterações na legislação — e McCaffrey diz que a **comissão teria sorte se completasse um assunto em cinco anos** — os países terão, com efeito, de tomar a lei nas suas próprias mãos.

Apesar das suas reservas, hoje anunciou novas regras estritas de conduta para os diplomatas estrangeiros em Londres, e um deputado britânico propôs a redução da utilização das malas diplomáticas, decisões que a serem tomadas poderão conduzir eventualmente a alteração ou criação de novas leis internacionais, definidas com mais precisão.

Não me surpreenderia se dentro de quatro ou cinco anos houvesse uma nova lei internacional concedendo uma maior flexibilidade aos estados anfitriões, declarou McCaffrey.

Thomas W. Netter, AP/NP- /DL

Oitava Conferência da Reforma Agrária

Continuação da pag. 3

negociações são feitas à porta fechada, não sendo dado o devido conhecimento dos resultados, nem se procurando previamente ouvir as opiniões dos interessados de cada sector, de maneira a criar um maior desenvolvimento de todos.

«No 'dossier' Agricultura, onde tem surgido os maiores problemas, de responsáveis pelas negociações tem mantido os agricultores no desconhecimento do que lá se está a tratar, como também não tem informado devidamente sobre o que há que fazer para minimizar o choque da adesão. Além do mais, nem se tem preocupado em informar dos meios financeiros que a comunidade tem posto à disposição do país, nem da forma como pensam gastá-los».

«Existem, verbas que ascendem a milhões de contos destinados à modernização da nossa agricultura, que se encontram paralisadas por falta de projectos onde as aplicar».

Três amigos estavam a conversar à mesa de um café na província sobre os textos do «Jornal de Notícias» e da «Gazeta», quando chegou o Talhadas que notou os seus ares preocupados. Depois de inteirado do assunto lhes disse:

— Não vos afligeis. Aqui a CEE não passa. Já está engolida. Está no papo.

E o Talhadas, que vinha satisfeito como um cuco, porque tinha posto na feira de Trancoso umas lentes de contacto verdes nos olhos do tafetá e este, por ora, ainda comia a palha como se fosse erva, discursou ao jeito do que se segue:

— Não vos afligeis, repito. Os projectos não são precisos para nada. O que é preciso é o cacau. Sempre se lhe há-de dar sumisso.

É que oitenta milhões de contos, ou seja mais ou menos oito milhões por ano dá para muita coisa, como por ex., apartamentos no Algarve, ou em Marbella para não dar tanto na vista, umas transferências para a Suíça e, depois, uma casa de fim-de-semana em Bucelas com mil cepas de Arinto num programa de reconversão de vinha.

Depois, quando vier a inspecção, mostra-se a vinha própria e dos vizinhos até onde for necessário para perfazer os 10 ou 20 Ha do plano.

Por razões do destino a dar ao pinga que vem de fora há que manter o sigillismo, como é óbvio e lógico.

Vai-se agora dizer e informar os agrícolas de que há massa disponível? Não faltava mais nada. Não lembrava ao Diabo.

A massa é para quem é, e, muita dela, já tem, como no fado, o seu destino marcado.

Segundo consta já há muitos candidatos. Aguardemos e va-

mos ver.

O Talhadas com a ronha e manha de séculos que temos acumulado, disse alto e bom som a quem quis ouvir que não temos que ter receio da CEE, mas que a CEE é que tem de ter medo da gente. E continuou o discurso: Isso de dizer que vamos apanhar um safanão, um empurrão para andar para a frente, que é preciso liquidar o imobilismo e adoptar as nossas estruturas aos novos tempos, tudo isso é história.

De resto seria não ter na devida atenção a nossa grande experiência de resistência ao progresso, seria contra as leis da economia, um atentado à razão, se demasiado nos preocupássemos.

E porque?

Pelas três razões entre as muitas que exigem e se deduzem.

Primeira razão: É ou não é verdade que o Mercado Comum é um espaço agrícola excedentário. E ninguém tem dúvidas.

É ou não verdade que o espaço português é um espaço de carência em produtos alimentares? É. Também ninguém tem dúvidas.

Ora, assim sendo, nós não temos nada que estar a produzir mais. O nosso dever é consumir.

É por isso que se estão a abrir a toda a pressa as estradas em, direcção à fronteira. É para entrarem os camions TIR. Os centros alfandegários de Lisboa e Porto já estão a funcionar. Os TIR pouco levam daqui, tem é muita coisa

para fazer.

Segunda razão: É ou não verdade, que nós, depois dos Descobrimentos, temos demonstrado uma grande resistência ao progresso, à inovação? Ninguém tem dúvidas. Ora essa experiência acumulada e que é viva nos tempos presentes como facilmente se demonstra, vai agora ser de um valor incalculável para não permitir o desenvolvimento da produção agrícola que iria agravar os problemas do Mercado Comum.

Poderemos dar alguns exemplos.

Conservamos ou não até hoje os latifundiários? Claro que sim. Se levaram ou não um safanão depois do 25 de Abril isso foi obra de tolos que pagaram com o corpo e alma a tontice de querer produzir mais.

É ou não verdade, que andamos a tratar, há trezentos anos, dos planos do Baixo Vouga e dos campos do Baixo Lima?

Claro que sim.

É ou não verdade que andamos a chocar pelo menos há sessenta anos o plano da beterraba sacarina?

Claro, que sim.

Os exemplos poderiam multiplicar-se até ao infinito. Quando falamos em Reforma Agrária não esqueçamos que a falação começou com o D. Dinis. Já lá vai um bom par de anos.

Como dizia, esta notável experiência de resistência ao progres-

so, esta singularidade de obstar ao desenvolvimento da produção agrícola, que fomos na Europa, nos últimos cinquenta anos, os únicos que conseguiram um tal objectivo é agora particularmente útil.

O Mercado Comum não tem que aumentar a produção, tem que refreá-la. E disso sabemos nós. Para tanto temos estruturas muito válidas. Temos quadros suficientes em número e qualidade e uma formação profissional adequadíssima.

Numa primeira fase poderemos mandar para Bruxelas um ministro da Agricultura, dez ou vinte secretários de Estado e entre directores de serviço, chefes de divisão, chefes de repartição, poderemos dispor de largas centenas de quadros devidamente instruídos para as responsabilidades que vão assumir.

Nunca é demais enaltecer o que tem sido a nossa eficiência neste campo. É tal, essa eficiência, e está tudo tão bem organizado que temos por aí muitos inspectores em pousio.

Ora bem. Toda esta gente pode ir ajudar a CEE.

Terceira razão: A questão dos fundos que como se mostram preocupa o editorialista da «Gazeta das Aldeias». Não deve haver preocupação de maior. Como atrás disse, temos, também, suficiente organização para não os deixar perder. E como manda a

lógica cartesiana deve omitir-se a todo o custo o investimento no sector primário para não complicar a vida do Mercado Comum. Tudo, menos isso.

Quarta e última razão: A grande experiência que também temos em matéria legislativa — Coimbra, desde o tempo que por lá passou o Inácio de Loyola, é um autêntico vespeiro jurídico — deixa-nos descansados. Não há que recear que a CEE venha para aí com a mania de fazer legislação para cumprir nem o IVA (Imposto de Valor Acrescentado), nem fraude fiscal, nem o rigor de informações estatísticas, nem o contrabando, nem a economia paralela. Tudo isso, para nós, é queijo. Temos a tal experiência que eles não têm. Esses povos do Norte da Europa ainda estão, nos tempos de hoje, imbuídos daqueles preconceitos da reforma religiosa que por um tostão mandavam degolar o desgraçado. Eles fizeram do dinheiro um Deus e nós não. Nós fizemos da caridade o Deus. Entre eles e nós há uma grande diferença. Em matéria de Estado e legislação nós estamos muito à frente. Cada um é que sabe a legislação que lhe convém. Deixa-nos vir que eles aqui derretem as arrogâncias.

Depois deste discurso o Talhadas foi-se.

Os três amigos ficaram a pensar nas razões do Talhadas.

Cabaz de co Meta os ma

Os trabalhadores metalúrgicos portugueses são os mais ricos da Europa Ocidental pelas horas de trabalho que recebem para adquirir bens de consumo.

Segundo um estudo pela FITIM — Federação Nacional dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, em Genebra, em 1983, os portugueses do sector eléctrico não foram os mais ricos, enquanto os da construção receberam 106\$10/hora, o sector eléctrico não foi dos 85\$20/hora e os trabalhadores do ramo automóvel mais bem pagos (301\$) nas paridades de poder de compra não foram os mais utilizados no referido sector.

O trabalho efectuado na organização e que cerca de 50 países, pôde o desequilíbrio entre países industriais e países em vias de desenvolvimento e insiste sobretudo na renha dos níveis de vida, paridade, por vezes por poder de compra entre países que desempenham as tarefas.

Mais uma vez a FITIM a fazer o diagnóstico. O estudo não tira conclusões simplesmente que **de Compras dos Meta** em horas de trabalho tem muito diferentes dependências e deixa às organizações sindicais, ao patronato, ao governo que façam o seu pagamento. O problema é o suor pode servir de um valor universal, podendo a FITIM, cada país, preço, apesar da produção o esforço humano serem os mesmos.

Para a elaboração do FITIM baseou-se nos dados expressos em trabalho, no salário-médio, depois de deduzidos os custos para a segurança social, os impostos a que os trabalhadores estão sujeitos. Os seleccionados foram os dos bens de consumo de média.

Mas vejamos o que valem dos trabalhadores em...

No Canadá: 24 minutos por 1 kg de carne

Os metalúrgicos do siderurgia, com maior compra foram os norte-americanos: 106\$50/hora, mais os quenianos, pelo do mesmo ofício, tiveram de se contentar com a quantidade de 30\$10/hora, assim cerca de 10\$00 que auferiram os assalariados do Bangladesh.

Os operários siderúrgicos portugueses receberam 12\$50 por hora (menos 12\$50 que o que equivale a um de 112\$50 em relação camaradas espanhóis).

Na lista dos mais bem pagos contam-se, além dos Unidos, os alemães (98\$30/hora), os austríacos (81\$20/h), os dinamarqueses (63\$60/h) e os neozelandeses (62\$30/h).

Quanto aos mais pobres, os filipinos (29\$), os indianos (29\$), os maurícios (34\$00/h) e os senegaleses (40\$00/h).

Em termos de salário real parece ser um fenómeno...

Assim, para comprar carne de vaca os portugueses tiveram de trabalhar menos, 2 horas e 29 minutos (mais 42 minutos que em Portugal) para obter a mesma quantidade de carne.

**CINEMA
A ESTREAR**

VENDE-SE

Em centro comercial, sala para aprox.

240 lugares no centro do Porto.

TELEF. 67 41 34/5/6

**AOS SRS. EMIGRANTES
E NÃO SÓ**

OFERECEMOS-LHE A OPORTUNIDADE DE INVESTIR O SEU DINHEIRO NUMA GRANDE PECUÁRIA.

DAMOS UM LUCRO IMEDIATO

PODE IR ATÉ 60 % AO ANO

PAGO MENSALMENTE E COM GARANTIA ABSOLUTA

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTAR COM OS

84 30 60 E 82 73 45

RUA ILHA DO PRÍNCIPE, N.º 2, R/C. DTO. LISBOA

ATENDEMOS TAMBÉM AOS SÁBADOS

INSCRIÇÕES EM NÚMERO LIMITADO

tel
TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA

**Teatro
Vasco Santana**



**«QUANDO A BANDA
TOCAR»**

HOJE ÀS 21.30 h.

Texto, direcção e encenação de Luzia Maria Martins todos os dias às 21.30 excepto às 2.ªs feiras. Matinée aos domingos.

20.º ANIVERSÁRIO
Desconto de 50% para estudantes, sindicatos, comissões de trabalhadores etc...
Sub/Mont.

Eurico Pinto

Mateus

Eurico Pinto Mateus, antigo tarrafalista, a quem tinha sido atribuída a respectiva pensão (que só recebeu durante um mês) faleceu ontem na casa de repouso da Alameda, em Lisboa. O funeral está marcado para hoje às 15 horas, partindo da Igreja dos Anjos. Era primo do nosso camarada, chefe da secção de montagem, Manuel Pereira.

VENDEM-SE

Pastores alemães

Telf. 367235

(hora expediente)

co dos Negócios Estrangeiros Sir Geoffrey Howe. E é vital para os nossos diplomatas terem daquela imunidade para a segurança dos interesses britânicos.

Se a comissão decidir efectivamente proceder a alterações à legislação — e McCaffrey diz que a comissão teria sorte se completasse um assunto em cinco anos — os países terão, em efeito, de tomar a lei nas suas próprias mãos.

Apesar das suas reservas, o rei anunciou novas regras estritas de conduta para os diplomatas estrangeiros em Londres, e o deputado britânico propôs a redução da utilização das malas diplomáticas, decisões que a serem tomadas poderão conduzir eventualmente à alteração ou abolição de novas leis internacionais, definidas com mais precisão.

Não me surpreenderia se dentro de quatro ou cinco anos houvesse uma nova lei internacional concedendo a maior flexibilidade aos estados anfitriões, declarou McCaffrey.

Thomas W. Netter, AP/NP- /«DL»

gica cartesiana deve omitir-se a todo o custo o investimento no sector primário para não complicar a vida do Mercado Comum. Tudo, menos isso.

Quarta e última razão: A grande experiência que também temos em matéria legislativa — Coimbra, desde o tempo que por lá passou o Inácio de Loyola, é um autêntico vespertino jurídico — deixa-nos descansados. Não há que recear que a CEE venha para com a mania de fazer legislação para cumprir nem o IVA (Imposto de Valor Acrescentado), nem fraude fiscal, nem o rigor de informações estatísticas, nem o contrabando, nem a economia paralela. Tudo isso, para nós, é queijo. Temos a tal experiência que eles não têm. Esses povos do Norte da Europa ainda estão, nos tempos de hoje, imbuídos daqueles preconceitos da reforma religiosa que por um tostão mandaram degolar o desgraçado. Eles fizeram do dinheiro um Deus e nós não. Nós fizemos da caridade o Deus. Entre eles e nós há uma grande diferença. Em matéria de Estado e legislação nós estamos muito à frente. Cada um é que sabe a legislação que lhe convém. Deixa-nos vir que eles aqui derretem as arrogâncias.

Depois deste discurso o Talhada foi-se.

Os três amigos ficaram a pensar nas razões do Talhada.

Eurico Pinto

Mateus

Eurico Pinto Mateus, antigo tarrafalista, a quem tinha sido atribuída a respectiva pensão (que só recebeu durante um mês) faleceu ontem na casa de repouso da Alameda, em Lisboa. O funeral está marcado para hoje às 15 horas, partindo da Igreja dos Anjos. Era primo do nosso camarada, chefe da secção de montagem, Manuel Pereira.

VENDEM-SE

Pastores alemães

Telf. 367235

(hora expediente)



Cabaz de compras denuncia

Metalúrgicos portugueses: os mais mal pagos da Europa

Os trabalhadores metalúrgicos portugueses são os mais mal pagos da Europa Ocidental, a julgar pelas horas de trabalho que necessitam para adquirir os mesmos bens de consumo.

Segundo um estudo elaborado pela FITIM — Federação Internacional dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, com sede em Genebra, em 1983 os operários portugueses do sector da siderurgia ganhavam 269\$00/hora, enquanto os da construção naval receberam 106\$10/hora, os do sector eléctrico não foram além dos 85\$20/hora e os trabalhadores do ramo automóvel foram os mais bem pagos (301\$20/hora), nas paridades de poder aquisitivo utilizadas no referido estudo.

O trabalho efectuado por aquela organização e que englobou cerca de 50 países, põe em evidência o desequilíbrio existente entre países industrializados e nações em vias de desenvolvimento e insiste sobretudo na diferença dos níveis de vida e na disparidade, por vezes profunda, do poder de compra entre profissionais que desempenham as mesmas tarefas.

Mais uma vez a FITIM limita-se a fazer o diagnóstico. O documento não tira conclusões, constata simplesmente que o **Cabaz de Compras dos Metalúrgicos**, em horas de trabalho tem valores muito diferentes dependendo das latitudes e deixa às organizações sindicais, ao patronato e ao governo que façam o seu próprio julgamento. O problema é saber se o suor pode servir de referência a um valor universal, porque, segundo a FITIM, cada país tem um preço, apesar da produtividade e do esforço humano serem os mesmos.

Para a elaboração do estudo, a FITIM baseou-se nos ganhos líquidos expressos em tempo de trabalho, no salário-médio-hora, depois de deduzidos os descontos para a segurança social e outros impostos a que os trabalhadores estão sujeitos. Os artigos seleccionados foram considerados bens de consumo de qualidade média.

Mas vejamos o que vale o suor dos trabalhadores em 50 países...

No Canadá: 24 minutos por 1 kg de carne

Os metalúrgicos do sector da siderurgia, com maior poder de compra foram os norte-americanos: 1064\$50/hora, mas em contraste os quenianos, profissionais do mesmo ofício, tiveram que contentar-se com a miserável quantia de 30\$10/hora, mesmo assim cerca de 10\$00 mais do que auferiram os assalariados do Bangladesh.

Os operários siderúrgicos portugueses receberam 269\$00/hora (menos 12\$50 que em 1982) o que equivale a um decréscimo de 112\$50 em relação aos seus camaradas espanhóis.

Na lista dos mais bem remunerados contam-se, além dos Estados Unidos, os canadianos (985\$30/hora), os australianos (817\$20/h), os dinamarqueses (638\$60/h) e os neo-zelandeses (623\$30/h).

Quanto aos mais mal pagos acrescenta-se os filipinos (25\$00/h), os indianos (29\$80/h), os maurícios (34\$00/h) e os indonésios (40\$00/h).

Em termos de salário/hora a realidade parece ser um pouco diferente...

Assim, para comprar um quilo de carne de vaca os siderúrgicos portugueses tiveram (em 1983) necessidade de trabalhar, pelo menos, 2 horas e 29 minutos (mais 42 minutos que em 1982), o que representa para os seus cole-

gas espanhóis apenas 1 h 22 m de trabalho e para os canadianos do mesmo ofício somente 24 minutos, menos 1 m 45 s que os norte-americanos.

A mesma sorte não contemplou os trabalhadores da Maurícia que, para obter o mesmo quilo de carne, tiveram de laborar 9 h 58 m ou os filipinos (8 h 54 m), os coreanos do sul (5 h 40 m) ou ainda os quenianos (4 h 10 m).

Um quilo de arroz, por seu turno, correspondeu para os trabalhadores australianos do mesmo sector a apenas cinco minutos de esforço, metade do tempo que os norte-americanos tiveram de trabalhar e um terço do labor dos assalariados de Trinidad e da Holanda.

Em Portugal, um quilo de arroz equivalia a 17 minutos de trabalho (mais 8 minutos que em 1982). Os espanhóis do mesmo sector precisaram apenas de 9 m 30 s, mas mesmo assim os portugueses trabalham menos que os noruegueses (31 m 45s), os suecos (23 m 30s) e os belgas (20 m 45s).

Contudo, se uns tiveram poder de comprar para o fazer em alguns minutos, o mesmo não aconteceu com os trabalhadores do Quênia, os quais precisaram 3 h 15 m para se abastecerem do mesmo quilo de arroz ou os de Bangladesh (1 h 13 m), da Índia (1 h 30 m), das Filipinas (48 m 30s) ou da Indonésia (40 m 30s).

Operários de sete países conseguiram, em 1983, adquirir um litro de leite fresco trabalhando apenas 5 minutos ou menos, enquanto outros necessitaram duas horas.

No primeiro caso estão os trabalhadores (siderúrgicos) da Nova Zelândia e dos Estados Unidos (3 m 45s), da Austrália (4 m), da Bélgica, Dinamarca e Holanda (4 m 30s). No segundo os filipinos (1 h 59 m), os bengaladeses (1 h 26 m), os indianos (1 h 08 m) e os maurícios (1 h 02 m).

No que toca aos portugueses a compra de um litro de leite obrigou a um esforço de 39 m 30s (o relatório da FITIM citava 3 m em 1982), o que os nuestros hermanos conseguiram em 7 m 45s e os sul-coreanos fizeram em meia hora.

Em Portugal: 2h 46m por 1 kg de peixe

Os metalúrgicos da construção naval com melhor poder de compra, em 1983, foram os canadianos: 933\$00/hora, enquanto os norte-americanos arrecadaram 867\$20/hora, os australianos (736\$30/h), os dinamarqueses (723\$00/h) e os noruegueses (539\$80/h).

Os operários portugueses do sector ficaram-se pelos 106\$10 hora (menos 232\$00 que em 1982) verba inferior a dois terços do que os espanhóis 373\$70/hora.

Os mais mal pagos ou mais explorados são os indianos (24\$00 h), os bengaladeses (29\$80/h), os indonésios (39\$00/h), os maurícios (49\$80/h) e os brasileiros (84\$30/h).

No tocante ao poder de compra de assinalar que em apenas oito dos 31 referenciados neste sector industrial, foi possível adquirir um quilo de pão com o produto de menos de 10 minutos de trabalho, mas noutros países foram necessários de 50 a 90 minutos de esforço.

Verifica-se assim que os países onde foi menor o esforço para comprar pão foram o Canadá (4 m 15s), Dinamarca (4 m 45s), Malta (6 m), os Estados Unidos (7 m 30s), a Irlanda (7 m

45s), a Austrália (8 m 45s), a Nova Zelândia (9 m) e a Noruega (9 m 30s).

No nosso país o mesmo quilo de pão vale 30 m 30s (em 1982 a FITIM referenciava 9 m) de trabalho dos metalúrgicos do sector, cerca de 20 minutos mais que a Espanha, mas apesar de tudo inferior à Suécia (32 m 30s), ao Brasil (33 m 15s), ao México (43 m) e à Colômbia (43 m 30s).

São, no entanto, asiáticos os países onde o pão custa maior suor aos trabalhadores: Bengladesh (1 h 36 m), Índia (51 m) e Indonésia (46 m 15s).

Longe vai o tempo em que o povo português podia comer bom pescado a preços de matar a fome à miséria. Hoje comer certo tipo de peixe é um luxo e um sonho em muitos lares portugueses, entre eles os dos operários da construção naval.

No estudo da FITIM, eles tiveram de trabalhar 2 h 46 m (mais 1 h 52 m 30s do que em 1982) para comprar um quilo de peixe de qualidade média, enquanto aos seus camaradas espanhóis lhes bastou 1 h 31 m e aos islandeses apenas 19 minutos.

Mas, o país onde o peixe custou maior esforço de trabalho foi a Índia: 5 h 57 m, seguindo-se-lhe as Maurícias (4 h 13 m), o Bengladesh (3 h), a Colômbia (2 h 45 m), a Indonésia (2 h 42 m), o Japão (2 h 40 m) e a Itália (2 h 06 m).

Situação mais favorável tiveram os trabalhadores do Canadá (28 m 15s), Estados Unidos (29 m 45s) e a Trindade e Tobago (42 m 45s) e como é evidente a Islândia.

Nas Maurícias: 1054 horas por um frigorífico

Os metalúrgicos norte-americanos do sector eléctrico, segundo o estudo da FITIM, foram tal como os seus camaradas siderúrgicos e do ramo automóvel, os trabalhadores mais bem pagos, nos 50 países abrangidos: 741\$00/hora, enquanto os canadianos atingiram 690\$50/hora, os dinamarqueses (670\$00/h), os australianos (669\$50/h), os noruegueses (518\$70/h) e os suíços (501\$30/h).

Em contrapartida, no Bengladesh um operário do mesmo ofício recebeu pelo mesmo trabalho 23\$70/hora e os assalariados da Índia receberam 29\$80/h, do Quênia (30\$20/h), das Maurícias (49\$80/h) e do México (61\$00/h).

Quanto ao operário português do sector não foi além dos 85\$20/hora, um contraste demasiado evidente em relação aos espanhóis que arrecadaram, em 1983, 351\$20/hora. De assinalar que em relação a 1982, a FITIM referenciava Portugal no sector eléctrico com 338\$00/hora.

Em termos de poder de compra, um par de sapatos, em 1983, custava aos trabalhadores portugueses do sector mais horas de trabalho do que a quaisquer outros trabalhadores dos 39 países referenciados.

De acordo com o estudo, a aquisição de um par de sapatos equivalia no nosso país a 39 h 30 m (9 h em 1982), mais 30 minutos que no México, acima das Maurícias (34 h 45 m), Venezuela (30 h 15 m) e muito superior à Indonésia (25 h 15 m) e ao Bengladesh (25 h).

Os países com mais poder de compra nesse domínio foram os Estados Unidos (3 h 15 m), Singapura (4 h 45 m), Austrália (5 h 30 m), Luxemburgo (6 h 30 m), Suíça (6 h 45 m) e Espanha (7 h).

Um frigorífico com capacidade de 200/250 litros custava aos nossos metalúrgicos do sector eléctrico 296 horas de trabalho, mas os espanhóis puderam liquidar a factura com apenas 63 horas de suor.

Enquanto isso os indianos do mesmo ofício tiveram de trabalhar 1558 horas para conseguir comprar um frigorífico do mesmo tipo, um terço mais que das Maurícias (1054 h) e do Bengladesh (1000 h) e mais do dobro que os indonésios (433 h) e os mexicanos (304 h).

Dos países onde comprar um frigorífico custou menor esforço aos trabalhadores deste sector contam-se a Bélgica (27 h), a Grã-Bretanha (32 h), a Noruega (38 h), a Alemanha Federal (41 h) e os Estados Unidos (43 h).

Portugal: 194 horas por um televisor

O sector automóvel da indústria metalúrgica foi onde os trabalhadores portugueses fizeram valer melhor o seu esforço e melhor poder de compra tiveram: 301\$20/hora, o que corresponde a menos 72\$50 do que os seus colegas espanhóis.

Os operários mais mal pagos no ramo automóvel foram os indianos (31\$20/h), os indonésios (40\$60/h), os maurícios (49\$80/h), os peruanos (72\$50/h) e os nigerianos (74\$20/h).

Mas desse mal não se podem queixar os trabalhadores norte-americanos que por uma hora de trabalho arrecadaram 1046\$50, os canadianos 736\$30/h), os alemães federais 550\$00/h) e os belgas 487\$50/h).

Em horas de trabalho isso representou para os metalúrgicos portugueses do sector automóvel uma possibilidade de poder adquirir um televisor a cores em troca de 194 horas de trabalho (215 em 1982), mais 24 horas que os operários espanhóis do mesmo ofício.

Uma vez mais foram os assalariados dos Estados Unidos, com 43 horas de esforço, quem mais facilidades tiveram de adquirir um televisor a cores, enquanto os canadianos necessitaram 56 horas, os australianos (71 h), os ingleses (79 h) e os japoneses (109 h).

Da mesma sorte não beneficiaram os seus colegas de profissão das Maurícias que para comprar o mesmo televisor tiveram que laborar 2.786 horas, um pouco mais do que os seus camaradas do Quênia (2707/h), mas muito superior aos da Nigéria (1335/h) ou da Indonésia (1102/h) e do Perú (969/h).

Um fato de lá para homem equivalia a 597 horas de trabalho aos operários quenianos do sector, mais do dobro que os maurícios (209 h), enquanto os nigerianos gastaram 160 h 30 m, e os indonésios (110 h 15 m) e peruanos (140 h 15 m).

Para os metalúrgicos portugueses o fato importou em 47 h 45 m de trabalho (43 h em 1982), mais 6 h 15 m que os seus camaradas espanhóis.

O mesmo fato valeu 12 horas de trabalho aos metalúrgicos norte-americanos; 20 h 45 aos canadianos; 22 horas aos ingleses; 22 h 30 m aos alemães federais; 23 h 45 m aos irlandeses e 25 horas aos malteses.

Poderíamos continuar a mostrar o diagnóstico feito pela FITIM, no qual o desequilíbrio é bem visível e a disparidade do poder de compra dos trabalhadores metalúrgicos se mostra abismal. Mas, fiquemos por aqui...

Alfredo Canana

Eanes trepa serras da "AD"

Muitos serranos não sabem o nome do Presidente

Chega a comitiva, faz-se silêncio, há cumprimentos tímidos, abrem-se alas, o silêncio prolonga-se como se fosse a procissão a passar. Os homens tiram o chapéu, as mulheres levantam a mão direita um pouco a medo. Silenciosamente. É o Presidente que vai a passar.

Foi assim o começo do dia serrano de Eanes, ontem. Depois assistiu à missa (é a segunda vez que o faz publicamente em doze dias) inaugurou uma casa-museu, serviu vinho ao presidente da Câmara (PSD), e ao fim do dia, nas faldas da serra de Arada, em Manhouce, foi glorificado. «Chegou aqui a luz e desceu a ti (Manhouce) a glória do Senhor». Disse o principal orador de serviço, utilizando a linguagem bíblica. Já os panos que se estendiam pela aldeia davam o tom à mística desta visita: «Saudamos o chefe de Estado e senhor do histórico devir», «Poder e glória a quem lembra a magnificência dos simples». Entretanto, várias pessoas ouvidas pelo «DL» disseram não saber o nome do Presidente da República.

Foi em terras da extinta AD que o Presidente da República andou ontem. Gafanhão onde primeiro se deteve é terra centrista por larga margem, embora o concelho seja maioritariamente PSD. Em Manhouce, freguesia do concelho de S. Pedro do Sul domina o PSD. Em qualquer delas Soares Carneiro foi o vencedor em 1980. Não será por acaso que não se viu muito calor popular durante esta visita, embora se tenha de admitir, sociologicamente falando, que o silêncio possa ser a postura própria destas gentes diante de um poder distante, algo sacro.

Quem é o Presidente?

Quer o presidente de Castro Daire, quer o de S. Pedro do Sul disseram que não estariam presentes. O de Castro Daire acabou por ir e até elogiar Eanes, do outro nem sombra. Aliás na vila de S. Pedro do Sul havia muito pouca gente. Algumas dezenas de pessoas junto ao lar de idosos e pouco mais. Será que a população não sabia da visita? — quisemos sabê-lo de um praça da GNR que orientava o trânsito. «Saber sabia, mas o povo parece que não quis vir» — responde, rindo-se.

Muita gente porém, não saberia mesmo. Como aquelas duas mulheres que vimos paradas à beira da estrada, a poucos metros da subida para Manhouce. Chapéus de palha na cabeça, cajados na mão, viam do trabalho certamente. Estão à espera do Presidente? — pergunto — «quem?» — interroga-se uma delas. Não sabe que o Presidente da República vem aí? — insisto. «Não sr. a gente não sabe nada disso».

E o nome do Presidente saberão? «Não sei quem é» — respondem ambas. Logo depois ficam tomadas de espanto quando passam as motos com as sirenes, a abrirem caminho completamente aberto, porque a estrada estava deserta.

Que falavam verdade não é difícil de acreditar. A política nestas bandas será mais o que diz o vizinho com credibilidade do que quem em Lisboa mexe os cordelinhos.

De resto, não foram só aquelas duas mulheres que me disseram desconhecer o nome do Presidente da República. Em Reriz, freguesia vizinha de Gafanhão, na encosta da serra de Santa Natária, deparámos com a mesma situação. Ia de bordão na mão, já ultrapassou a casa dos oitenta, diz-me ser Joaquim, mas não sabe o nome do Presidente. Raramente vê televisão, nunca foi ao Porto, lamenta que os campos estejam a ficar a monte, por causa da emigração e acrescenta que as lides do campo dão muito trabalho.

Mesmo no Gafanhão, perguntámos a outras pessoas se sabiam o nome do Presidente. Duas mulheres e outro homem disseram não o saber.

Venham os artistas: aqui é Gafanhão

Este foi o principal ponto da visita de Eanes: inauguração da casa-museu, um pequeno monstro (grande, mas bonito em termos arquitectónicos) implantado naquela inhospita freguesia de Castro Daire. Tem cerca de 500 obras de arte, pinturas e esculturas, num valor estimado em cerca de 50 000 contos.

Na sessão solene muitos foram os falantes e todos elogiaram a obra. Desde o presidente da junta, aos artistas, ao ministro da Cultura e ao Presidente da República.

O próprio presidente da câmara diria para além do seu regozijo que Ramalho Eanes se continuava a actuar como ate aqui «terá o apoio não só meu, mas de todos os castrenses e são 22 000». Como é que é, o sr. presidente também é eanista? — perguntámos-lhe, com uma ponta de ironia. Responde César Santos: «Não tire ilações precipitadas... o que eu disse era até o Presidente acabar o mandato».

Pois o Gafanhão não tem escola, nem transportes públicos, nem cemitério em condições, mas tem uma casa-museu pela qual pretende irradiar o seu nome. «O património — há obras de Malhoa, Cargaleiro, Vieira da Silva, Pedro Olais, etc. — é da freguesia» — disse, ontem, o dono da casa. «Esta terra está a renascer», diz-me o presidente da junta, Joaquim Coelho. Acrescenta: «É o progresso que está a rebentar para a terra», é este mesmo homem eleito pelo CDS que me confessa isto: «Diz-se aqui na freguesia que o Presidente é o nosso pai político». Porquê? — pergunto. «Porque ele é o pai da Nação e foi a política que o pôs lá».

Honra, modelo e glória

Tal como acontecera em Gafanhão, é muita a gente que aguarda a comitiva em Manhouce, depois de muito serpentear pela serra. Há marcos de flores, panos com inscrições, pétalas no ar, colchas nas janelas. Foguetes. Eanes vem aqui cumprir uma promessa feita ao grupo de cantares de Manhouce feita há muito tempo — esclarece-nos um membro da comitiva. Sófiso. Percorreu a freguesia. «Viva a rusga» — desabafa um puto para outro, incorporado no cortejo. São muitas dezenas de pessoas. Nunca poder tão alto tinha subido tanto. E Manhouce mostra-se orgulhosa. Com «uma dignidade austera».

O cortejo segue até à escola. Há discursos, poemas e cânticos. O dr. José Silvestre diz que parece quase inacreditável estar ali «em corpo e alma, tangivelmente» o Presidente da República. Sublinha que ali o ar puro é d'ouro e tem uma tirada bíblica: «Chegou aqui a luz e desceu a ti a glória do Senhor». António Gomes Beão, professor reformado, tece loas em curso. E diz que Manuela Eanes é «honra e modelo das nossas mães» e de Eanes que é homem sem sorrisos, mas com coração, lealdade e sem ostentação. Depois, cantigas com belíssimas e conhecidas vozes de Manhouce: «O minha cara linda, o meu botão de rosa...» Cantam-na para Manuela Eanes.

Por fim falou Eanes. Não desfez a mística da glória e da luz e disse que «seja qual for o nosso futuro, o nosso país será sempre a Pátria dos portugueses autênticos».

Luis Humberto Marcos

Ministros africanos cruzam-se em Lisboa

Membros dos governos de Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau cruzaram-se, sábado à tarde, no Aeroporto de Lisboa numa invulgar coincidência de chegadas de diferentes proveniências.

O primeiro a chegar, vindo de Roma, foi o ministro do Equipamento Social da Guiné-Bissau, coronel Manuel Santos, que disse estar em Lisboa em curta visita privada.

Em declarações à NP, o coronel Manuel Santos afirmou planejar regressar em breve à Guiné-Bissau, depois de uma viagem que efectuou a Brazzaville para assistir ao terceiro congresso do Partido Congolês do Trabalho, cujos trabalhos terminaram na passada terça-feira, e de uma visita privada a Roma.

Meia hora depois chegavam, num voo de Luanda, o ministro angolano da Agricultura, Evaristo Domingos, que disse estar em Lisboa em trânsito para Madrid, e o ministro do Plano de São Tomé e Príncipe, Agapito Dias, igualmente em trânsito para uma visita ao México, em cuja capital participará na segunda conferência mundial sobre população.

Finalmente, pouco tempo depois, chegavam, num voo de Cabo Verde, com escala em Bissau, o ministro da Saúde e dos Assuntos Sociais de Cabo Verde, Irineu Gomes, em trânsito para os Estados Unidos, onde se desloca em visita oficial, e a secretária de Estado da Presidência do Conselho de Estado da Guiné-Bissau, Henriqueta Gomes, que chegou a Portugal em férias.

Entrevistado pela Rádio Renascença

Franco Nogueira: não à CEE, não ao poder dos partidos

O antigo ministro dos Negócios Estrangeiros do governo de Salazar declarou ontem não acreditar no projecto da CEE, visto que «os verdadeiros problemas nacionais não serão resolvidos pelo Mercado Comum nem por qualquer outra organização internacional».

Franco Nogueira, que falava à Rádio Renascença no programa «Cartas na Mesa», disse ainda que, dada a relutância que o Mercado Comum parece ter em relação à admissão de Portugal, melhor seria, talvez, renegociar um novo acordo e «retirar a candidatura contra numerosas concessões» a obter da CEE.

«Vamos ver destruídos os nossos pomares, as nossas vinhas, e ter grandes dificuldades com as pescas e nas relações com a Espanha, que considera a independência portuguesa uma mentira», acrescentou o entrevistado. No entendimento de Franco Nogueira, «devemos estar preparados para que a Espanha se instale em Portugal com o objectivo de controlar a nossa política económica».

Referindo-se à situação política portuguesa, o antigo ministro do Estado Novo sublinhou a importância das eleições presidenciais e da escolha do candidato que deverá (no seu entendimento), ser «tanto quanto possível apatidário, não enfeudado à partida a um qualquer agrupamento político e não comprometido com um programa político e ideológico», independentemente do facto de ser um candidato militar ou civil.

Sobre a formação de um novo

partido ligado ao actual Presidente da República, Franco Nogueira afirmou que os dados do problema estão «ao contrário do que é normal». «Pede-se às pessoas que adiram a um movimento sem saber que programa, que ideologia vão subscrever», acrescentou. Todavia, na sua opinião, existe na verdade um espaço para um novo partido político, pois os actuais «não representam a totalidade da sociedade portuguesa e o aumento das abstenções eleitorais prova-o claramente».

O antigo ministro de Salazar e de Caetano considera também que a sociedade portuguesa está «excessivamente partidizada». E disse: «Enquanto fora dos partidos nenhuma actividade política for consentida, dificilmente poderemos modificar este estado de coisas». Manifestou-se ainda contra o «poder dos partidos».

Franco Nogueira falou também do problema Timor-Leste. E considerou que, dada a sua anexação por parte da Indonésia ser um facto consumado, a solução deveria agora ser «a de procurar legalizar» aquela presença em Timor e conseguir que os timorenses que assim o desejem conservem a nacionalidade portuguesa.

Finalmente, a falta de «desafogo financeiro, de autonomia de julgamento, de independência na decisão e sobretudo de consenso nacional sobre as grandes questões portuguesas, são apontadas pelo entrevistado como causas das «dificuldades do Ministério dos Negócios Estrangeiros em «definir e executar uma política externa coerente».

Em carta a Lucas Pires

Dirigentes nacionais do CDS são «levianos» e «caloteiros»

— considera presidente da Câmara do Marco de Canaveses

O corte de relações entre a direcção do CDS e o Instituto Fontes Pereira de Melo e a inexistência de uma resposta ao pedido de liquidação de uma factura apresentada por um vereador de Marco de Canaveses motivaram uma violenta carta de protesto do presidente da Câmara daquela vila, Avelino Ferreira Torres, ao presidente do CDS, Lucas Pires.

Ferreira Torres, vencedor destacado, numa lista do CDS, de recentes eleições intercalares em Marco de Canaveses, classifica de «leviandade política» e «medida prepotente», o corte de relações com o referido Instituto.

«E por de mais evidente — diz o autarca — que o CDS é um partido em franca ascensão, a avaliar pelos resultados que têm vindo a ser conseguidos ao nível autárquico. Creio, todavia, que

esses mesmos resultados têm sido obtidos quase que à revelia dos órgãos nacionais do partido».

«O corte de relações com o IFPM — prossegue — é no mínimo uma medida prepotente, tendo em conta a posição assumida, unanimemente pelos autarcas centristas, em recente encontro realizado em Lisboa. Ai foi inequivocamente demonstrado o apoio àquela instituição, dado o trabalho que a mesma tem vindo a desenvolver junto das autarquias do CDS».

Para Ferreira Torres, retirar o apoio ao IFPM «traduz uma clara demonstração de falta de respeito pelos autarcas do partido e mesmo uma manifestação de desconfiança política em relação a eles».

«Facilmente se verifica — su-

blinha — que a actual direcção nacional do CDS não mais visa, com as suas medidas ditatoriais, que afastar do partido todos aqueles que se lhe possam opor».

«Calotes»

Em relação ao conflito existente entre os autarcas centristas de Marco de Canaveses e a direcção do partido em torno de compromissos assumidos («liquidação de uma factura») pelo secretário-geral do CDS durante as eleições intercalares, Ferreira Torres afirma que não se verificarão demissões apesar da falta de resposta dos responsáveis centristas ao problema.

«Todavia — diz a carta de Ferreira Torres — todo este processo nos leva a rever posições. E se é óbvio que a actual direcção na-

cional está apostada em afastar as vozes discordantes, parecem-nos que só resta uma solução: evitar que o consigam. E, assim, não nos demitiremos, reservando-nos, porém, o direito de considerar de maus pagadores (porque não dizê-lo, caloteiros!) os dirigentes nacionais.»

O autarca de Marco vai mais longe e considera que para Lucas Pires «o que é mais importante é o secretário-geral conseguir tapar os buracos orçamentais e não se preocupa em indagar onde vem a «matéria-prima» e muito menos os «calotes» que existem por toda a parte».

A carta, enviada para os restantes presidentes de Câmara e o presidente de Assembleia Municipal CDS, foi primeiro divulgada pela agência NP.

Reunião em Elvas

Ex-CNARPE do Alentejo favorável ao aparecimento de um 'projecto nacional'

Mais de quatro dezenas de elementos, reunidos sábado em Elvas para discutir o documento dos ex-CNARPE saído de Abrantes, foram favoráveis à orientação seguida para «conduzir finalmente ao aparecimento de um projecto nacional».

A jornada, considerada pelos

participantes como de «reflexão e análise», discutiu o documento de Abrantes «com vista à apresentação de propostas para implementar os objectivos no mesmo consignados».

Os presentes manifestaram a sua «convicção de que a orientação, que está a ser seguida nes-

tas reuniões, em todo o país, conduza, finalmente, ao aparecimento de um projecto nacional capaz de encontrar as soluções ajustadas para a resolução dos graves problemas que afectam e preocupam o povo português em geral e, em particular, os da região alentejana».

Entre os presentes, com elementos do distrito de Évora e Portalegre (que definiram as estruturas provisórias distritais e concessões do movimento), encontravam-se os mandatários Carmelo Lobo (Évora), Francisco Feitinha (Portalegre) e o professor da Faculdade de Évora João Brito.

Dois canais de TV para os Açores

— propõe PS regional

Em reunião efectuada anteontem em Ponta Delgada, os candidatos do PS às eleições para a Assembleia Regional defenderam a adopção de dois canais de TV nos Açores.

Segundo o esquema, considerado possível pelo PS local, haveria um canal regional e, simultaneamente, a retransmissão do Canal 1 de Lisboa.

Na reunião, que terminou, ontem, os cerca de 40 candidatos analisaram temas relacionados com a Comunicação Social, Urbanismo, Ambiente, Agricultura e Pescas.

No que respeita à Comunicação Social, concluíram pela necessidade de um Conselho Regional de Imprensa, englobando representantes das forças políticas e dos profissionais do sector.

Apontaram igualmente para a criação de parques gráficos que servissem todos os jornais, diminuindo os custos de impressão, e que serviriam igualmente aos departamentos governamentais

e autarquias. Concluíram ainda existir um bloqueamento do desenvolvimento dos órgãos de Comunicação Social dos Açores.

«Isto é por não existirem critérios que definam os apoios que o sector necessita sem ter de pagar em deferência que o Governo Regional sempre pede em troca dos apoios que vai concedendo».

Contra «remédios de aparência»

Os socialistas apontaram, por outro lado, a necessidade de adoptar uma política urbanística coerente com as características históricas do povoamento dos Açores e com as exigências do desenvolvimento urbano moderno.

Defendem, deste modo, a adaptação às características regionais de toda a legislação regional sobre urbanismo.

Como pressuposto para uma

Lei Quadro do Ambiente, apontaram a necessidade de um conhecimento profundo dos equilíbrios ambientais e ecológicos dos Açores.

No que respeita à agricultura e pescas, criticaram a «inexistência de políticas coordenadas e consequentes» destes sectores.

Concluíram que, no caso da agricultura, esse facto «tem provocado todas as distorções conhecidas neste domínio como sejam o predomínio exagerado dos lacticínios, a invasão, a pastagem e ausência de diversificação da produção».

Na sequência, preconizaram a necessidade de promover o agricultor «como autêntico empresário agrícola» e a definição de um estatuto do agricultor.

No campo das pescas acusaram o Governo Regional de nada ter feito para o diagnóstico das potencialidades dos mares dos Açores, «limitando-se a remédios de grande aparência mas pouco progresso real».

Soares visitou a FATACIL-84

Mário Soares deslocou-se sábado à noite, em visita particular, à FATACIL-84 Feira de Artesanato, Turismo, Agricultura, Comércio e Indústria, de Lagoa.

Soares — a passar férias na sua casa do Vau (Portimão) — visitou a totalidade dos pavilhões do certame, (cerca de 270) e conversou com os expositores, acompanhado pelo presidente da Câmara de Lagoa. O Primeiro-Ministro trocou ainda impressões com populares e manifestou pela feira bastante agrado, incentivando por vezes o autarca do concelho, Abel Santos, a alargar a iniciativa.

A FATACIL-84 encerrou ontem com a visita oficial do ministro da Energia, Veiga Simão.

Mota Amaral vai inaugurar Feira da Batalha

O presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, preside dia 11, na Batalha, à inauguração da Feira Artesanal e Agro-industrial do concelho.

Entre os 23 pavilhões cobertos e 20 a céu aberto conta-se um representativo das actividades açorianas.

A informação foi dada por Francisco Coutinho, presidente da Câmara Municipal da Batalha, que anunciou o programa completo das festas da vila.

Estas incluem as comemorações da batalha de Aljubarrota, no dia 14, uma prova de pericia automóvel e um festival de rock no dia 13, e a sétima prova de atletismo Mestre de Aviz, no dia 12.

Em seu lugar, e sem junto ao presidente da Municipal vareira, Raimundorigues, acusado por um na franja social-democrata «eanista», deslocou-se cidade de Ovar a secret Estado da Emigração. Al

Anha a ser

O PSD venceu, ontem, as eleições para a Freguesia de Anha de Viana do Castelo, da única lista concorrendo à autarquia que tinha sido «xada» por eleitos do partido.

Votaram um pouco mais de 3040 nomes recenseados, pareceram às urnas 1062, na lista apre-

Coutada já como

Os habitantes de Coutada memoraram, no sábado, a passagem a freguesia, festa em que avulta um banquete no largo principal.

Localizada nos contra Serra da Estrela e interconcelho da Covilhã, a iniciou o seu processo de razão da freguesia de 1973 mas só este ano

Abrir as por

APU ou em dois cerca de

Cerca de sete dezenas de nicipes passaram pelo APU na Câmara Municipal de Lisboa, pondo problema afectam nas suas relações estrutura da autarquia.

O balanço de actividades vereadores da APU, aos meses de Junho e Julho, inclui ainda audiências azações sociais e culturais da apresentação de setas em sessão da Câmara.

Entre essas propostas, a classificação do Alfama como conjunto ou tradicional, incluindo do património mundial; a transferência dos restos do Martim Moniz terrenos junto ao Instituto de Oncologia; e a de uma comissão de verificação para análise, em conjunto, vereadores do pelouro e dos da Câmara, dos projectos de um aterro sanitário no Forno.

Congresso V

Emigração de soc

«As sociedades de emigração regional são instrumentos de extraordinário alcance, implementação não p mais adiada e que, fundamente, devem privilegiar dos emigrantes» — eis, para, a mais importante de conclusões do Congresso Emigrantes Vazeiros que reu na passada semana distrito de Aveiro, e em cerramento não esteve chegou a ser anunciado Pinto.

Em seu lugar, e sem junto ao presidente da Municipal vareira, Raimundodrigues, acusado por um na franja social-democrata «eanista», deslocou-se cidade de Ovar a secret Estado da Emigração. Al

ÁSIA CENTRAL

- Moscovo, Tachkent, Achkhabad, Duchambé (Rússia, Usbequistão, Turcomenistão, Tajiquistão)
- Zona do Pamir, no coração da Ásia, junto às fronteiras da China, Afeganistão e Irão
- Partido: 5/9 (2 semanas)
- Pensão completa, espectáculo, vistas sociais
- 94 000\$00 • Desconto familiar

AEROFLOT

- Voando com a
- Peça programas detalhados.

AGITURISMO

Rua da Glória, 43 (aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv. Op. 414

Anha continua a ser do PSD

O PSD venceu, ontem, naturalmente, as eleições para a Junta de Freguesia de Anha, concelho de Viana do Castelo. Tratava-se da única lista concorrente a uma autarquia que tinha sido «deixada» por eleitos do mesmo partido.

Votaram um pouco mais de um terço dos eleitores inscritos: em 3040 nomes recenseados compareceram às urnas 1102, votando, na lista apresentada, 1062.

A anterior Junta de Freguesia, também social-democrata, demitiu-se como consequência de um projecto de lei apresentado pelo CDS, PS e APU para elevação do lugar de Chafé, a autarquia.

A discussão desse projecto de lei não chegou ainda a ser feita na Assembleia da República, uma vez que não estava incluída no primeiro pacote autárquico de criação de novos concelhos e vilas.

Coutada à mesa já como freguesia

Os habitantes de Coutada comemoraram, no sábado, a sua passagem a freguesia, com uma festa em que avulta um grande balquete no largo principal da aldeia.

Localizada nos contrafortes da Serra da Estrela e integrada no concelho da Covilhã, a Coutada iniciou o seu processo de separação da freguesia de Barco em 1973 mas só este ano passou a

constituir ela própria uma freguesia.

Com 1200 habitantes e cerca de 400 seus naturais emigrados, a Coutada tornou-se na 29.ª freguesia do concelho da Covilhã.

Pormenor curioso: a grande maioria dos emigrantes da localidade fez questão em estar presente, no sábado, na sua terra natal para comemorar a passagem a freguesia.

Abrir as portas à cidade

APU ouviu em dois meses cerca de 70 munícipes

Cerca de sete dezenas de munícipes passaram pelo gabinete da APU na Câmara Municipal de Lisboa, pondo problemas que os afectam nas suas relações com a estrutura da autarquia.

O balanço de actividades dos vereadores da APU, referente aos meses de Junho e Julho, incluí ainda audiências a 12 organizações sociais e culturais, além da apresentação de sete propostas em sessão da Câmara.

Entre essas propostas salienta-se a classificação do bairro de Alfama como conjunto histórico ou tradicional, incluindo-o na lista do património mundial; suspensão da transferência dos vendedores do Marlim Moniz para os terrenos junto ao Instituto Português de Oncologia; e a formação de uma comissão de vereadores para análise, em conjunto com os vereadores do pelouro e os serviços da Câmara, dos projectos de um aterro sanitário no Vale do Forno.

As preocupações dos vereadores da APU traduziram-se ainda em pedidos de informação que fizeram aos vereadores dos vários pelouros, abrangendo temas como o atraso das obras de esgotos e arruamentos em Calvanas e aos critérios no realojamento de munícipes no Bairro da Boavista.

Um outro caso que mereceu interrogações foi a destruição, na freguesia de Carnide, da Quinta de Santo António, que a APU considera de interesse patrimonial.

Moções foram três as que a APU subscreveu naqueles dois meses: de comemoração do Dia Mundial do Ambiente; para que Pires Jorge, dirigente do PCP, tivesse o seu nome numa rua da capital; e de pesar pela morte de Baptista Pereira, desportista de renome nacional e internacional.

Por fim, os vereadores daquela força política fizeram uma reunião de trabalho com os moradores da Quinta do Morgado, nos Olivais.

Congresso Vareiro é apenas um exemplo

Emigrantes reclamam lançamento de sociedades de desenvolvimento regional

«As sociedades de desenvolvimento regional são instituições de extraordinário alcance, cuja implementação não pode ser mais adiada e que, fundamentalmente, devem privilegiar o capital dos emigrantes» — eis, porventura, a mais importante de todas as conclusões do Congresso dos Emigrantes Vareiros que decorreu na passada semana em Ovar, distrito de Aveiro, e em cujo encerramento não esteve, como chegou a ser anunciado, Mota Pinto.

Em seu lugar, e sentando-se junto ao presidente da Câmara Municipal vareira, Raimundo Rodrigues, acusado por uma pequena franja social-democrata de ser «eanista», deslocou-se à novel cidade de Ovar a secretária de Estado da Emigração. Aliás, mes-

mo que Mota Pinto viajasse até Ovar, Manuela Aguiar também lá estaria. Na sua ausência, coube-lhe, contudo, representar também o vice-primeiro-ministro.

Tema igualmente importante, e por isso mesmo debatido pelo congresso, foi o do retorno de grande parte dos emigrantes, facto que, como alguém sublinhou nos trabalhos, «exige que se comece desde já um trabalho que permita condições para um acolhimento eficaz».

Debruçando-se sobre esse espectro, a secretária de Estado da Emigração salientou que «não aconselhar, ou fomentar o regresso dos emigrantes, não significa falta de uma política de emigração, mas, antes pelo contrário, uma medida no sentido de evitar atropelos que um regresso desor-

denado certamente provocará».

A inexistência de uma política de emigração aprofundada, que permita a reinserção dos emigrantes no tecido social em Portugal após o seu regresso, e os problemas existentes com a segunda geração de emigrantes, foram temas que as conclusões contemplam.

No Congresso Vareiro foi ainda reivindicada a criação de equivalências nos sistemas de ensino e foi criticada a falta de apoio à difusão e estudo da Língua portuguesa entre as comunidades de emigrantes.

Finalmente foi preconizada a reintegração dos emigrantes no ciclo da produção, tendo sido salientado que isso exige a canalização de investimentos para as regiões de origem dos emigran-

tes, de forma a eliminar factores de subdesenvolvimento e assimetrias regionais.

Neste sentido, as sociedades de desenvolvimento regional foram consideradas como instituições de grande alcance, como acima referimos, tendo sido reivindicado tratamento privilegiado ao capital dos emigrantes como elemento dinamizador da economia das regiões.

Foi ainda exigida a abertura em Ovar de uma delegação da Sociedade de Desenvolvimento das Beiras, criticada a falta de coordenação entre os vários departamentos governamentais com interferência na emigração. Mas foram, também, reconhecidos progressos existentes neste capítulo, há que dizê-lo.

Espanto e tristeza

A secretária de Estado da Emigração manifestou, em Ovar, espanto e tristeza face à atitude tomada pelo governo espanhol, concretamente o governador civil substituto de Barcelona, ao expulsar, para já 45 portugueses que viviam em barracas em Moncada, nos arredores de Barcelona, alegadamente, na sua maioria, de origem cigana. Alguns chegaram a Bragança e preocupam as autoridades locais, que não sabem que destino dar-lhes.

Manuela Aguiar estranhou a decisão espanhola, uma vez que o próprio país vizinho é um dos que mais emigrantes tem espalhados pelo mundo em situação irregular, particularmente na CEE e nos EUA.



Em 1974, não se tratou de um recorde, mas, certamente, de algo inédito: uma multidão para dar um novo nome a uma ponte

Aberta ao tráfego há 18 anos

Mais de 200 milhões de veículos passaram pela Ponte 25 de Abril

Mais de 200 milhões de veículos passaram já pela ponte «25 de Abril», desde que esta foi inaugurada, faz hoje precisamente 18 anos. Os números relativos a receitas indicavam, no final do ano de 1983, à volta de 4,5 milhões de contos.

A Ponte «25 de Abril», que inicialmente se chamou «Ponte Salazar», mudando de nome com o advento da democracia, é um mundo de peripécias e curiosidades. As primeiras surgem no dia-a-dia, estão sempre a acontecer: às curiosidades, na sua maior parte, prendem-se com a ideia da sua construção e com o seu próprio levantamento.

Peripécia foi, por exemplo, o facto de no passado dia 2 o recorde de passagens na ponte ter sido, uma vez mais, pulverizado. Passaram, com efeito, no sentido Norte-Sul, 48 124 veículos (o que antes nunca tinha acontecido), e nos dois sentidos aproximadamente 96 mil veículos, segundo dados fornecidos pelo Gabinete da Ponte «25 de Abril».

No fundo, estes números têm a ver com a preocupação que a própria ponte hoje representa, pois

apesar das quatro faixas de rodagem, duas em cada sentido, e da eliminação da portagem aos domingos nos meses de Julho e Agosto, a ponte atingiu já a sua capacidade limite em termos de trânsito nos dias de ponta. Para pôr cobro a tal situação foi assinado, em Abril último, um contrato entre a Junta Autónoma das Estradas e uma firma norte-americana que prevê a elaboração de um projecto com vista ao alargamento de quatro para seis, vias, com três metros cada, do tabuleiro da ponte.

A execução deste projecto orça em cerca de 80 mil contos e o custo do alargamento do tabuleiro, sem contar com as infra-estruturas rodoviárias e outras, deverá andar pelos dois milhões de contos; aproximadamente o custo global da ponte quando ficou concluída em 1966: nem mais nem menos que 2 145 000 contos.

Faz hoje 18 anos que foi inaugurada. A sua construção, iniciada em 5 de Novembro de 1962, permitiu a sua inauguração justamente no dia 6 de Agosto de 1966. Um recorde, a sua construção, ainda hoje se diz. Mas quan-

to a recordes, a ponte não se fica por aí: inclui a viga contínua mais comprida do mundo (2300 metros), a fundação mais profunda do mundo (80 metros abaixo do nível da água), o maior vão de ponte da Europa (1013 metros), a maior ponte do mundo projectada para tráfego rodoviário e ferroviário simultâneo, e as mais altas torres de ponte da Europa (190,5 metros).

O custo da obra deverá ficar amortizado este ano. A partir de 1985, tudo o que entrar nos cofres do Estado é lucro. Será, então, a vez de começarem novas obras: as de alargamento de quatro para seis vias. Recorde-se que o financiamento da sua construção, há vinte anos, foi suportado pelo Banco Export-Import, de Washington, e a adjudicatária da execução foi a United States Steel International, de Nova Iorque, com 17 firmas associadas, entre as quais dez portuguesas.

O plano geral da obra foi executado pelo Gabinete da Ponte sobre o Tejo, entre 1957 e 1959, e o estado de previsão do tráfego, pela Junta Autónoma das Estradas.

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM



NA equipa feminina de basquetebol da China entra uma jogadora de um tamanho fora do comum. Metros tem mais de dois, toneladas de peso não sabemos quantas. Não corre. Desloca-se penosamente e sai de um cesto para se colocar debaixo de outro, sem qualquer interferência nas jogadas, as mais das vezes. Parece um daqueles imensos batelões negros acostados ao cais do Tejo.

A China, diga-se, conta com os aplausos vibrantes do público, na sua quase totalidade americano, pois não creio que nenhum habitante da «China Town» se tenha deslocado à Califórnia.

Mas não são só os americanos a engraçar com os chineses. O comentador (aliás excelente) das competições de remo também acha que «a China é um país extremamente simpático».

Ninguém tem nada a ver com as preferências de Lopes Marques. Mas, o que é que aos telespectadores elas interessam? E o que é que a simpatia da China importa nos comentários às competições?

Confúcio saberá! Eu não.

Quem nos diz é o comentador do pentatlo moderno, Rui Ramos. Não quero fazer cachinha com informação tão preciosa, na linha, aliás, do próprio comentador.

Assim, ficámos a saber que esta coisa do florete e do sabre provoca um dispêndio danado de energias. Os húngaros utilizam um «doping» tradicional, não acusado no líquido orgânico e sem qualquer conflito com a lei.

Tomem nota: chá, mel, limão e champanhe. E agora já sabem, leitores: quando tiverem de puxar muito pelo sabre, apliquem a mezinha húngara.

Contamos actualmente com um excelente naipe de comentadores que nos fornecem um manancial de preciosos dados.

Para pasmo de muitos (entre os quais me incluo) ficámos a saber que o pólo aquático é das modalidades desportivas mais populares em Espanha. As transferências de atletas assumem proporções e interesse só comparáveis às do futebol. Por exemplo: um clube de Barcelona pagou pelo jogador Estiarte nada mais, nada menos que cem mil contos!

Acreditei, leitores, há neste mundo mais mundos do que sonha a nossa vã filosofia.

de ontem para hoje

Colombiana na Portela
com um quilo de cocaína

UMA colombiana em trânsito para Zurique foi detida no aeroporto da Portela por levar na bagagem um quilo de cocaína segundo um porta-voz da Guarda Fiscal, que se recusou a revelar a identidade da mulher detida. A droga foi apreendida pela Alfândega durante uma inspeção de rotina à bagagem. A passageira que transportava a cocaína tinha embarcado em Caracas e preparava-se para tomar em Lisboa um avião para a Suíça.

Dr. Joaquim Bastos, 10 anos depois



Teve, como recompensa de uma indomita atitude de oposição ao regime do «Estado Novo», a alegria de assistir à libertação do 25 de Abril de 1974. Mas, atingido por doença grave, em 6 de Agosto de 1975, o dr. Joaquim Bastos sucumbiu, não tendo podido continuar a combater pelos ideais que o nortearam desde estudante. Não é este o momento de traçar o elogio do democrata combativo que ele foi, nem de recordar que, com denodo, soube aliar a atitude de oposição legal com uma constante actividade conspirativa. Colaborador próximo e dedicado do general Humberto Delgado, o dr. Joaquim Bastos pugnou, também, pela reactivação da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem e do Grémio Lusitano.

Padeiro assassinado em Quarteira

As autoridades policiais procuram localizar o automobilista, ao que parece já identificado, autor da morte à facada de um padeiro e de ferimentos graves no seu acompanhante, no lugar de Fonte Santa, arredores de Quarteira. O padeiro Joaquim Manuel Marques Moreira, de 34 anos, residente em Loulé, e Joaquim Moreira, de 28, natural de Angola, internado no Hospital de Faro, foram agredidos pelo automobilista após uma discussão relacionada com um problema de trânsito.

Portuguesa extraditada da Suécia

Por ter falsificado a sua idade, fazendo-se passar por dois anos mais velha, uma portuguesa de dezasseis anos irá ser expulsa da Suécia ainda durante esta semana. Segundo anunciou o Departamento de Imigração de Mjølby, a jovem tinha che-

gado à Suécia com os pais e casara em Dezembro passado com um português naturalizado sueco. Com a decisão agora tomada, aquele Departamento limita-se a aplicar a lei sueca, a qual proíbe o casamento aos menores de dezoito anos.

Dirigente sindical morre em Braga

José Manuel Moraes Marques, de 37 anos, presidente da direcção do Sindicato Têxtil do Distrito de Braga, e membro do Conselho Nacional da CGTP-IN, que estava em coma há vários dias, na sequência de um acidente de viação, morreu ontem naquela cidade. O extinto, que era militante do PCP, fora candidato pela APU à presidência da Câmara Municipal de Guimarães e nas últimas eleições legislativas.

Pescadores incendeiam autocarro

Um autocarro que tinha sido adaptado a «vivenda» foi destruído pelas chamas na praia de Castelo do Neiva, Viana do Castelo, tendo a GNR detido dois pescadores que se confessaram como autores do sinistro. Os dois homens, que atearam o fogo com gasóleo,

disseram que tinham sido contratados por cinco contos por um autarca, cujo nome revelaram à GNR. A presença do autocarro, propriedade de João Gonçalves de Sousa, já tinha sido contestada pelos frequentadores da praia.

Italianas atropeladas em Vila do Conde

Atropeladas em Azurara, Vila do Conde, três jovens turistas italianas encontram-se em estado grave no Hospital de S. João, no Porto. Alma Valaz, Sabina Denemtz e Rosita Oberthoser estavam a pedir boleia junto à bermã da estrada quando dois automóveis chocaram tendo um deles sido projectado contra elas.

Vivenda destruída em Carenque

Em Carenque, no concelho da Amadora, uma vivenda cuja proprietária, Laura Pinho, viúva, raramente a utilizava, pois tem outra casa em Lisboa, foi destruída por um incêndio de origem ainda desconhecida. As hipóteses são fogo posto ou provocado acidentalmente pelo vigilante

José Paramães, de 80 anos, grande fumador e velho empregado da família Pinho. Dado que a habitação não possuía instalação eléctrica está excluída a hipótese de curto-circuito.

Casal de noivos vitimado na Mealhada

No choque do automóvel em que seguiam com um camião, um jovem casal de noivos perdeu a vida na madrugada da passada sexta-feira, no cruzamento da Mealhada com a Estrada Nacional Porto-Lisboa. Rui António Fontes Pereira de Melo Saavedra, de 26 anos, e Almeida Ruas, de 23, residentes em Coimbra, tinham estado numa discoteca da Mealhada. O camião era conduzido por Avelino de Jesus Pereira que saiu ileso do acidente.

Guarda, em aniversário, é exemplo

Bombeiros têm dificuldades muito difíceis de superar

O inspector de incêndios do Centro disse na Guarda que «os soldados da paz não podem ficar indiferentes à evolução tecnológica da sociedade actual», sublinhando existirem «dificuldades muitas vezes difíceis de superar».

O major Ribeiro de Almeida, que falava nas cerimónias comemorativas do 108.º aniversário dos Bombeiros Voluntários da Guarda considerou, ainda, que «com a evolução da sociedade os perigos aumentaram e por isso é necessário maior capacidade de resposta e de organização».

O representante da Liga dos Bombeiros Portugueses referindo-se aos problemas enfrentados pelas corporações de bombeiros destacou a falta de pagamentos por parte do Governo, do subsídio de combustível e por



Nem sempre os fogos constituem as maiores dificuldades para os bombeiros.

parte dos Serviços Médico-Sociais pelo transporte de doentes.

«Esperamos que o Governo possa resolver estes problemas que afectam a frágil economia das associações de bombeiros

do País», disse.

Balanco de acção na Guarda

O presidente da direcção dos Bombeiros Voluntários da Guarda referiu-se, por seu turno,

à acção desenvolvida por aquela corporação no último ano.

Segundo os dados que divulgou, os Bombeiros da Guarda, em 1983 combateram 39 fogos urbanos, 136 florestais e efectuaram cerca de 1000 serviços em ambulâncias.

Segundo o presidente daquela corporação os bombeiros conduziram, em serviços de socorismo, 1416 doentes, prestaram 615 serviços vários e salvaram 11 pessoas.

Nestes serviços, os bombeiros percorreram cerca de 245 mil quilómetros nos quais consumiram cerca de 55 mil litros de combustível pelo que «devido à falta de liquidação de subsídios e do pagamento de serviços por parte das entidades oficiais», a corporação se encontra impedida de resolver parte dos seus problemas.

Deverá ter iniciado hoje os trabalhos

Viabilização da CP tem comissão de estudo

Uma comissão interministerial deverá ter hoje começado a estudar um «dossier» sobre a viabilização da CP, nos termos de um anúncio feito, na sexta-feira, pelo ministro do Equipamento Social, Rosado Correia, em visita aos concelhos de Lousã e Miranda do Corvo.

A iniciativa insere-se num conjunto de medidas de um plano para viabilização global das empresas públicas, sendo que, segundo disse, algumas delas terão a sua situação resolvida em breve, com destaque para a TAP. No caso da CP, disse Rosado Correia, as dívidas sobem actualmente a 40 milhões de contos.

O problema das ligações ferroviárias nos dois concelhos e respectivas implicações com a rede rodoviária seria, na oportunidade, salientada pela presidente da Câmara de Miranda do Corvo, Jaime Ramos, que acumula com as funções de deputado do PSD.

«Não compreendemos o abandono a que o concelho tem sido votado em matéria de estradas» — assinalou o autarca, que pôs a tónica na necessidade de construir novas vias e reparar as existentes.

Sobre a linha férrea Coimbra-Serpins, Jaime Ramos assinalou que é necessária a aquisição de novo material circulante, bem como

a criação de condições de segurança em Coimbra.

Uma hipótese que tem sido ventilada como alternativa à extinção de algumas linhas e ramais ferroviários surgiu, entretanto, nas palavras de Rosado Correia, no que se refere a estradas. Defendeu o ministro que parte das estradas nacionais seja entregue aos municípios, de forma progressiva e à medida que vão sendo concluídas e reparadas.

Em reforço deste ponto de vista, o ministro citou o exemplo espanhol, que tem menos, em matéria de estradas nacionais, do que os nossos 20 mil quilómetros.

Prejuizos seriam gravíssimos e injustificados

Distrito de Évora «mexe-se» para evita fecho de ferrovias

O possível encerramento de linhas e ramais ferroviários no distrito de Évora continua a levantar polémica e resistência por parte das populações seus eleitos. Foi o caso, agora, de uma tomada de posição da Assembleia Distrital sobre o ramal de Reguengos de Monsaraz e de uma outra do presidente da Câmara de Vila Viçosa, relativa à linha que serve o seu concelho.

Assim, a Assembleia Distrital de Évora afirmou não aceitar o encerramento do ramal ferroviário de Reguengos de Monsaraz, recentemente anunciado pelo Governo.

Em comunicado, aprovado por unanimidade na sua última reunião, a Assembleia Distrital eborense afirma que o encerramento do referido ramal «trará gravíssimos e injustificados prejuizos para as populações afectadas e para a economia regional».

A Assembleia Distrital de Évora considera o ramal ferroviário de Reguengos de Monsaraz o mais importante de toda a região, quer em número de passageiros, quer em volume de mercadorias.

Por outro lado, o docu-

mento, proposto pelo presidente da Câmara de Évora, recorda o movimento de oposição ao encerramento do ramal, já materializado em mais de seis mil assinaturas, entregues aos órgãos de soberania.

Se a decisão governamental for por diante, no distrito de Évora serão encerrados os ramais ferroviários de Reguengos, Mora e Montemor-o-Novo e o troço Estremoz-Vila Viçosa.

Há diligências em Vila Viçosa

A Câmara Municipal de Vila Viçosa está, por sua vez, a diligenciar no sentido de evitar o encerramento do troço ferroviário entre esta localidade e Estremoz — disse à ANOP o presidente da edilidade.

Na opinião de Miguel Patacão Rodrigues, o encerramento do troço prejudicaria a população e a economia da região, nomeadamente o sector de mármore, muito importante na economia nacional.

O presidente da Câmara acrescentou ainda que o caminho-de-ferro é um meio de transporte vocacionado

para as mercadorias pesadas e seria muito útil para a indústria da região, desde que devidamente estruturado.

O autarca disse ainda que a CP «deveria criar condições nas estações e no troço Vila Viçosa-Estremoz para que seja possível efectuar com maior eficiência o transporte de mármore, através do caminho-de-ferro».

Patacão Rodrigues revelou que o assunto vai ser analisado na próxima reunião camarária e que o executivo a que preside solicitou já um encontro com os responsáveis da CP com vista a debater o problema.

Segundo o Governo anunciou, e posteriormente, a Comissão de Trabalhadores da CP, o executivo aponta como «objectivo imediato o encerramento de 814 quilómetros de linha férrea», entre os quais o troço Estremoz-Vila Viçosa, que deveria encerrar até final do corrente ano.

O encerramento anunciado no sector deve-se ao facto de o Governo considerar que as referidas linhas estão a dar um enorme prejuízo à empresa exploradora.

Concentra às Embaixas e EUA ev

Grupos de ecologistas portugueses concentraram-se ontem frente às Embaixadas dos Estados Unidos e da União Soviética, em Lisboa, evocando o 39.º aniversário do lançamento da bomba atómica sobre Hiroxima. As concentrações, organizadas pelos «Amigos da Terra», destinaram-se também a fazer a entrega de dois emblemas idênticos de apelo em prol da paz dos dois presidentes Reagan e Chernenko.

A meio da tarde de ontem manifestantes concentraram-se com o objectivo de encontrar-se com o funcionário diplomático da Embaixada soviética, para receber a missiva destinada a Chernenko. Na concentração frente à Embaixada da União Soviética, os ecologistas quiseram marcar um encontro para hoje de manhã, com o funcionário da Embaixada, quem entregará o apelo.

«Como sabeis Hiroxima continua todos os dias. Ignorais que milhares de seres humanos morrem diariamente de malnutrição e fome. Hoje, ao lembrar a Hiroxima, vimos acusar-vos de responsabilidade neste causto contra a Humanidade», afirma a carta, conclui dizendo: «Em nome da vida vimos pedir-vos pôr fim à guerra contra a Terra e os seres que nela vivem».

CPCS re

«Recuperação das empresas privadas» é o tema que foi abordado hoje pelo Conselho Permanente de Concertação Social (CPCS) que se reuniu no Ministério das Finanças.

Não será ainda hoje, porém, que se discutirá o primeiro de diplomas sobre legislação laboral, cuja análise estava dada para Julho e Agosto.

Eleições na M

Realizaram-se ontem, em Vila do Conde, as eleições locais (Docapesca) e nas ilhas do Pico e do Faial (Açores), para completar as eleições qu-

CTT discutem

Os sindicatos representativos dos trabalhadores do sector dos Correios e Telecomunicações promovem, a partir de hoje, todos os locais de trabalho, sessões de esclarecimento sobre a situação em que se encontram as negociações para a redefinição da tabela salarial. Para isso, os sindicatos contestam a pro-

Madeira: cinco

Cerca de cinco mil desempregados encontravam-se, em 1 de Junho, inscritos no Centro Emprego do Funchal, revelou a Direcção Regional do sector. Do total de desempregados, 3.537 são do sexo feminino (por cento) e 1.663 candidatas ao primeiro emprego.

As maiores ofertas de

Salários em at

O número de empresas que salaria e outras remunerações em atraso vêm aumentando no distrito de Évora — não há, da parte da Inspecção do Trabalho, acções e medidas qu-

Concentrações frente às Embaixadas da URSS e EUA evocam Hiroxima

Grupos de ecologistas portugueses concentraram-se ontem frente às Embaixadas dos Estados Unidos e da União Soviética, em Lisboa, evocando o 39.º aniversário do lançamento da bomba atômica sobre Hiroxima. As concentrações, organizadas pelos «Amigos da Terra», destinaram-se também a fazer a entrega de dois exemplares idênticos de um apelo em prol da paz dirigidos aos presidentes Reagan e Chernenko.

A meio da tarde de ontem, os manifestantes conseguiram encontrar-se com um funcionário diplomático da Embaixada soviética, que recebeu a missiva destinada a Chernenko. Na concentração frente à Embaixada dos EUA, os ecologistas conseguiram marcar um encontro, para hoje de manhã, com um funcionário da Embaixada a quem entregarão o apelo.

«Como sabeis Hiroxima continua todos os dias. Não ignorais que milhares de seres humanos morrem diariamente de malnutrição e fome. Hoje, ao lembrar Hiroxima, vimos acusar-vos de responsabilidade neste holocausto contra a Humanidade», afirma a carta, que conclui dizendo: «Em nome da vida vimos pedir-vos para pôr fim à guerra contra a Terra e os seres que nela vi-

vem, de que sois responsável».

Aniversário OMJ

A Organização Mundial de Juventude, constituída em 1982, em Portugal, assinalou hoje a seu segundo aniversário com um comunicado onde recorda um poema da poetisa Sadako Kurihara, sob o título «Hiroxima Renascida das Cinzas», evocativo da data de 6 de Agosto de 1945.

No documento, a OMJ afirma pretender «tornar mais clara a ideia de que a juventude suscita um renascer da sociedade e não um cogumelo negro sem objectivos e sem esperança». Neste sentido, a organização apela a uma forma especial de participação, com vista ao desenvolvimento de todas as nações e sua integração internacional, tornando possível a cooperação e obtenção de uma paz segura e duradoura.

A OMJ, que tem sede na Ericeira, programou um encontro internacional de 9 a 13 de Abril do próximo ano. O encontro, que contará com a participação de organizações juvenis de vários países, terá como eixos principais os três temas da ONU para o Ano Mundial da Juventude (1985): participação, desenvolvimento e paz.

Dificuldade de emprego leva a maior rigidez moral entre os estudantes

— revela um estudo sociológico finlandês

Os estudantes já não são a vanguarda da permissividade, preferindo seguir os árduos caminhos que conduzem a um emprego seguro — afirma um estudo sociológico publicado recentemente na Finlândia.

Os candidatos a uma licenciatura são hoje mais puritanos e ascéticos que há dez anos atrás. Bebem menos, mas são também menos tolerantes — diz Osmo Kontula, que publicou um trabalho baseado em inquéritos feitos sobre uma amostra de 1000 estudantes universitários de Helsínquia.

«É mais difícil para eles atingirem os seus objectivos académicos e conseguirem um bom emprego e por isso estão a renunciar ao prazer, justificando o seu modo de vida mais ascético pelos princípios da moralidade cristã» — considera Osmo Kontula.

Segundo o estudo deste sociólogo, enquanto há dez anos o número de relações sexuais desejadas pelos estudantes era, em média, 17 por mês, hoje passou a ser 13.

A amostra inquirida revela também apreço pelas virtudes da fidelidade: 70 por cento dos estudantes manteve relações apenas com um só companheiro, durante o último ano.

O mesmo estudo revela que 31 por cento dos homens inquiri-



dos pensa que deve ser consentido às mulheres terem experiências sexuais extramatrimoniais, enquanto que só 20 por cento das mulheres estão dispostas a consentir aos homens o mesmo privilégio.

No que respeita à homossexualidade os estudantes de há dez anos eram também mais tolerantes, refere Kontula.

Há 10 anos, 46 por cento dos estudantes aceitavam a homossexualidade e agora apenas 30 por cento, sendo os estudantes de teologia os maiores oponentes a este tipo de relações.

O sociólogo, que estabelece uma ligação especial entre o

aumento da rigidez e o aumento da dificuldade em arranjar emprego, considera que «a liberdade sexual se tornou um objectivo secundário» entre os estudantes de Helsínquia.

Segundo Kontula, a religião cristã tornou-se mais importante para os estudantes, que hoje fazem muito menos vida social baseada em festas e beberetes.

Contudo, os estudantes contam ao sociólogo que a sua vida está cada vez mais confinada a quartos solitários e 44 por cento dos inquiridos admitem ser demasiado envergonhados para desenvolver bons contactos sociais e humanos.

Vacina contra a SIDA: EUA dão primeiro passo

Cientistas norte-americanos conseguiram inocular em chimpanzés o vírus que se pensa ser causador de SIDA — noticiou a Associated Press.

A experiência, realizada por cientistas do Centro norte-americano para o Controlo de Doenças (CCD), é considerada um grande passo para a descoberta de uma vacina contra a doença.

O CCD informou que os chimpanzés foram injectados com o vírus associado à SIDA e ainda com plasma humano de um paciente com denopatia linfática, uma doença que muitas vezes acompanha a Síndrome de Imuno-Deficiência Adquirida.

Os chimpanzés mostraram sintomas da posse do vírus mas não ficaram a sofrer da doença propriamente dita — disseram os cientistas.

Investigadores franceses e americanos isolaram o vírus que pensam ser a causa da SIDA, mas ainda não existe cura para esta doença que retira ao organismo a capacidade de combater a infecções que se podem tornar mortais.

trabalho

CPCS reúne-se hoje

«Recuperação das empresas privadas» é o tema que irá ser abordado hoje pelo Conselho Permanente de Concertação Social (CPCS) que se reúne no Ministério das Finanças e do Plano.

Não será ainda hoje, portanto, que se discutirá o primeiro grupo de diplomas sobre legislação laboral, cuja análise estava agendada para Julho e Agosto, e do

qual apenas o que diz respeito ao Fundo de Garantia Social foi abordado.

Dentro deste grupo de diplomas incluem-se ainda os salários em atraso, os piquetes de greve e lock-out e ainda o seguro de desemprego.

Entretanto, o CPCS agendou já para Setembro, Outubro e Novembro a discussão de outro pacote de diplomas do qual fazem

parte o Estatuto do Instituto de Emprego e Formação Profissional, a cessação dos contratos de trabalho, o regime jurídico dos contratos a prazo, a mobilidade de horário de trabalho e a Lei do Arrendamento Rural.

A pedido de Mota Pinto, os parceiros sociais — CAP, CIP e CCP, serão hoje recebidos por uma delegação do PSD antes do início da reunião do CPCS.

sendo apenas de salientar a não comparência, mais uma vez, do representante da lista «B» na mesa da Docapesca que foi prontamente substituído

Eleições na Mútua terminaram ontem

Realizaram-se ontem, em Lisboa (Docapesca) e nas ilhas do Pico e do Faial (Açores) os escrutínios que faltavam para completar as eleições que de-

signarão os novos corpos gerentes da Mútua dos Pescadores. Não são ainda conhecidos quaisquer resultados, mas o acto eleitoral decorreu normalmente,

CTT discutem proposta salarial

Os sindicatos representativos dos trabalhadores do sector dos Correios e Telecomunicações promovem, a partir de hoje, em todos os locais de trabalho, sessões de esclarecimento sobre a situação em que se encontram as negociações para a revisão da tabela salarial. Para já, os sindicatos contestam a proposta

apresentada pela administração, que consideram «uma autêntica provocação aos trabalhadores» já que o aumento de «17 por cento nas tabelas nem sequer dão para repor metade do poder de compra» entretanto perdido. Quanto ao «empenhamento negocial» que a administração diz ter, a Federação dos Correios e

Telecomunicações (FCT) mostra sobre ele as suas dúvidas uma vez que na proposta que apresentou apenas diz ter a «intenção de rever as diuturnidades e o subsídio de refeição, naõse referindo a «qualquer outro dos restantes subsídios propostos» pelos sindicatos.

Madeira: cinco mil

Cerca de cinco mil desempregados encontravam-se, em fins de Junho, inscritos no Centro de Emprego do Funchal, revelou a Direcção Regional do sector.

Do total de desempregados, 3.537 são do sexo feminino (70 por cento) e 1.663 candidatos ao primeiro emprego.

As maiores ofertas de em-

no desemprego

prego recebidas pelo centro saú dos sectores da hotelaria e construção civil e obras públicas.

No mês de Junho encontravam-se a receber subsídio de desemprego, 523 indivíduos, o que representa um decréscimo de 2,6 por cento relativamente ao mês anterior.

Salários em atraso aumentam em Évora

O número de empresas com salários e outras remunerações em atraso vêm aumentando no distrito de Évora «não havendo da parte da Inspeção de Trabalho acções e medidas que po-

nam cobro a esta situação», afirma a União de Sindicatos local, em comunicado distribuído após uma reunião de activistas e dirigentes sindicais do distrito. O documento insurge-se também

contra «os despedimentos fraudulentos» sem qualquer garantia de indemnização e contra a repressão que, acusam, «são feitas com o beneplácito do Governo e dos seus representantes

agora em SESIMBRA



No Edifício dos Bombeiros Voluntários
a partir do dia 31 de Julho de 1984
com o seguinte horário:
das 18.00 às 02.00

TENTE A SUA SORTE
DAS 18.00 às 20.00 E
GANHARÁ O DIREITO
A UMA BEBIDA!

UMA CONCESSÃO DA MISERICORDIA DE CASCAIS DEVIDAMENTE
LEGALIZADA PELA INSPECÇÃO GERAL DE JOGOS



24 horas

Paquistão nuclear?

O Paquistão poderá estar perto de dispor da capacidade tecnológica para fabricar armas nucleares, após dez anos de pesquisas, soube-se em Washington.

A afirmação foi feita pelo congressista democrata norte-americano Alan Cranston, numa tentativa para provocar um debate no Senado de molde a limitar a entrega de caça-bombardeiros F-16 ao Paquistão e outra ajuda militar, enquanto não houver garantias de que esse país não construirá armas atômicas.

Explosão em Antuérpia

Uma bomba explodiu hoje no Palácio da Justiça da Cidade belga de Antuérpia e as autoridades suspeitam que o atentado tenha sido obra de presumíveis separatistas bas-

cos espanhóis. A explosão verificou-se no gabinete do presidente do Tribunal do Comércio, devastando as salas de contiguas no segundo e terceiro pisos no edifício e ameaçando fazer ruir parte deste.

Walesa Glemp

O Cardeal Primaz da Polónia, Josef Glemp, referiu que pressionará as autoridades comunistas a permitirem sindicatos independentes, depois de se ter encontrado com o dirigente do Solidariedade, Lech Walesa, disseram fontes próximas do ilegalizado Sindicato. Enquanto isto, Walesa apelou ao levantamento de todas as sanções económicas contra a Polónia.

Sabotagem em Luanda

Os elementos que minaram a semana passada os navios «Lundje» e «Arens», no porto de Luanda, cumpriram ordens da África do Sul e dos Estados Unidos — disse domingo o semanário londrino «The Observer». O acto de sabotagem contra os dois navios, respectivamente da Angola e da República Democrática Alemã, foi organizado pelo grupo de reconhecimento número quatro das Forças Armadas sul-africanas que actuou a partir de um submarino do seu país — escreveu o jornal, citando pelas agências TASS e ANGOP. A actividade contra a República Popular de Angola intensificou-se depois de há dois meses se terem reunido na cidade na Cidade do Cabo o secretário de Estado adjunto norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof «Pik» Botha e o líder da UNITA Joãos Savimbi — escreveu «The Observer».

Outro avião desviado

Um avião de carga com seis pessoas a bordo foi hoje sequestrado por um homem armado no aeroporto Marselha-Marganne, segundo fontes dignas de crédito. Depois de partir às 7.40 h para Djanel, Argélia, um «DC-8» na «Cargo Stair» teve que regressar a Marganne e o pirata do ar, que aparentemente entrou no aparelho durante a operação de

carga, exige ser levado para os Estados Unidos.

O aparelho está retido no final da pista do aeroporto, estando além do pirata três tripulantes e dois responsáveis pela carga e descarga a bordo, e forças do Grupo de Intervenção da Polícia Nacional (GIPN) foram enviadas para o aeroporto. O avião está carregado com material de construção.

Alemães libertados

Os dois cidadãos da República Federal da Alemanha libertados sexta-feira por rebeldes sudaneses foram no sábado entregues por mediadores etíopes ao embaixador Ruediger Von Pachelbel. Von Pachelbel disse à Reuter pelo telefone que Klaus Frahm, de 45 anos, e Horst Peters, de 20, lhe foram entregues pelas autoridades etíopes. Von Pachelbel foi encarregado pelo governo da RFA para tratar do caso.

Combates em Angola

Tropas governamentais angolanas mataram 143 guerrilheiros da UNITA em cinco províncias do centro e norte do país entre 17 e 24 de Julho, informou hoje a agência ANGOP. A agência noticiosa an-

golana disse que outros 48 rebeldes da União Nacional Para a Independência Total de Angola (UNITA) foram mortos entre 10 e 15 de Julho. Acrescentou que as tropas governamentais também apreenderam muitas armas aos rebeldes.

Separatismo Sikh

A primeira-ministra indiana, Indira Gandhi, acusou a CIA norte-americana de instigar o separatismo dos Sikhs, em revolta desde há meses no Estado de Punjab, revelam hoje a imprensa indiana. A senhora Gandhi, falando domingo para elementos de uma organização paramilitar nos Himalaias, disse que uma «agência de espionagem com base em Washington» está a fomentar o separatismo no Punjab.

Desmentido iraniano

A agência noticiosa iraniana desmentiu hoje rumores de que o líder religioso Ayatollah Khomeiny tivesse morrido. «Não é a primeira vez que esses boatos infundados são postos a correr» — disse a sede

da IRNA em Teerão, em resposta a uma pergunta da agência norte-americana UPI. Rumores de que o Ayatollah Khomeiny, de 84 anos, tinha morrido, circulavam hoje de madrugada na Bolsa de Hong-Kong.



Shimon Peres agradece os aplausos de simpatizantes trabalhistas, durante a campanha eleitoral (Telefoto UPI/NP «DL»)

Designado primeiro-ministro de Israel

Shimon Peres promete retirada do Líbano

O primeiro-ministro israelita designado, Shimon Peres, prometeu formar um governo o mais amplo possível, que terá como prioridades a estabilização da economia, a modernização da indústria e a retirada das tropas do Líbano.

Falando durante uma conferência de imprensa em que o presidente Chaim Herzog anunciou tê-lo escolhido para formar o novo gabinete israelita, na sequência das eleições do mês passado, Peres disse que eram ainda prioridades do novo governo a manutenção da segurança na fronteira Norte de Israel e a renovação do processo de paz na região.

«Um governo trabalhista terá de agir para implementar os acordos de Camp David e renovar o processo de paz em toda a região afirmou.

Peres disse aos jornalistas que telefonou ao primeiro-ministro cessante, Yitzhak Shamir para o avisar de que aceitará o pedido do presidente e convidá-lo-á, para prosseguirem os contactos entre o Partido Trabalhista e o bloco Likud, relativamente à formação de um governo de Unidade Nacional liderado pelos trabalhistas».

«Shamir disse-me que se empenhará na constituição de um governo de unidade nacional», declarou Peres. «Claro está que pretendo formar um governo o

mais amplo possível — um governo de unidade nacional.

Peres, cujo partido apenas detém 44 dos 120 lugares do Parlamento, enfrentou difícil tarefa de formação de uma coligação na sequência das eleições gerais inclusivas do mês passado.

Deverão explorar inicialmente a possibilidade de constituir uma coligação de unidade nacional com o Likud, liderado pelo primeiro-ministro cessante, Yitzhak Shamir.

As eleições de 23 de Julho originaram o Parlamento mais fragmentado da história de Israel, com 15 partidos a alcançarem lugares de deputados.

Peres, convocado ao palácio presidencial para a cerimónia formal de designação, anunciou de imediato que irá tentar formar um governo de unidade nacional.

O presidente Chaim Herzog divulgou um apelo emocional para a unidade, de forma a enfrentar os graves problemas económicos e sociais do país.

Enquanto isto um porta-voz militar de Telavive anunciou que um soldado israelita morreu e mais dois ficaram feridos quando o seu veículo blindado acionou uma mina, perto da aldeia de Ami, Leste do Líbano.

O incidente ocorreu perto da zona da terra de ninguém que separa as forças israelitas e si-

rias no Líbano.

Desde a invasão do Líbano, em 1982, o total de mortos de Israel ascende agora a 588.

Este foi o sétimo ataque contra tropas israelitas no Líbano, nas últimas 24 horas.

Mubarak

O presidente Hosni Mubarak do Egipto partiu hoje do Cairo para uma visita de quatro dias à Jugoslávia para conversações que deverão incidir principalmente sobre a guerra do Golfo, entre o Irão e o Iraque.

O Egipto e a Jugoslávia são membros fundadores do Movimento Não-Alinhado, do qual fazem parte igualmente o Irão e o Iraque.

Em vésperas da visita do presidente Mubarak, a Middle East News Agency (MENA), agência noticiosa oficial egípcia, divulgou detalhes de uma iniciativa do governo do Cairo para pôr termo à guerra do Golfo.

Fontes diplomáticas na capital egípcia citadas pela MENA, indicam que essa iniciativa compreenderia a aplicação de um cessar-fogo imediato, ao qual se seguiria uma tentativa de mediação por parte do Movimento Não-Alinhado, para encontrar uma convergência que permitisse a realização de negociações de paz entre os dois beligerantes.

John Keppel, ex-analista de

Nicarágua

Partidos da Coordenadora boicotam eleições

A Coordenadora Democrática Nicaraguense (CDN) decidiu domingo não inscrever os seus candidatos para as eleições de 4 de Novembro deste ano. A CDN — agrupando os partidos Social-Cristão, Social-democrata e Liberal — reuniu-se domingo durante mais de quatro horas e concluiu que não há «garantias suficientes» para que o processo eleitoral se desenrole num clima de liberdade na Nicarágua. A pedido da CDN, o Conselho Supremo Eleitoral tinha ampliado por 24 horas (até à meia noite, 7h00 de hoje em Lisboa) o prazo de apresentação de listas para as eleições, já que para os partidos terminou em 25 de Julho.

Apesar desse prolongamento de prazo, a CDN considerou que não foi cumprida a sua petição de que a Frente Sandinista levasse em consideração a sua proposta, que fosse estabelecido um amplo diálogo alargado aos «contras».

Segundo informações do Conselho Supremo Eleitoral, a CDN apresentará nas próximas horas uma carta expondo as suas razões para não apresentar candidatos às eleições.

Por seu lado, o coordenador da Junta Sandinista, Daniel Ortega, disse que se o candidato pela CDN, Arturo Cruz, quisesse dialogar com ele, teria que inscrever-se primeiro.

Até agora, inscreveram-se sete partidos, incluindo os sandinistas, para as eleições de 4 de Novembro.

O social-democrata, Arturo Cruz, candidato à Presidência mas não inscrito pela CDN, reiterou entretanto o seu desafio aos sandinistas para debates pela rádio e televisão.

A primeira coisa que Cruz tem que fazer para reclamar o diálogo é actuar como nicaraguense e não como agente (da CIA) porque, para isso, é melhor continuarmos a dialogar com os Estados Unidos», respondeu-lhe Daniel Ortega.

«Para quê dialogar com o cão, se estamos a dialogar com o dono do cão?», acrescentou Ortega, referindo-se às conversações das últimas semanas em Manzanillo, México e Atlanta, Estados Unidos, entre representantes dos governos nicaraguense e norte-americano.

Arturo Cruz, de 62 anos, foi

com Ortega membro da Junta de Governo depois do derrube de Anastasio Somoza a 19 de Julho de 1979. Contudo, depois de desinteligências com os nove comandantes sandinistas, seguiu para Washington, onde foi embaixador durante uns meses e posteriormente vice-presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Confrontos
Pelo menos dez pessoas ficaram feridas em confrontos ontem ocorridos entre sandinistas e opositores da Coordenadora Democrática da Nicarágua (CDN), na cidade de Chinandega, 125 quilómetros a Oeste de Manágua, em cuja construção têm trabalhado «cubanos e soviéticos durante as 24 horas do dia».

«A presença dos «Migs» tem uma importância muito grande, porque a superioridade aérea das Honduras na zona compensa o grande poderio militar dos sandinistas em tropas terrestres», acrescentou Rebelo.

«Os hondurenhos sempre tiveram medo da presença dos «Migs», porque esta iria quebrar a vantagem que têm no ar», sublinhou o político nicaraguense, na entrevista concedida a «La Vanguardia» em São José da Costa Rica.

Rebelo acrescentou que Moscou, Havana e Manágua querem pôr Ronald Reagan «numa situação embaraçosa em ano de eleições. E a questão dos «Migs» poderá tornar-se perigosa».

Ameaças

O dirigente da oposição nicaraguense, Alfonso Rebelo, declarou numa entrevista publicada hoje em «La Van-

guardia» que os Estados Unidos «podem bombardear os aeroportos da Nicarágua se a Junta Sandinista recebesse aviões «Mig» soviéticos.

Alfonso Rebelo afirmou ao diário espanhol que os Estados Unidos «não ficariam quietos, mas não mandariam fuzileiros», no caso de os «Migs» chegarem à Nicarágua.

Rebelo disse que os «Migs» poderiam, eventualmente, ficar instalados no Aeroporto de Puenta Huetes, em frente ao lago de Manágua, em cuja construção têm trabalhado «cubanos e soviéticos durante as 24 horas do dia».

«A presença dos «Migs» tem uma importância muito grande, porque a superioridade aérea das Honduras na zona compensa o grande poderio militar dos sandinistas em tropas terrestres», acrescentou Rebelo.

«Os hondurenhos sempre tiveram medo da presença dos «Migs», porque esta iria quebrar a vantagem que têm no ar», sublinhou o político nicaraguense, na entrevista concedida a «La Vanguardia» em São José da Costa Rica.

Rebelo acrescentou que Moscou, Havana e Manágua querem pôr Ronald Reagan «numa situação embaraçosa em ano de eleições. E a questão dos «Migs» poderá tornar-se perigosa».



Fotomontagem do foguete «Ariane», distribuída pela agência Keystone

Êxito europeu

“Ariane 3” lança dois satélites

O foguete europeu «Ariane-3» foi lançado no sábado com êxito às 14.33 (hora portuguesa) da base de Kourou, na Guiana Francesa.

O foguete colocou em órbita dois satélites de comunicações a 37 mil quilómetros de altitude.

Em relação ao foguete «Ariane» (nove tiros, dois falhanços), o novo modelo «Ariane-3» comporta melhorias, entre as quais dois propulsores de pólvora suplementares, utilizados no momento da largada, permitindo-lhe colocar em órbita geostacionária uma massa de 2,5 toneladas, contra 1,8 toneladas do «Ariane-1».

Esta versão, mais potente, foi concebida a partir de 1979, quando se constatou que seria necessário, por razões de economia, lançar, simultaneamente, dois satélites de peso médio.

O custo actual da colocação em órbita de um satélite é da ordem dos 25 a 30 milhões de dólares, no caso de um lançamento duplo.

Arianespace, a sociedade encarregada da promoção do foguete, já recebeu 28 encomendas confirmadas de lançamento e 19 reservas, num valor de 750 milhões de dólares.

«Telecom-1» será o primeiro satélite do Ministério dos Correios francês e poderá cumprir uma missão tripla: estabelecer a ligação a alta velocidade entre computadores e sistemas telemáticos, melhorar as comunicações telefónicas entre a França metropolitana e os departamentos do Ultramar, e permitir as comunicações intercontinentais do Ministério da Defesa.

O outro satélite transportado por «Ariane-3» é o ECS-2. Trata-se do segundo satélite a ser realizado por um consórcio de industriais europeus, sob o controlo da Agência Espacial Europeia.

A exploração de EDS-2 será confiada à Eutelsat, que reagra os interesses das administrações dos Correios de 24 países europeus, e permite a utilização de mais 10.000 circuitos telefónicos na Europa, bem como de dois canais suplementares de televisão para as retransmissões em Eurovisão.

Devido às chuvas

Dois acidentes aéreos na península indiana

Um avião das Linhas Aéreas do Bangladesh com cerca de 50 pessoas a bordo caiu ontem, aproximadamente a 500 metros do aeroporto de Daca, durante fortes chuvas, tendo morrido os seus ocupantes, anunciaram fontes oficiais.

As primeiras notícias conhecidas referem que o avião, um jacto de dois motores Fokker F27, se esmagou no solo quando tentava aterrar na pista do aeroporto, após ter feito um voo desde a cidade costeira de Chittagong, 217 quilómetros a Sudeste de Daca.

A visibilidade no novo aeroporto internacional ZIA da capital do Bangladesh era muito reduzida devido às fortes chuvas que caíram nas últimas horas.

Fontes oficiais disseram haver a bordo cinco tripulantes, entre os quais uma mulher, co-piloto do avião.

Não foram revelados mais pormenores sobre o desastre.

No Sul do Paquistão

Equipas de salvamento recu-

peraram 17 corpos carbonizados dos destroços de um avião de carga soviético que se despenhou no sábado no Sul do Paquistão, quando seguia para Tashkent, na Ásia Central, anunciou a Polícia de Carachi.

As autoridades locais disseram que selaram a área da queda, em Namabshah, 210 quilómetros a Nordeste de Carachi, e que estavam a efectuar buscas entre os destroços.

O consulado soviético em Carachi recusou-se a fornecer quaisquer pormenores acerca do avião, da tripulação e da carga, enquanto o escritório da Companhia Aérea Soviética AEROFLOT afirmava não possuir informações exactas sobre o voo.

O avião, que partira de Aden, no Iemen do Sul, aterrou em Carachi para reparações de emergência e retomou o voo depois de reabastecido. Cavi menos de uma hora depois.

Houve especulações de que fortes chuvas de monção que fustigaram no sábado o Sul do Paquistão poderão ter estado na origem da queda.

O mistério das minas no mar Vermelho

Os melhores helicópteros norte-americanos de detecção de minas vão ser enviados para o Mar Vermelho para pôr fim às misteriosas explosões que ameaçam a navegação na zona — revelaram fontes próximas do executivo.

Seis sofisticados helicópteros RH-53-D e respectivas tripulações encontram-se já no interior de gigantescos aviões militares de transporte C-5, aguardando ordens.

Quinze navios foram já atingidos por explosões de engenhos submarinos no Golfo de Suez, a norte do Mar Vermelho, ou em Bad El Mandeb, a Sul.

Não há a certeza sobre quem poderá ter colocado os explosivos, embora uma autodenominada organização islâmica Jihad tenha reivindicado uma autode-

nominada organização islâmica Jihad tenha reivindicado a colocação das minas «para castigar o imperialismo».

Fontes da secretaria norte-americana de Estado citadas pelo «New York Times» afirmaram que a Administração aguarda relatórios técnicos de uma equipa de nove peritos para ordenar o envio dos helicópteros.

Os peritos seguiram a semana passada para o Cairo para estudar as características das explosões e elaborar um relatório que poderá estar completo dentro de poucos dias.

Entretanto, países como o Egipto iniciaram já investigações próprias, fazendo deslocar para a zona barcos de rastreio, que tentam «limpar» aquelas importantes águas comerciais.

Confrontos no Sri Lanka — mais de 35 mortos

Mais de 35 pessoas morreram domingo em confrontos entre as forças de segurança e separatistas Tamis, no norte do Sri Lanka.

Fontes diplomáticas sublinharam que esta ofensiva havia sido «largamente» preparada para comemorar o primeiro aniversário da morte dos 57 líderes Tamis a mãos do exército, quando se encontravam encarcerados.

Um porta-voz do ministério da Defesa informou que os confrontos se iniciaram sábado, com um ataque a um navio da armada por um barco ainda não identificado, no estreito que separa o

Sri Lanka da Índia.

Forças navais ocorreram de imediato à zona, o que provocou violentos confrontos com guerrilheiros, que utilizaram explosivos e armamento pesado.

O porta-voz responsabilizou os «Tigres de Libertação de Tamil Eelam» pelo incidente e assegurou que o governo «está preparado para os defrontar».

Os Tamis defendem a independência em relação ao governo central de Colombo e a criação do Tamil Eelam, país que ocuparia a zona norte do Sri Lanka.

MOBÍLIAS — LIQUIDAM-SE

ESTILOS: INGLÊS, LUIZ XV E XVI, D. JOSÉ, D. JOÃO V, LOUCEIROS, ESTANTES, PAPELEIRAS, CÓMODAS, ROUPEIROS, JOGOS DE MAPAS, PEÇAS DECORATIVAS, ETC.

AV. DA REPÚBLICA, 12 r/c (METRO DO SALDANHA)

Ainda o caso do avião “sul-coreano”

Mensagens falsas para cobrir missão de espionagem de 007

Importantes mensagens rádio supostamente enviadas pelo avião sul-coreano abatido por um caça soviético, em Setembro último, eram falsas e foram enviadas por outro avião para disfarçar uma missão de espionagem, afirmou um ex-funcionário norte-americano.

John Keppel, ex-analista de

informação do Departamento de Estado norte-americano, foi citado na edição de ontem do semanário britânico «Observer» como tendo afirmado que um segundo avião sul-coreano encontrava-se num raio de 200 milhas (322 quilómetros) do aparelho abatido, o voo 007 da transportadora aérea sul-

-coreana KAL, na manhã de 1 de Setembro.

Em artigo datado de Tóquio, o jornal refere que Keppel indicou uma discrepância de tempo incrível durante a qual o aeroporto de Narita, na capital nipónica, recebeu do KAL 007 uma comunicação rádio 38 segundos depois do piloto do caça soviético ter

informado, também via rádio, que destruiu o avião.

Keppel está a exercer pressões para que seja realizado um inquérito ao incidente, no âmbito do Congresso norte-americano.

Todas as 269 pessoas que seguiam a bordo do avião derrubado morreram.

Reunidos desde ontem em Bissau

“Os Cinco” estudam maior cooperação

Proceder a um balanço da cooperação mútua, evidenciar os pontos de estrangulamento e procurar novas formas de intercâmbio, foram os objectivos ontem enunciados pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da Guiné-Bissau para a cimeira ministerial que ontem começou na capital guineense.

Falando na sessão solene de abertura da reunião dos ministros dos «Cinco», que se prolonga até amanhã e conta com a presença de um representante da FRETILIN, Júlio Semedo, sublinhou, por outro lado, a existência de uma reflexão conjunta que a actualidade internacional merecerá por parte do Conselho.

O ministro dos Estrangeiros guineense defendeu a necessidade de aprofundamento da cooperação entre os «Cinco», sublinhando que cada passo dado na sua materialização se reveste de profundo significado, «sobretudo tendo em conta as dificuldades que enfrentamos na nossa luta pelo desenvolvimento», disse.

Depois de referir que os «Cinco» nunca ficaram «insensíveis perante as justas reivindicações dos povos pela afirmação dos seus direitos legítimos», Júlio Semedo declarou que o apoio do grupo ao acordo de N'Komati e ao compromisso de Lusaca «foi uma prova eloquente do empenho dos «Cinco» na busca de uma solução justa e definitiva para a situação que prevalece na África Austral».

«Não foi, nem podia ser, esquecida a nossa indefectível solidariedade para com os povos namibiano e sul-africano», declarou o ministro, acrescentando que «a intransigência dos cinco Estados relativamente ao «apartheid» também foi reafirmada».

Sobre a presença do representante da FRETILIN, Semedo afirmou que ela «põe em evidência os laços de solidariedade que nos unem ao povo de Timor-Leste, na sua heróica luta pela autodeterminação e independência».

O chefe da diplomacia guineense, que é também presidente da Comissão Ministerial dos «Cinco», sublinhou que a reunião de Bissau «vai permitir estudar juntamente com os nossos camaradas a luta do povo tomorense».

A concertação das posições dos «Cinco» no caso de Timor, face à perspectiva da 39.ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas e da 20.ª Cimeira da OUA, foi igualmente salientada por Júlio Semedo.

O ministro disse ainda dever a reunião dos «Cinco» prestar uma atenção especial «à grave situação que prevalece no Sara Ocidental e no Chade», que, afirmou, «representa um dos obstáculos maiores ao retorno à estabilidade no seio da OUA».

Telegrama de Jaime Gama

O ministro dos Negócios Estrangeiros português, Jaime

as bombas que eles tem agora, já não há solução» — afirma.

Quando se deu a tragédia de Hiroshima havia quem afirmasse que nunca mais ali crescerá a relva, mas a vegetação voltou a crescer e, hoje, a cidade encontra-se adornada de árvores e bonitos jardins.

Das ruínas nasceu uma nova cidade com 520 mil habitantes, cerca do dobro de 1945.

A única relíquia da bomba atómica é uma cúpula de um edifício que era antes um museu comercial e que se encontra agora no Parque da Paz, perto do centro da zona em que a bomba explodiu.

roshima, Takeshi Araki, um dos sobreviventes da bomba recorda o acontecimento.

«Vi um relâmpago e saí para baixo da minha secretária. Quando saí para a rua, vi a famosa nuvem em forma de cogumelo» — relatou.

Takeshi Araki, na altura com 29 anos, descreve como viu muitos sobreviventes horrivelmente queimados, entre os quais a sua irmã mais nova, que morreu quatro semanas depois da explosão.

Como resultado do que presenciou este habitante de Hiroshima tornou-se um líder pacifista que, no entanto, afirma não acreditar no desarmamento nuclear «com

Trinta e nove anos depois

Sobreviventes de Hiroshima não esquecem a tragédia

Trinta e nove anos após a explosão da bomba atómica em Hiroshima, e depois de afastado o medo do estigma social, os sobreviventes ainda recordam as experiências que viveram.

A maior parte dos que viveram a devastação de 6 de Agosto de 1945, sofreram radiações de uma magnitude até aí nunca experimentada por seres humanos.

Mesmo aqueles que não ficaram fisicamente afectados pelas radiações recebam os efeitos que elas possam ter nos seus filhos, pois acreditam que existem anomalias que podem ser transmitidas geneticamente.

O presidente da câmara de Hi-

DESPORTO

Rosa Mota: bronze, 800 contos e bandeira ao alto

A Bandeira Nacional Portuguesa flutuou pela 1.ª vez no Estádio Olímpico de Los Angeles, às 16 h 14 locais (00 h 14 de Lisboa) graças ao 3.º lugar de Rosa Mota na maratona. A medalha ganha por Rosa Mota é a primeira alcançada por uma mulher portuguesa em Jogos Olímpicos. Com o tempo de 2.26.57 horas, Rosa Mota alcançou a sua melhor marca de sempre e simultaneamente máximo português.

Eram precisamente 18 h 35 (hora de Lisboa) quando Rosa Mota cortou a meta em Los Angeles, no 3.º posto, depois de ter estado muito tempo em 4.º lugar e de ter iniciado a corrida em segundo.

Joan Benoit (EUA) ganhou a medalha de ouro. Grete Waitz (Noruega) ficou com a medalha de prata.

Logo após ter cortado a meta, Rosa Mota não resistiu às lágrimas e foram muitos os telefonemas de parabéns, incluindo um do Primeiro-Ministro Mário Soares e outro do Centro de Atletismo do Porto (clubes de Rosa Mota), recebidos em Los Angeles.

Foi a primeira vez que a maratona feminina foi inscrita no calendário olímpico.

Rosa Mota fez o percurso em 2.26.57. A vencedora em Los Angeles, a norte-americana Joan Benoit, fez 2.24.52 horas (que passa a constituir recorde olímpico), a melhor marca mundial já (pertencia a 2.22.43). Em Atenas, quando se tornou campeã europeia, Rosa Mota tinha feito 2.36.04 horas e a sua melhor marca era de 2.31.12, alcançada quando ganhou (em 16 de Outubro) a Maratona de Chicago.

Tempos de passagem de Rosa Mota, em Los Angeles: 5 quilómetros: 18.21; 10: 35.39; 15: 52.38; 20: 1.09.44; 25: 1.27.14; 30: 1.44.13; 35: 2.01.41; 40: 2.19.27; final: 2.26.57.

Prémio governamental

A dupla Rosa Mota/José Pedrosa ganhou 1200 contos com o 3.º lugar da atleta na maratona feminina olímpica. — divulgou (em Los Angeles) o secretário de Estado dos Desportos. O dr. Miranda Calha revelou que a atleta e o seu técnico vão ser os primeiros beneficiários de um despacho seu que prevê a atribuição de prémios monetários por medalhas conquistadas nos Jogos. Esses prémios são de 1500 contos para medalha de ouro, mil para uma de prata e 800 para uma de bronze, no caso os atletas. Para os técnicos, as verbas são de 750, 500 e 400 contos.

As verbas (sublinhou o dr. Miranda Calha) são entregues às respectivas Federações. O secretário de Estado observou que o modelo foi copiado de outros países, embora naturalmente com verbas mais baixas. E citou o exemplo italiano, cujo governo atribuiu ao vencedor da prova de pentatlo moderno, o políaco Romano Masella, a soma de oito mil contos.

Para o técnico José Pedrosa, este prémio **permitirá pagar a nossa incompreendida preparação para os Jogos**. O técnico de Rosa Mota revelou que ele e a atleta gastaram na preparação efectuada em Bolder (Colorado) antes dos Jogos Olímpicos, entre 700 a 800 contos.

O dr. Miranda Calha adiantou que, em Outubro, sairá um estatuto sobre a alta competição, este despacho, que permitiu a Rosa e Pedrosa arrecadar 1200 contos, foi um primeiro passo. **Não existia qualquer regra de apelo**, assinalou o secretário de Estado.

TV madrastra

Apesar de Rosa Mota, campeã europeia, ter entrado no Estádio Olímpico isolada, com a medalha de bronze assegurada, a Televisão norte-americana, surpreendentemente, não focou a parte final da corrida da atleta portuguesa. Limitou-se a mostrá-la, fugazmente, a cortar a meta, depois de ter acompanhado longamente a volta ao estádio da 4.ª classificada, a norueguesa Ingrid Kristiansen.

Elite

Rita Borralho e Conceição Ferreira cortaram a meta na maratona em 38.º e 39.º lugar, de mãos dadas. O tempo atribuído a ambas foi de duas horas 50 minutos e 58 segundos. Terminaram a prova 44 das 50 concorrentes que alinharam e a última foi a brasileira Eleonora Mendonça, com 2.52.19.

— disse Rosa Mota. «A prova correu-me muito bem e consegui uma medalha que não esperava. A Joan Benoit, a Julie Brown (norte-americanas) e a Grete Waitz e a Ingrid Kristiansen (norueguesas) tinham melhores marcas que a minha».

«Quando reparei que os cinco quilómetros tinham sido corridos em 18 minutos e tal, fui para a frente impor o meu ritmo. A Benoit fugiu cedo e não fui atrás dela. Ela está em grande forma, estava a correr em casa e partiu decidida para o ouro. No grupo da frente, no qual eu vinha, cada uma fez a sua corrida. Só me admirei de a Grete Waitz não ter ido atrás da Benoit. Aos 25 quilómetros (prosseguiu) ataquei já sabia que se não o fizesse, se não andasse mais depressa, depois iria sofrer as consequências, quando as norueguesas aumentassem bruscamente de andamento. Elas são especialis-

la. Sabia que ela é mais forte que eu na ponta final e por isso voltei a atacar. Ela não me acompanhou e lembrei-me de Atenas quando ganhei a medalha de ouro e ela ficou com a de prata. Foi a mesma coisa: andei com ela quatro quilómetros e depois abalei».

«Quando a Benoit arrancou, nunca pensei que ela estoirasse. Só não fui atrás dela porque não tenho pernas para ela. Mas não percebo porque razão a Waitz ficou no pelotão. A Kristiansen disse à Waitz para ir atrás da norte-americana, mas a sua companheira não acreditou que a Benoit mantivesse aquele ritmo».

«O quê?, acabei de ganhar 800 contos e o meu treinador (José Pedrosa) 400? Isso é maravilhoso», reagiu Rosa Mota.

Rita Borralho e Conceição Ferreira ficaram igualmente eufóricas com a medalha de bronze di-

Rosa Mota: o perfil



O recorde nacional absoluto dos 1500 metros e por sete o dos 3000 metros. O melhor tempo português da maratona

também lhe pertence tendo sido sucessivamente melhorado nas quatro experiências que teve na prova. Em 1982 em Atenas, Rosa Mota foi campeã europeia logo na sua primeira participação na distância, com o tempo de 2.36.04. Em 1983 venceu a Maratona de Roterdão (2.32.27). Foi 4.ª no campeonato mundial de Helsinquia (2.31.50) e ganhou a Maratona de Chicago (2.31.12) a 16 de Outubro. A tri-vencedora da popular «Sao Silvestre de São Paulo» (1981, 1982 e 1983) detem também o melhor tempo mundial dos 20 quilómetros (1.06.55) a segunda melhor «performance» da hora (18.027 metros).

Rosa Mota «Fizemos a prova sempre juntas e quando entramos no estádio, ao sabermos que a Rosa tinha sido 3.ª, ficamos tão felizes que resolvemos cortar a meta de mão dada», afirmou Rita Borralho. Aurora Cunha e Albertina Macha

Quem conquista medalhas

Quadro de medalhas ao fim do oitavo dia de competições

	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
EUA	43	35	14	92
RFA	7	11	12	30
Roménia	15	9	5	29
China	13	6	5	24
Canadá	6	8	7	21
Austrália	3	7	10	20
Japão	7	4	8	19
Gra-Bretanha	2	3	11	16
Itália	8	2	5	15
França	2	2	6	10
Suécia	0	5	5	10
Holanda	2	2	4	8
Finlândia	3	1	2	6
México	1	2	1	4
Coreia do Sul	1	2	1	4
Bélgica	1	1	2	4
Jugoslávia	1	0	3	4
Suiza	0	2	2	4
Nova Zelândia	2	0	1	3
Dinamarca	0	1	2	3
Noruega	0	1	2	3
Grécia	0	1	1	2
Austria	0	1	1	2
Brasil	0	1	0	1
Colômbia	0	1	0	1
Peru	0	1	0	1
Espanha	0	1	0	1
Portugal	0	0	1	1
Formosa	0	0	1	1
Venezuela	0	0	1	1
Jamaica	0	0	1	1
	117	109	114	340

Rosa com a palavra

«Não tenho palavras para explicar o que sinto, estou tão feliz»

ponta esquerda

TV norte-americana é parcial

O presidente do Comité Olímpico Internacional (COI) protestou junto da cadeia televisiva norte-americana ABC por **parcialidade informativa** na cobertura dos Jogos de Los Angeles. Juan Antonio Samaranch enviou uma carta de protestos pela «parcialidade da ABC a favor dos competidores norte-americanos». O presidente do COI agiu na sequência de protesto que lhe têm sido dirigidos por atletas, dirigentes e comités olímpicos nacionais, que acusam a Televisão dos Estados Unidos de privilegiar os atletas norte-americanos, quase não informando sobre a actuação de competidores de outros países. A cadeia de televisão ABC tem os direitos de transmissão exclusiva dos Jogos de Los Angeles.

A cobertura televisiva dos Jogos feita pela ABC levantou protestos generalizados na Aldeia Olímpica. Um porta-voz da delegação chinesa (2.º país no quadro de medalhas) exprimiu o seu descontentamento pela forma como a televisão está a tratar a equipa do seu país. Uma basquetebolista do Canadá (Sylvia Sweney) declarou aos jornalistas que a cobertura da televisão é mais própria de uns campeonatos norte-americanos do que de uma Olimpíada. Para a ginasta canadiana Kelly Brown, a TV foi parcial no tratamento dado às atletas dos Estados Unidos, relativamente ao dedicado a romenas e chinesas, tanto mais que foram as romenas a ganhar a medalha de ouro. Foi o presidente do comitê organizador dos jogos, Peter Ueberroth, que informou a imprensa sobre o protesto de Juan Antonio Samaranch, mas recusou-se a comentar o caso dizendo que não tem tempo para ver televisão, daí não poder pronunciar-se.

«Doping»: medalha retirada

O lutador sueco Thomas Johansson perdeu a medalha de prata conquistada na classe de pesados por ter tomado drogas proibidas. Johansson (22 anos) teve um teste anti-«doping» positivo, que acusou esteróides anabolisantes e admitiu tê-los tomado para se recompor de doença na qual perdeu dez quilos.

O lutador tem de entregar a medalha ganha e a Suécia ver-se-á com menos um galardão de prata no quadro de medalhas. Em contrapartida, a Jugoslávia fica com a medalha de prata, para o seu lutador Refir Memisevic, ao passo que Victor Dolpisch, (da Roménia) receberá a medalha de bronze que pertencia àquele.

Esgrimista com mão artificial

O esgrimista inglês Robert Bruniges participou nos Jogos Olímpicos com uma mão artificial e só o conseguiu graças «à mão» que a companhia aérea inglesa e um hospital de Londres lhe deram. Robert Bruniges sofreu um acidente na piscina da Aldeia Olímpica e danificou irremediavelmente a mão artificial que já tinha. Um hospital londrino «fabricou» outra em tempo recorde e a companhia aérea britânica transportou-a de imediato a Los Angeles, a tempo de o atleta participar nas provas.

São várias as notícias: primeiro, o facto de um esgrimista usar mão artificial; segundo, o tempo recorde do hospital (fez em três dias o que normalmente se faz em três semanas); terceiro, o transporte especial e rápido da companhia aérea inglesa; quarto, a mão chegou a Los Angeles no dia de anos de Bruniges; quinto, o inglês (com a mão artificial) ganhou ao japonês com mão de origem; sexto, a vitória de Bruniges foi determinante para a qualificação da sua equipa.

Segurança morre de tédio

O maior perigo que os 18 mil homens da segurança dos Jogos Olímpicos têm de enfrentar é o tédio. «Os meus homens morrem de tédio por falta de trabalho, mas mesmo assim não abrandaremos a segurança», disse uma fonte oficial. Aparte o tédio, o sistema de segurança só tem sido posto à prova em casos menores, pouco dignos do monumental esquema montado para evitar atentados e outros tipos de criminalidade violenta.

Um membro da Comissão de Segurança Olímpica disse que as únicas alterações que podem ser introduzidas são nas instalações que não estão a ser usadas: «Ai pod-se abrandar a segurança», precisou.

O chefe da Polícia de Elite afirmou que se alguma coisa mudasse na segurança poderia haver de verdade algum trabalho. «Desde o início que sempre pensamos que as dores de cabeça só poderiam surgir se abrandássemos a vigilância apertada que desde o princípio temos mantido», acrescentou.

Olimpíadas do esparguete

O italiano Luigi Talenti ganhou a medalha de ouro das Olimpíadas do «Spaghetti» ao comer, em 24 minutos, 2,6 quilos da famosa massa italiana. A competição teve lugar em Roma, e na ideia da agência inglesa Reuter serviu como desforra pelo facto da Itália ter perdido em favor da China a medalha de ouro de florete feminino nos Jogos de Los Angeles. É que o adversário de Talenti foi o chinês Jhon Chen, proprietário de um restaurante em Roma, que tinha ainda um grande monte de massa no seu prato de um metro de diâmetro quando o italiano acabou de comer a sua «amatriciana» (esparguete com molho de tomate, presunto, cebola e malagueta). A vitória de Talenti foi assim duplamente saborosa, já que nas «Olimpíadas do Esparguete» do ano passado fora batido pelo mesmo chinês.

Harald Schmid: acidente

O atleta alemão federal Harald Schmid, especialista nos 400 metros barreiras, sofreu um acidente de automóvel quando se deslocava da aldeia olímpica para o Coliseum, em Los Angeles. O carro onde viajava Schmid ficou praticamente destruído, mas o atleta apenas sofreu um hematoma na cabeça.

COU

s mil

em 273 milhões, o que a tor-
rá o país com maior cresci-
ento populacional.

A América Latina terá, nos
mos 20 anos do século um
mento de população de cer-
de 188 milhões de pessoas.

passo que a América do
rte (Estados Unidos e Cana-
registrará um crescimento
pacional da ordem dos 46
hões, assinalando o con-
ste da explosão demográfi-
entre o norte industrializado
sul em vias de desenvolvi-
ento.

A Federação da Planificação
miliar que conta com 119 as-
ciações de 119 países, con-
era com base em cálculos
s Nações Unidas, que entre
80 e o ano 2025, a popula-
o mundial vai aumentar em
milhões de pessoas, haven-
na segunda metade do sé-
o XXI, um crescimento de
enas 700 milhões, como
nsequência da curva de re-
ção de crescimento iniciada
s finais do século XX.

U analisa nto

adas a limitar os índices de
scimento familiar.

Antes da conferência do Mé-
o, o comitê preparatório or-
nizou duas reuniões em Nova
que nas quais foram traçadas
linhas de actuação, tendo-se
nado patente o tradicional
ronto entre as posições «an-
trolo de natalidade» e «con-
o responsável».

A primeira destas tendências
oca acima de tudo a liberdade
ividual, ao passo que a se-
nda, maioritária, pretende in-
ir o controlo demográfico no
peito pelas liberdades indivi-
uais e sociais.

A Conferência Mundial de Po-
ação analisará os resultados
idos desde 1974 pelo Plano
Acção Mundial aprovado em
careste e adoptará novas re-
mendações destinadas a es-
ilizar a população do Globo
prazo mais curto possível. A
legação portuguesa à confe-
ncia é composta por seis pes-
as e é chefiada pelo ministro
Saúde, Maldonado Gonetla

is CUA

Data Resources Inc., de Le-
ngton, Massachusetts, consi-
ra que a baixa inflação, as
xas de juro mantidas e os pre-
s do mercado energético são
gumas das razões para o su-
sso deste mercado.

«O problema agora é que os
bricantes não têm carros»,
rescenta.

Em contrapartida, as importa-
es de veículos estrangeiros
ixaram cerca de 40 por cento,
vido — segundo os analistas —
greve registada na Alemanha
o sector metalomecânico.



DESPORTO

Para a história dos grandes "heróis"

Continuação da pág. 13

do também davam largas ao seu contentamento. Fomos as primeiras a abraçar a Rosa, ainda no estádio», disse Aurora.

Rosa Mota, que a televisão norte-americana não mostrou a cortar a meta, correu de imediato de braços no ar para o fotógrafo da agência Notícias de Portugal Luís Vasconcelos e depois foi unido ao gradeamento do estádio a saudar os companheiros.

Na conferência de imprensa (junto do seu técnico José Pedrosa) Rosa Mota agradeceu o apoio dos jornalistas («Vocês foram porreiros ao longo da semana»). «Posso dar-lhe um beijo de parabéns», disse o dr. Miranda Calha, que felicitou Rosa Mota em nome do Primeiro-Ministro Mário Soares e do Governo português. Logo à noite, vamos comemorar a medalha. Depois telefonamos a marcar encontro», disse Rosa Mota, quando abandonou a conferência de imprensa, acompanhada por José Pedrosa.

A medalha, que lhe iria ser entregue seis horas depois no pódio olímpico, foi entregue do COI, o espanhol Juan Antonio Samaranch, Rosa Mota «chudi-a» com o seu treinador, José Pedrosa. Quanto «ao resto», (isto é a factos desagradáveis que rodearam a participação de Rosa Mota na maratona olímpica, envolvendo designadamente o Comité Nacional Português) a atleta disse haver muito a dizer. Mas guardou tudo isso para mais tarde, com mais calma.

Joana Figueiredo

A portuguesa Joana Figueiredo não conseguiu a qualificação para a final da prova de sal-

tos para a água: necessitava de se classificar entre as 12 primeiras, o que não aconteceu. Joana Figueiredo classificou-se em 22.º lugar entre 24 concorrentes (com 374.07 pontos, uma pontuação muito abaixo das suas possibilidades). A saltadora costuma habitualmente fazer mais de 400 pontos.

Joana Figueiredo que ao fim de cinco saltos ocupava a 17.ª posição (com 185.61 pontos) teve uma actuação modesta nos últimos cinco saltos, onde em dois deles foi última e num outro antepenúltima. Joana Figueiredo realizou a seguinte pontuação nos dez saltos: 32.40 pontos (12/A); 35.34 (18/A); 40.80 (9/A); 33.15 (21/A); 43.92 (12/A); 46.80 (15/A); 24.36 (24/A); 27.72 (24/A); 41.58 (22/A); 48.00 (15/A). Atrás de Joana Figueiredo apenas ficaram a brasileira Ângela Ribeiro (370.68) e a egípcia Rím Hassan (258.63 pontos). A chinesa Li Yihua ganhou a qualificação (517.92 pontos) seguida da norte-americana Kelly McCormick (516.75 pontos) e da canadiana Sylvie Bernier (480.51 pontos).

Números e nomes

Tiro

Estados Unidos e China conquistaram seis medalhas cada nas provas do Torneio Olímpico de Tiro. Dadas as ausências dos atiradores soviéticos, da RDA e outros países do Leste europeu, a prova não foi de grande nível técnico, como demonstra o facto

de apenas ter sido estabelecida uma nova marca olímpica, e por ter sido a primeira vez que a especialidade entrou nos jogos. A chinesa XiaoXuan Wu fez 581 pontos na prova feminina de carabina standard. Quanto ao alemão Matthew Dryke igualou a marca olímpica de «skeet» (198 pontos).

Esgima

O francês Jean Lamour, ao derrotar o italiano Marco Marin, conquistou a medalha de ouro na prova de sabre. Lamour, sete vezes campeão nacional da França naquela especialidade, havia já superado nas eliminatórias o alemão-federal Jurgen Nolte (por 10-2) e o italiano Giovanni Scalzo (por 10-5). Marin contentou-se com a medalha de prata, tendo a de bronze sido entregue ao norte-americano Peter Westbrook.

Westbrook causou grande sensação na competição ao eliminar o favorito número um da prova, o italiano Dalla Barba, 2.º classificado nos últimos campeonatos mundiais de esgrima.

Barba, que se revelou em baixa de forma, consentiu outra derrota frente ao romeno Marin Mustafa.

Ciclismo

A aerodinâmica espantosa de oito rodas em fibra de carbono levaram a Itália a uma vitória confortável na prova olímpica de 100 quilómetros contra-relógio por equipas, última do programa velocipedico dos jogos. Apesar de ter sofrido um «furo», o quarteto italiano realizou uma hora 58 minutos e 20 segundos, menos cerca de quatro minutos que a Suíça (2.ª classificada) e os Estados Unidos (medalha de bronze).

Com as bicicletas dotadas das mesmas jantes sem raios que as utilizadas pelo italiano Francesco Moser para bater o recorde do Mundo da hora, os quatro transalpinos fizeram uma estreia em prova destas máquinas. Marcello Bartalini, Marco Giovannetti, Eros Poli e Cláudio Vandelli tiveram um pequeno revés (aos 13 quilómetros) quando a máquina do terceiro teve um «furo». Os outros três elementos esperaram pelo companheiro, o que lhes custou cerca de meio minuto, mas recuperaram sem problemas. Os suíços conquistaram a medalha utilizando jantes em fibra de carbono apenas nas rodas traseiras.



Thierry Vigneron: o francês que pode sonhar com medalha no salto com vara.

Outros desfechos para a posteridade:

● Fundo em estrada, homens: ouro, Alexi Grewal (EUA); prata, Steve Bauer (Canadá); bronze, Dag Otto (Noruega).

● Fundo, estrada, mulheres: ouro, Connie Carpenter (EUA); prata, Rebeca Twing (EUA); bronze, Sandra Schumacher (Canadá).

● Velocidade: ouro, Mark Gorski (EUA); prata, Nelson Vails (EUA); bronze, Sakamoto (Japão).

● 4000m perseguição individual: ouro, Steve Hegg (EUA); prata, Rolf Goltz (RFA); bronze, Leonard Nitz (EUA).

● 4000m perseguição, equipas: ouro, Austrália; prata, Estados Unidos; bronze, Alemanha Federal.

● 100m contra-relógio individual: ouro, Schmaitke (RFA); prata, Harnett (Canadá); bronze, Babrice Colas (França).

● Por pontos: ouro, Ilegems (Bélgica); prata, Messerschmidt (RFA); bronze, Youshimatz (México).

Judo

O japonês Shinji Hosokawa (campeão mundial) melhorou em cada combate que efectuou para conquistar a medalha de ouro na categoria de 60 quilos em judo. Hosokawa (24 anos) venceu os seus dois últimos combates em apenas dois minutos. A medalha de prata pertenceu ao sul-coreano Kim Yae-Yup (19 anos), antigo campeão mundial de luta. O norte-americano Edward Lidence ganhou no último minuto ao francês Guy Delvingt, para conquistar a medalha de bronze. O outro judoca com a medalha de bronze foi o britânico Neil Eekersley.

O português Rui Rosa resistiu três minutos e 45 segundos frente ao irlandês Stephen Gaawthorpe, na categoria de 65 quilos na competição de Judo. Foi a 2.ª vez que um judoca português foi eliminado na primeira ronda, depois de João Neves ter sido afastado pelo japonês Shinji Hosokawa, que conquistou a medalha de ouro na categoria de 60 quilos.

Hugo Assunção entra hoje em prova na classe de 71 quilos e tem hipóteses de ultrapassar a 1.ª eliminatória, na qual defronta o mexicano Vizcarra.

Halterofilia

Nicu Vlad (um oficial do exército romeno) conquistou a medalha de ouro para o seu país na categoria de 90 quilos na competição de halterofilia. Vlad (20 anos) o mais novo halterofilista em competição, levantou 392,5 quilos conseguindo um recorde olímpico no arranço com 172,5 quilos e alcançando depois 215 quilos no arremesso. O anterior recorde olímpico no arranço pertencia ao soviético David Rigert (com 170 quilos) desde os Jogos de Montreal (1976). O recorde de Vlad foi obtido no 3.º e último levantamento.

A Roménia ganhou também a medalha de prata por Petre Dumitru com 360,0 quilos cabendo ao britânico David Mercer a de bronze com 352,5 quilos.

O canadiano Yan Darsigni conquistou a medalha de ouro em halterofilia (categoria de 82,5 quilos), com o total de 322,5 quilos. A medalha de prata foi para o neozelandês Allister Nalder e a de bronze para o norte-americano Arn Kritski.

Francisco Coelho classificou-se em 4.º lugar no grupo B da categoria de 90 quilos, estabelecendo novo máximo nacional do arremesso. Coelho levantou à primeira tentativa no arremesso 190 quilos, mais 2,5 quilos que o seu recorde anterior, mas falhou as tentativas seguintes. Totalizou 340 quilos



Toda a gente quis felicitar a nossa Rosinha

(150+190) e ficou a 2,5 quilos do vencedor do grupo, o britânico Kieth Boxell (150+192,5).

A prova correu-me mal. Comecei cedo o aquecimento e depois de baixar de pesos, o que me prejudicou — disse Coelho no final, satisfeito com o recorde do arremesso, mas triste por não ter feito as marcas que ambicionava: 160 no arranço e 200 no arremesso. Coelho falhou a primeira tentativa a 150 quilos no arranço. Confesso que estava nervoso, não só por ser a 1.ª presença nos Jogos, mas também porque o arranço é um movimento muito delicado. É preciso mais equilíbrio, assinalou. A 2.ª tentativa, Coelho pareceu menos tenso, menos nervoso e conseguiu (com certa facilidade) levantar os 150 quilos. Para a 3.ª ordenou

160 quilos, mas a puxada saiu-lhe mal e caiu para trás.

Remo

O «eterno» finlandês Pertti Karpinnen obteve a sua 3.ª medalha de ouro consecutiva nas finais olímpicas de skiff, conseguindo a maior proeza nas oito corridas decisivas realizadas no lago Casitas. Karpinnen, medalhado com ouro em Montreal e Moscovo, teve um final poderoso e superou o alemão federal Peter Kolbe (medalha de prata) com o canadiano Robert Mills a obter a 3.ª posição.

Carmine e Giuseppe Abbagnale (irmãos italianos) com Giuseppe Di Cappua como timoneiro, ganharam em dois com ti-

Continua na pág. 15

Calendário para hoje

O programa de hoje, com a indicação das horas locais (mais oito em Lisboa), é o seguinte:

CANOAGEM — 7 e 30 — Eliminatórias de 500 metros, masculinos e femininos; 13 horas — Repescagens de 500 metros, masculinos e femininos.

HOQUEI EM CAMPO — (masculino) — Grupo A: 8 e 30 — Austrália-EUA; 10 horas — Espanha-Malásia; 14 e 30 — RFA-Índia. Feminino — 16 horas — RFA-Nova Zelândia.

POLO AQUÁTICO — Fase final: 8 e 30 — Jugoslávia-Austrália e China-Japão; 13 e 30 — Holanda-EUA e Canadá-Grécia; 19 e 30 — Brasil-Itália e Espanha-RFA.

TENIS — 9 horas — 16 jogos.

BASEBOL — 13 horas — Jogos das meias-finais.

BASQUETEBOL — (masculino) — 10 horas e 11 e 45 — Jogos dos quartos-de-final.

ATLETISMO — 9 e 30 — Vara (eliminatória); 10 horas — 200 metros, masculinos (1.ª eliminatória); 12 horas — 200 metros, masculinos (2.ª eliminatória); 16 horas — 110 metros barreiras (meias-finais); 16 e 10 — Martelo (final); 16 e 25 — 400 metros barreiras, femininos (meias-finais); 16 e 55 — 400 metros, masculinos (meias-finais); 17 e 20 — 400 metros, femininos (final); 17 e 35 — 800 metros, femininos (fi-

nal); 17 e 40 — Comprimento, masculinos (final); 17 e 50 — 800 metros, masculinos (final); 18 e 05 — 110 metros barreiras (final); 18 e 15 — Dardo, femininos (final); 18 e 30 — 3000 metros obstáculos (1.ª eliminatória); 19 e 45 — 10 000 metros (final).

NATAÇÃO SINCROINIZADA — 10 horas — Costas (eliminatórias).

VOLEIBOL (masculino) — Grupo A: 10 horas — Argentina-Coreia do Sul; 20 e 30 — Brasil-EUA. Grupo B: 12 horas — Canadá-Japão; 18 e 30 — Egito-Itália.

BOXE — 11 e 14 horas — Combates preliminares.

VELA — 13 e 30 — Quinta regata.

HALTEROFILIA — 14 horas — Categoria de 100 quilos (Grupo B); 18 horas — Categoria de 100 quilos (Grupo A).

ANDEBOL (masculino) — Grupo A: 18 e 30 — Roménia-Japão; 20 horas — Islândia-Argélia; 21 e 30 — Jugoslávia-Suíça. Grupo B: 11 horas — RFA-Coreia do Sul; 12 e 30 — Dinamarca-Suécia; 14 horas — Espanha-EUA.

JUDO — 16 horas — Categoria de 71 quilos (final).

SALTOS PARA A AGUA (femininos) — 16 e 30 — Trampolim de três metros (final).

FUTEBOL — 17 horas — Jogos dos quartos-de-final

Na TV

São as seguintes as transmissões a efectuar, hoje, pela Radiotelevisão Portuguesa:

15 horas — Resumo — Canal 1 (diferido)

16 horas — Atletismo — Canal 1 (diferido)

18 e 55 — Atletismo — Canal 1 (directo)

19 e 30 — Ginástica — Canal 2 (diferido)

21 e 30 — Halterofilia — Canal 2 (diferido)

22 horas — Canoagem — Canal 2 (diferido)

22 e 30 — Resumo — Canal 1 (directo)

Mam

Continuação da pág. 14

monero, confirmando o fustismo que lhes era atribuído a sua condição de bicar mundiais. Roménia e EUA ram com as outras medalha

Em dois sem timoneiro, foi para os romenos Petru e Valer Toma, que distanc espanhóis e noruegueses. dleyu Lewis e Paul Er (norte-americanos) recu ram e ultrapassaram belgas goslavos para vencer em ble skulls».

Em «oitto», o Canadá li desde início para vencer -americanos e australian passo que em quatro com neiro os britânicos fizeram suas tradições, ficando o ouro e deixando a prata bronze aos Estados Unidos Nova Zelândia.

Os neozelandeses cheg à vitória em quatro sem neiro, com EUA e Dinama seguir, enquanto em quat parelha a RFA bateu a Au e o Canadá.

A Roménia simbolizou minio dos atletas da E Central no torneio olímpico remo: nas provas femininas romenas foram demoli ganhando cinco das seis lhas de ouro e uma de pra torneio masculino também seguiram uma de ouro. C desportivo demonstrado equipas romenas no lago tas foi invulgar e assinala domínio europeu na moda olímpica. Exceptuando-se medalhas de ouro dos Estados Unidos, e da conquista nadá, a superioridade eu foi clara.

Basquetebol

Os Estados Unidos e a do Sul qualificaram-se para do torneio olímpico de basbol feminino, enquanto a C o Canadá disputam o 3.º lu Coreia do Sul impôs-se na final do torneio à China p 56) e os norte-american plantaram os canadianos (5 A Austrália ao vencer a Ju via (por 62-59) alcançou a vitória na competição e cou-se na 5.ª posição da p

Basquetebol masculino grupo A: Austrália - Egito 78; RFA - Brasil, 78-75; J via - Itália, 69-65. Grupo B Espanha, 101-68; Canadá-ça, 96-69; Uruguai - China,

Classificação no grupo Jugoslávia, 10 pontos; 2.º 3.º Austrália, 6; 4.º RFA Brasil, 2; 6.º Egito, 0. G 1.º Estados Unidos, 10; 2. nha, 8; 3.º Canadá, 6; 4.º U 4; 5.º China, 2; 6.º França

O Brasil venceu a Fran

Drama

A suíça Gabnela A mente a maratona, er (39 anos) foi imediatan médicos do estádio em

O chefe dos serv que os sintomas que a gotamento e desidrata conduzida às instalaç da UCLA, para total re

A atleta helvética e leando, sem qualquer 70 000 angustiados e do estádio foi penosa, na maratona é 2.33.0 lhe era sugerido. A pa baleando de um ao ou crível no rosto, cheg meta com o auxílio d arrastou-se, esgotada

Os últimos metros pareceu ir desfalecer baleantes passos e c rios funcionários que seguraram-na e conde

Recordes vão tombando

Cronologia do recorde mundial de natação 200 m estilos masculinos:

Data	Autor	Local	Marca
24/08/66	G. Buckingham (EUA)	Los Altos	2.14, 1
21/08/66	G. Buckingham (EUA)	Lincoln	2.12, 4
13/08/67	G. Buckingham (EUA)	Oak Park	2.11, 3
31/08/68	C. Hickox (EUA)	Long Beach	2.10, 6
17/08/69	G. Hall (EUA)	Louisville	2.09, 6
12/09/70	G. Larsson (SUE)	Barcelona	2.08, 3
06/08/72	G. Hall (EUA)	Chicago	2.09,30
03/09/72	G. Larsson (SUE)	Munique	2.07,17
24/08/74	D. Wilkie (ING)	Viena	2.06,32
01/09/74	B. Furniss (EUA)	Concord	2.06,32
23/08/75	B. Furniss (EUA)	Kansas City	2.06, 8
04/08/77	G. Smith (CAN)	Montreal	2.05,31
09/06/78	A. Sidorenko (URSS)	Moscovo	2.05,25
01/08/78	S. Lundquist (EUA)	Woodlands	2.04,39
24/08/78	G. Smith (CAN)	Berlim	2.03,65
06/07/79	J. Vasallo (EUA)	San Juan	2.03,29
01/08/80	B. Barrett (EUA)	Irvine	2.03,24
29/07/81	A. Baumann (CAN)	Heidelberg	2.02,78
04/10/82	A. Baumann (CAN)	Brisbane	2.02,25
04/08/84	A. Baumann (CAN)	Los Angeles	2.01,42

Cronologia do recorde mundial de natação de 4 x 100 m estilos masculinos:

Data	Autor	Local	Marca
07/09/57	Japão	Toquio	4.17, 8
28/05/58	Japão	Toquio	4.17, 2
25/07/58	Austrália	Cardiff	4.14, 2
25/08/58	Austrália	Osaka	4.10, 4
24/07/59	EUA	Toledo	4.09, 2
27/08/60	EUA	Roma	4.08, 2
01/09/60	EUA	Roma	4.05, 4
20/08/61	EUA	Los Angeles	4.03, 0
12/08/62	EUA	Cuyahoga	4.01, 6
24/08/63	EUA	Osaka	4.00, 1
16/10/64	EUA	Toquio	3.58, 4
03/08/67	EUA	Toquio	3.57, 2
07/11/67	RDA	Leipzig	3.56, 5
26/10/68	EUA	México	3.54, 9
08/09/70	RDA	Barcelona	3.54, 49
04/09/71	EUA	Leipzig	3.50, 4
04/09/72	EUA	Munique	3.48,16
22/07/76	EUA	Montreal	3.47,28
22/07/76	EUA	Montreal	3.42,22
07/08/82	EUA	Guayaquil	3.40,84
22/08/83	EUA	Caracas	3.40,42
04/08/84	EUA	Los Angeles	3.39,30



DESPORTO

Mamede nos 10 mil às 3 e 30 de 3ª-feira

Continuação da pág. 14

monheiro, confirmando o favoritismo que lhes era atribuído dada a sua condição de bicampeões mundiais. Roménia e EUA ficaram com as outras medalhas.

Em dois sem timoneiro, o ouro foi para os romenos Petru Iosub e Valer Toma, que distanciam espanhóis e noruegueses. Bradley Lewis e Paul Enquist (norte-americanos) recuperaram e ultrapassaram belgas e jugoslavos para vencer em «double sculls».

Em «oito», o Canadá liderou desde início para vencer norte-americanos e australianos, ao passo que em quatro com timoneiro os britânicos fizeram jus às suas tradições, ficando com o ouro e deixando a prata e o bronze aos Estados Unidos e à Nova Zelândia.

Os neozelandeses chegaram à vitória em quatro sem timoneiro, com EUA e Dinamarca a seguir, enquanto em quatro em parelha a RFA bateu a Austrália e o Canadá.

A Roménia simbolizou o domínio dos atletas da Europa Central no torneio olímpico de remo: nas provas femininas, as romenas foram demolidoras, ganhando cinco das seis medalhas de ouro e uma de prata. No torneio masculino também conseguiram uma de ouro. O nível desportivo demonstrado pelas equipas romenas no lago Casitas foi invulgar e assinalou um domínio europeu na modalidade olímpica. Exceptuando-se duas medalhas de ouro dos Estados Unidos, e da conquista pelo Canadá, a superioridade europeia foi clara.

Basquetebol

Os Estados Unidos e a Coreia do Sul qualificaram-se para a final do torneio olímpico de basquetebol feminino, enquanto a China e o Canadá disputam o 3.º lugar. A Coreia do Sul impôs-se na meia-final do torneio à China por (69-56) e os norte-americanos suplantaram os canadianos (92-61). A Austrália ao vencer a Jugoslávia (por 62-59) alcançou a sua 1.ª vitória na competição e classificou-se na 5.ª posição da prova.

Basquetebol masculino, no grupo A: Austrália - Egipto, 94-78; RFA - Brasil, 78-75; Jugoslávia - Itália, 69-65. Grupo B: EUA - Espanha, 101-68; Canadá - França, 96-69; Uruguai - China, 74-67.

Classificação no grupo A: 1.º Jugoslávia, 10 pontos; 2.º Itália, 8; 3.º Austrália, 6; 4.º RFA, 4; 5.º Brasil, 2; 6.º Egipto, 0. Grupo B: 1.º Estados Unidos, 10; 2.º Espanha, 8; 3.º Canadá, 6; 4.º Uruguai, 4; 5.º China, 2; 6.º França, 0.

O Brasil venceu a França por

100-86 em jogo do grupo de consolidação (5.º ao 8.º lugar).

A turma norte-americana derrotou nos quartos-de-final a RFA. A Jugoslávia cabe-lhe de frente ao Uruguai. A Itália que perdeu uma oportunidade de se vingar da derrota na final de Moscovo, terá pela frente (nos quartos-de-final) o Canadá. A Espanha, que consentiu o seu primeiro desaire frente aos norte-americanos, enfrenta nos quartos-de-final a Austrália.

Voleibol

Os Estados Unidos e a China asseguraram a presença na final do torneio olímpico de voleibol feminino. Os Estados Unidos derrotaram o Peru por 3-0, enquanto a China ganhou ao Japão por 3-0. Americanos e chineses derrotaram-se pela 2.ª vez no torneio olímpico em menos de quatro dias. Os Estados Unidos venceram já a China na final do «Mundial» de 1982. O Peru derrotou o Japão amanhã, para a disputa da medalha de bronze, enquanto a Coreia do Sul, e a República Federal da Alemanha vão jogar para a 5.ª posição.

Quarta jornada do torneio de voleibol masculino Grupo A: Argentina - Tunísia, 3-0 e Brasil - Coreia do Sul, 1-3. Grupo B: Egipto - Japão, 0-3 e Canadá - China, 3-0. Classificação no Grupo A: 1.º Estados Unidos, 6 pontos; 2.ºs Brasil e Coreia do

-Japão, 21-17; Jugoslávia - Argélia, 25-10; Roménia - Suíça, 23-17. Grupo B: RFA - Suécia, 18-17; Espanha - Coreia do Sul, 31-25; Dinamarca - Estados Unidos, 19-16. Classificação no Grupo A: 1.º, Roménia, 6 pontos; 2.º, Jugoslávia, 5; 3.º, Suíça, 4; 4.º, Islândia, 3; 5.ºs, Argélia e Japão, 0. Grupo B: 1.ºs, Dinamarca e RFA, 6; 3.º, Suíça, 4; 4.º, Espanha, 2; 5.ºs, Estados Unidos e Coreia do Sul, 0.

Futebol

França e Itália qualificaram-se para as meias-finais do Torneio Olímpico de Futebol ao derrotarem o Egipto e o Chile, respectivamente. A França ganhou ao Egipto por 2-0 e a Itália somente conseguiu a qualificação para a final através da marcação de uma grande penalidade, no prolongamento do jogo.

A Itália derrotará o Brasil ou Canadá na meia-final (na 6.ª-feira) e a França jogará com a Jugoslávia ou a RFA (no mesmo dia).

Hóquei em campo

A Grã-Bretanha qualificou-se para as meias-finais do torneio de hóquei em campo (masculino) ao derrotar a Holanda por 4-3.

Noutro encontro da quarta jornada o Paquistão atingia as meias-finais do grupo B

nia, 19,975 (ouro); 2.ª Julianne McNamara (EUA), 19,950 (prata); 3.ª Mary Lou Retton (EUA), 19,775 (bronze); 4.ª Zhou Qirui (China), 19,625; 5.ª Rommy Kessler (Suíça), 19,575; 6.ª Na Yanhon, (China), 19,450; 7.ª Mai-ko Morio (Japão), 19,375; 8.ª Laura Cutina (Roménia), 19,150.

Li Ning, com exhibições de gala, inspirou a China a conquistar quatro das seis medalhas em ouro nas provas finais de ginástica masculina. Li Ning obteve a nível individual três medalhas de ouro, mas teve em duas dessas provas que repartir o lugar cimeiro com outros ginastas. O japonês Koji Gushiken (vencedor do concurso individual) juntou-se a Li Ning no 1.º lugar da final de Argolas, com os dois ginastas a somarem o mesmo número de pontos: 19.8050. O norte-americano Peter Vidmar obrigou também Li Ning a repartir com ele o lugar de honra (medalha de ouro) na final de cavalo com arções, ambos com 19.950 pontos. O ginasta chinês vingou-se (contudo) nos exercícios no solo, onde foi medalha de ouro (sozinho), com um total de 19.925 pontos, seguido do seu compatriota Lou Yun (19.775) e do nipónico Koji Sotomura, com 19.700.

A quarta medalha de ouro obtida pela China deveu-se a Lou Yun, que venceu a final da prova do salto de cavalo, ao totalizar 19.950 pontos. A medalha de prata teve que ser entregue neste



As lágrimas do triunfo

(Grã-Bretanha) 2.12.33; 6.ª Naoko Kume (Japão) 2.12.57; 7.ª Sonja Hausladen (Austria) 2.15.38 e 8.ª Conny Van Bentum (Holanda) 2.17.39.

200 metros estilos (masculinos) final: 1.º Alex Baumann (Canadá), 2.01.42 recorde mundial (ouro); 2.º Pedro Pablo Morales (Estados Unidos), 1.03.05 (prata); 3.º Neil Cochran (Grã-Bretanha), 2.04.38 (bronze); 4.º Robin Brew (Grã-Bretanha), 2.04.52; 5.º Steve Lundquist (Estados Unidos), 1.04.91; 6.º Andrew Phillips (Jamaica), 2.05.60; 7.º Nicolai Klapparek (RFA), 2.05.88; 8.º Ralf Diegel (RFA), 2.06.66.

1500 metros livres (masculinos) final: 1.º Michael O'Brien (Estados Unidos), 15.05.20 minutos (ouro); 2.º George Dicarlo (Estados Unidos), 15.1.59 (prata); 3.º Stefan Pfeiffer (RFA), 15.12.11 (bronze); 4.º Rainer Henkel (RFA), 15.20.03; 5.º Frack Iacono, (França), 15.26.96; 6.º Stefan Grandi (Itália), 15.28.58; 7.º David Shemilt (Canadá), 15.31.28; 8.º Wyane Shillington (Austrália), 15.38.18.

Estafeta 4x100 metros estilos (masculinos) final: 1.º Estados Unidos (Richard Carey, Steve Lundquist, Pedro Pablo Morales, Rowdy Gaines) 3.39.30 minutos, recorde mundial (ouro); 2.º Canadá (Mike West, Victor Davis, Tom Ponting, Sandy Gross) 3.43.23 (prata); 3.º Austrália (Mike Terry, Peter Evans, Glenn Buchanan, Mark Stock Well), 3.43.25 (bronze) 4.º RFA, 3.44.26; 5.º Suécia, 3.47.13; 6.º Grã-Bretanha, 3.47.39; 7.º Suíça, 3.47.93. Japão foi desclassificado.

Atletismo

Final das provas de atletismo, 100m metros femininos: 1.ª Evelyn Ashford (EUA) 10,97 segundos (ouro); 2.ª Alice Brown (EUA) 11,13 (prata); 3.ª Merlene Ottey-Appel (Jamaica) 11,16 (bronze); 4.ª Janette Boden (EUA) 11,25; 5.ª Grace Jackson (Jamaica) 11,39; 6.ª Angela Bailey (Canadá) 11,40; 7.ª Heather Oakes (Grã-Bretanha) 11,43; 8.ª Angela Taylor (Canadá) 11,62.

Maratona feminina: 1.ª Joan Benoit (EUA) 2.24.52 (ouro); 2.ª Grete Waitz (Noruega) 2.26.18 (prata); 3.ª Rosa Mota (Portugal) 2.26.57 (bronze); 4.ª Ingrid Kristiansen (Noruega) 2.27.34; 5.ª Lorraine Moller (Nova Zelândia) 2.28.34; 6.ª Priscilla Wells (G. Bretanha) 2.28.54; 7.ª Lisa Martin (Austrália) 2.29.03; 8.ª Silvy Ruggier (Canadá) 2.29.09; 9.ª Laura Fogli (Itália) 2.29.28; 10.ª Tuija Toivonen (Finlândia) 2.32.07.

A australiana Glynis Nunn ganhou de forma inesperada a medalha de ouro na prova do heptatlo feminino superando por cinco pontos a norte-americana Jackie Joyner. Nunn totalizou 6.390

pontos, pontuação bastante longe do recorde mundial, que pertence à alemã-democrática Sabine Paetz (com 6.867 pontos) desde Maio deste ano. Em 3.º lugar classificou-se a alemã-federal Sabine Everts (6.363 pontos).

A sueca Anne Luise Skoglund estabeleceu novo recorde olímpico dos 400 metros barreiras ao ganhar a sua eliminatória em 55,75. Skoglund bateu os 55,97 segundos feitos momentos antes (noutra série) por Judi Brown (Estados Unidos) e que tinham passado a constituir máximo olímpico, pois a prova é nova nos Jogos.

400 metros barreiras (masculinos): 1.º Edwin Moses (EUA) 47,75 segundos (ouro); 2.º Danny Harris (EUA) 48,13 (prata); 3.º Harald Schmidt (RFA) 48,19 (bronze); 4.º Sven Nylander (Suécia) 48,97; 5.º Amadou Dia Ba (Senegal) 49,28; 6.º Tranel Hawkins (EUA) 49,42; 7.º Michel Zimmerman (Bélgica) 50,69; 8.º Henry Amike (Nigéria) 53,78.

Dardo masculino: 1.º Arto Auerkosen (Finlândia) 86,76 metros (ouro); 2.º David Ottley (Grã-Bretanha) 85,74 (prata); 3.º Keith Eidebrink (Suécia) 83,72 (bronze); 4.º Wolfram Gamke (RFA) 82,46; 5.º Masami Yoshida (Japão) 81,98; 6.º Einer Vilhjalmsson (Islândia) 81,58; 7.º Roald Bradstock (Grã-Bretanha) 81,22; 8.º Laslo Babits (Canadá) 80,68; 9.º Per Erling (Noruega) 78,98; 10.º Tom Petranoff (EUA) 78,40; 11.º Duncan Atwood (EUA) 78,10 e 12.º Jean-Paul Lakafia (França) 70,86.

100 metros masculinos: 1.º Carl Lewis (EUA) 9,99 segundos (ouro); 2.º Sam Graddy (EUA) 10,19 (prata); 3.º Ben Johnson (Canadá) 10,22 (bronze); 4.º Ron Brown (EUA) 10,26; 5.º Michael McFarlane (Grã-Bretanha) 10,27; 6.º Ray Stewart (Jamaica) 10,29; 7.º Donovan Reid (Grã-Bretanha) 10,33; 8.º Tony Sharpe (Canadá) 10,35.

Tripla-salto: 1.º Al Joyner (EUA) 17,26 metros (ouro); 1.º Mike Conley (EUA) 17,18 (prata); 3.º Keith Connor (Grã-Bretanha) 16,87 (bronze); 4.º Zhenxian Zou (China) 16,83; 5.º Peter Bouschen (RFA) 16,77; 6.º Willie Banks (EUA) 16,75; 7.º Ajayi Agbebaku (Nigéria) 16,67; 8.º Eric McCalla (Grã-Bretanha) 16,66.

O brasileiro Joaquim Cruz venceu a primeira meia-final dos 800 metros homens, e o recordista mundial, o britânico Sebastian Coe, ganhou a segunda. O brasileiro foi cronometrado com 1.43,84 e o inglês, numa prova mais lenta, com 1.45,53. Na primeira meia-final o inglês Steve Ovett conseguiu qualificar-se para a final mercê de um autêntico mergulho à chegada à meta, ultrapassando assim Omar Khalifa, do Sudão. Para as finais qualificaram-se Joaquim Cruz (Brasil), Edwin Koech e Billy Konchellian (Quênia), Eart Jones e Johnny Gray (EUA), Steve Ovett e Sebastian Coe (Inglaterra) e Donato Sabia (Itália).

Fernando Mamede é (que actua, às 19 e 30 de EUA, 3 e 30 de Lisboa) agora a esperança dos portugueses para uma medalha de ouro, competindo na final dos 10 000 metros, depois será a vez de António Leitão nos 5000 metros e por último Carlos Lopes na maratona, no último dia dos jogos.

Ainda no atletismo, Luis Barroso terá a oportunidade de travar um conhecimento, directo com Carl Lewis, o gigante das pistas. Luis Barroso (18 anos; corre na pista 2 a sua eliminatória de 200 metros e na pista 3 Carl Lewis alinhará para a sua «corrida» à segunda medalha de ouro.

Quem prega dois açoites na TV norte-americana?

Sul, 4; 4.º Argentina, 2; 5.º Tunísia, 0. Grupo B: 1.º Japão, 6 pontos; 2.ºs Itália e Canadá, 4; 4.º China, 2; 5.º Egipto, 0.

Andebol

A Jugoslávia consolidou o seu favoritismo no torneio de andebol feminino ao derrotar os Estados Unidos, por 33-20. A Coreia do Sul, o mais directo adversário dos jugoslavos, não conseguiu mais que um empate frente aos chineses, por 24-24. A RFA venceu a Austrália (18-17) mas encontra-se já afastada de qualquer disputa pelo triunfo no torneio assim como os austríacos.

Classificação: Jugoslávia, 6 pontos; Coreia do Sul, 5; China, 3; RFA, 2; Estados Unidos, 2; Austrália, 0.

Resultados dos jogos da 3.ª jornada do Torneio de Andebol Masculino, Grupo A: Islândia

impondo-se sem dificuldades ao Canadá (7-1) assinando até agora a maior vitória da prova.

A Grã-Bretanha, que foi um dos últimos países a inscrever-se no torneio, acabou por conseguir atingir a fase final da competição, sendo a actual líder do grupo B (com 8 pontos) logo seguida dos paquistaneses (com 6). O Paquistão tem-se revelado uma equipa forte, bem organizada e um candidato sério ao triunfo do torneio.

A Nova Zelândia, ao vencer o Quênia (4-1), conquistou a sua 1.ª vitória na competição.

Torneio feminino: Austrália - Canadá, 1-2; RFA - Holanda, 2-6; EUA - Nova Zelândia, 2-0.

Ginástica

Resultados de provas de ginástica. Trave olímpica (Feminina) final: 1.ª Simona Pauca e Ecaterina Szabo (Roménia), 19,800 (ouro); 3.ª Kathy Johnson (EUA), 19,650 (bronze); 4.ª Mary Lou Retton (EUA), 19,550; 5.ª Ma Yan Hung (China), 19,450; 6.ª Romi Kessler (Suíça), 19,350; 7.ª Anja Wilhelm (RFA), 19,200; 8.ª Chen Yongyan (China), 19,200.

Salto de cavalo (feminino) final: 1.ª Ecaterina Szabo (Roménia), 19,875 (ouro); 2.ª Mary Lou Retton (EUA), 19,850 (prata); 3.ª Lavinia Agache (Roménia), 19,750 (bronze); 4.ª Tracee Talavera (EUA), 19,700; 5.ª Zhou Ping (China), 19,500; 6.ª Brigitta Lehmann (RFA), 19,425; 7.ª Kelly Brown (Canadá), 19,425; 8.ª Chen Youngyan (China), 19,300.

Paralelas assimétricas (feminino) final: 1.ª Ma Yan Hung (China) e Julianne McNamara (EUA), 19,950 (ouro); 3.ª Mary Lou Retton (EUA), 19,800 (bronze); 4.ª Miaela Stanulet (Roménia), 19,650; 5.ª Romi Kessler (Suíça), 19,425; 6.ª Zhou Ping (China) 19,350; 7.ª Nonku Muchizuki (Japão), 19,325; 8.ª Lavinia Hagache (Roménia), 19,150.

Exercícios no solo (femininos) final: 1.ª Ecaterina Szabo (Roménia), 19,975 (ouro); 2.ª Julianne McNamara (EUA), 19,950 (prata); 3.ª Mary Lou Retton (EUA), 19,775 (bronze); 4.ª Zhou Qirui (China), 19,625; 5.ª Rommy Kessler (Suíça), 19,575; 6.ª Na Yanhon, (China), 19,450; 7.ª Mai-ko Morio (Japão), 19,375; 8.ª Laura Cutina (Roménia), 19,150.

Drama bateu à porta

A suíça Gabriela Anderson-Scheiss, que finalizou dramaticamente a maratona, encontra-se em estado satisfatório. A atleta (39 anos) foi imediatamente tratada após dar entrada nos serviços médicos do estádio em estado de total esgotamento.

O chefe dos serviços médicos do Estádio Olímpico indicou que os sintomas que a atleta apresentava eram apenas os de esgotamento e desidratação. Gabriela Andersen-Scheiss foi depois conduzida às instalações da delegação suíça, na aldeia olímpica da UCLA, para total recuperação.

A atleta helvética entrou na pista do Estádio Olímpico cambaleando, sem qualquer sentido de equilíbrio. E arrastou-se, perante 70 000 angustiados espectadores, até à meta. A volta ao circuito do estádio foi penosa, enquanto a atleta suíça, cuja melhor marca na maratona é 2.33.05, recusava o auxílio que insistentemente lhe era sugerido. A passo, inclinada sobre o lado esquerdo, cambaleando de um ao outro lado da pista, esgar de sofrimento indescritível no rosto, chegando a manter os olhos abertos e a visão da meta com o auxílio dos dedos segurando as pálpebras, Gabriela arrastou-se, esgotada, para o termo da corrida.

Os últimos metros foram particularmente dramáticos: a atleta pareceu ir desfalecer à beira do seu objectivo, mas deu doze cambaleantes passos e cortou a linha de chegada. Antes de cair, vários funcionários que acompanharam o drama ao longo da pista, seguraram-na e conduziram-na, de maca, para o socorro médico.

inha

160 quilos, mas a puxada saiu-lhe mal e caiu para trás.

Remo

O «eterno» finlandês Pertti Karpinnen obteve a sua 3.ª medalha de ouro consecutiva nas finais olímpicas de skiff, conseguindo a maior proeza nas oito corridas decisivas realizadas no lago Casitas. Karpinnen, medalhado com ouro em Montreal e Moscovo, teve um final poderoso e superou o alemão federal Peter Kolbe (medalha de prata) com o canadiano Robert Mills a obter a 3.ª posição.

Carmin e Giuseppe Abbagnale (irmãos italianos) com Giuseppe Di Cappua como timoneiro, ganharam em dois com 15

Continua na pág. 15

ao

dial de natação 200 m estilos

Local	Marca
Los Altos	2.14, 1
Lincoln	2.12, 4
Oak Park	2.11, 3
Long Beach	2.10, 6
Louisville	2.09, 6
Barcelona	2.08, 3
Chicago	2.09, 30
Munique	2.07, 17
Viena	2.06, 32
Concord	2.06, 32
Kansas City	2.06, 8
Montreal	2.05, 31
Moscovo	2.05, 25
Woodlands	2.04, 39
Berlim	2.03, 65
San Juan	2.03, 29
Irvine	2.03, 24
Heidelberg	2.02, 78
Brisbane	2.02, 25
Los Angeles	2.01, 42

al de natação de 4 x 100 m esti-

Local	Marca
Toquio	4.17, 8
Tóquio	4.17, 2
Cardiff	4.14, 2
Osaka	4.10, 4
Toledo	4.09, 2
Roma	4.08, 2
Roma	4.05, 4
Los Angeles	4.03, 0
Cuyahoga	4.01, 6
Osaka	4.00, 1
Tóquio	3.58, 4
Tóquio	3.57, 2
Leipzig	3.56, 5
México	3.54, 9
Barcelona	3.54, 49
Leipzig	3.50, 4
Munique	3.48, 16
Montreal	3.47, 28
Montreal	3.42, 22
Guayaquil	3.40, 84
Caracas	3.40, 42
Los Angeles	3.39, 30

DESPORTO

em Toronto (Canadá)

Benfica perde e decepciona

Benfica de Toni» perdeu ontem frente à equipa canadiana Blizzard por «dois-zero» num encontro disputado no «Varsity Stadium» perante largos milhares de espectadores. A exibição da turma benfiquista terá decepcionado os assistentes na sua maioria portugueses residentes naquele país do norte do continente americano. Decepcionado ficou também o responsável pela equipa visitada que no final do jogo terá afirmado que no próximo confronto com o Benfica irá apresentar a sua equipa de reservas. Refira-se que o Benfica apresentou a equipa recheada das suas principais «velhas». Vejamos: Bento Pietra, Nunes Bastos Lopes e Alvaro; José Luis, Carlos Manuel, Shéu e Vando, Nenê e Diamantino. No segundo tempo, Toni experimentou outros elementos fazendo render Nenê, Diamantino, José Luis e Carlos Manuel respectivamente por Manniche, Jorge Silva, Padinha e Veloso.

No banco estiveram ainda Silvino e Nivaldo. Os canadianos marcaram os seus golos por Ntsoe Pengoe e Bettega, aos 32 e 48 minutos.

Como nota curiosa o facto de ter alinhado pelo Blizzard David Byrne, que actuou durante alguns meses em Portugal ao serviço do Estoril e se tem vindo a anunciar como interessando ao Sporting.

A comitiva benfiquista regressa amanhã a Lisboa não sendo acompanhada pelo presidente Fernando Martins nem por Júlio Borges, que se deslocam a Nova Iorque com o objectivo de observar os quadros electrónicos que brevemente irão ser instalados no Estádio da Luz. Entretanto, continua na «ordem do dia» a contratação do futuro treinador, sendo prematuro afirmar ou simplesmente prognosticar que ele seja alemão, sueco, austriaco ou jugoslavo. Por ora apenas foram feitos alguns contactos que no entanto se mantém no segredo de Fernando Martins.

Belenenses: duplo triunfo

Na sua digressão pelos EUA a equipa de futebol de Os Belenenses já «cobrou» dois triunfos e ambos pela marca de 3-0. Primeiramente coube-lhe derrotar a selecção de New Jersey e, no «John Fitzgerald Kennedy Memorial Stadium», Djão foi o marcador de serviço, obtendo os três golos do encontro (24, 78 e 82 minutos). Jimmy Melia fez alinhar a equipa assim: Justino; Pereira, Brito, Santana e Duarte; João Paulo (Passo 88), Rui Palhares; Carvalho e Pinto; Carlos Manuel (Oliveira 80) e Azevedo.

FC Porto: Zé Beto; Eduardo

Jaime, Luis Filipe e Meneses tomaram as posições de Ruben, Jorge e Dudu.

Esta madrugada a turma lisboeta defrontou a selecção de Connecticut, que foi «brindada» por igual resultado. De novo «chapa três» e novamente Djão (com dois golos) teve a pontaria afinada, cabendo o outro golo a Dudu. Deste encontro o Belenenses alinhou com o seguinte quadro: Melo; Pereira, José António, Meneses e Artur; Ruben, Murça, Dudu e Jorge; Joel e Djão. No segundo tempo Jaime e Luis Filipe tomaram os lugares de Joel e Ruben.

Importa salientar de que o mau estado dos terrenos dos estádios americanos, o cansaço da viagem e ainda porque se trata de jogos de «ensaio», o Belenenses, pelos resultados e exhibições patentes, promete uma época sem sobressaltos. A digressão prossegue com a realização de mais um encontro no Canadá (dia 12).

Futebol de norte a sul

Visando a preparação das suas equipas para a «longa maratona» das trinta jornadas que se aproximam em mais um campeonato nacional, os responsáveis técnicos e dirigentes vão organizando torneios particulares ou simples encontros isolados. O objectivo principal consiste na planificação do «xadrez ideal» o obviamente no «reforço» das desfalcadas tesourarias. Assim, no passado fim-de-semana desde Guimarães a Faro aconteceu futebol.

Porto vence Rio Ave

Artur Jorge fez a apresentação do «novo Porto» frente ao Rio Ave em jogo integrado no «Torneio Início» promovido pela Associação de Futebol do Porto e realizado no Estádio do Varzim com a presença de cerca de treze mil espectadores, muitos deles certamente na convicção de que o «menino de ouro» (Futtre, pois claro) alinharia, o que não sucedeu estando a apresentação guardada para quarta-feira no cenário das Antas frente ao FC Metz, que, como se sabe, foi o recente vencedor da Taça de França. Na Póvoa a grande surpresa foi o aparecimento de Zé Beto nas redes portistas. O golo solitário do encontro pertenceu a Jacques obtido no minuto vinte e três e teve também a participação de Gomes. Arbitrou Isidro Santos e as equipas alinharam:

Rio Ave: Alberto; Samuel, Brito, Santana e Duarte; João Paulo (Passo 88), Rui Palhares; Carvalho e Pinto; Carlos Manuel (Oliveira 80) e Azevedo.

FC Porto: Zé Beto; Eduardo

cio; Jaime Magalhaes, Frasco e Quinito (Mariano 88); Walsh (Semedo 53), Gomes e Jacques.

Guimarães vence Braga

O Vitória de Guimarães derrotou o Braga por 3-0 na primeira mão da Taça Amizade, em futebol.

Os vimezanenses venceram já por 2-0 ao intervalo, com golos de Paquito (aos 13 e 41 minutos). Na segunda parte, a turma da casa aumentou para 3-0 por intermédio de Miguel, aos 65 minutos.

Sob a direcção de Francisco Gonçalves, de Braga, que cometeu alguns erros, as equipas alinharam:

V. Guimarães: Jesus; Costeado, Tô Zé, Teixeira e Valério; Salvo (Gilmar 60), Gregório e Paquito (Pita 72); Paulo Ricardo, Da Silva e Miguel.

Braga: Hélder; Artur, João Cardoso, Nelito e Dito; Festas, Serra e Zinho; Jorge Gomes, Reinaldo e Vítor Santos.

Cartão amarelo: Reinaldo, 82.

Boavista: José Rafael, pois então!

O Boavista agora orientado pelo reputado «expert» Mário Wilson, perante uma assistência de 3 mil espectadores, venceu os húngaros do MTK por 4-2, com a curiosidade de José Rafael (ex-Farense) ter sido autor de dois golos e o ex-benfiquista Filipovic ter desperdiçado uma grande penalidade. Os restantes tentos dos boavistenses couberam a Carlinhos e Turner (na própria baliza).

Sob a direcção de José Guedes, do Porto, as equipas alinharam:

Boavista: Alfredo (ex-Rio Ave) e Paulino (ex-Estoril, 45); Parente (ex-Académica de Coimbra) (Queirós, 67), Frederico, Adão (Jorginho ex-Águeda, 58), e Simão (ex-Águeda); Carlinhos, João Alves (José Pedro ex-Estoril, 67), Almeida (Caetano, 45), e Casaca (ex-Rio Ave), Palhares, 76) Filipovic (ex-Benfica) e José Rafael (ex-Farense) (Vitorino, 38).

MTK: Gaspar, Kovacs (Bognar, 45), Turner, Balogh e J. Toth, Katzenbach (Kurtosi, 65), Varga, Borso e A. Toth (Turtoczi, 45), Fodor e Boda.

Salgueiros: adeus ao «pelado»

Embora estivesse anunciada a presença da turma do Slovan de Bratislava foram os húngaros do MTK que se apresentaram na despedida do «pelado» de Vidal Pinheiro. Os associados apenas souberam da alteração quando dentro do campo o facto lhes foi anunciado. Razões: terá sido a

impossibilidade da deslocação do Slovan de Espanha para o Porto a tempo de realizar o jogo. Um caso que os assistentes (três mil) não perdoaram ao clube organizador protestando com o vigor que qualquer fraude pode motivar, sendo verdade que aos dirigentes salgueiristas não podem ser atribuídas culpas pela impossibilidade do «convidado» em estar presente no prazo acordado. Houve jogo e triunfo do Salgueiros por 3-2 (depois de ter chegado ao 3-0). Os três tentos dos encarnados do Norte pertenceram a Tonacha (2) e José Manuel. Arbitrou sem grande capacidade o conhecido juiz portista Joaquim Gonçalves e as equipas alinharam assim:

Salgueiros: Madeira (ex-Boavista) e Soares, (26); Germano (Matias, 60), Gilberto (ex-Sanjoanense), Edgar (ex-Alcobaça) e Casimiro (ex-Paços de Ferreira); Joy, Zé Manel (ex-Boavista), Jorginho e António Manuel (Santos Cardoso, 56); Penteado (Armando, 45) e Tonanha (ex-Alcobaça).

MTK: Gaspar, Turner, Kovacs, Balogh (Kurtosi, 56) e J. Toth; Varga, Katzenbach (Bognar, 45), Boda e Turtoczi; Fodor e Borso (A. Toth, 45).

O novo Farense

As equipas algarvias do Farense e Olhanense fizeram a sua apresentação em encontro realizado na noite de sábado no Estádio de S. Luís, tendo o triunfo pertencido à equipa farense, agora orientada pelo apreciado treinador Fernando Mendes, a qual se apresentou com várias caras novas. Arbitrou (bem) o juiz José Filipe, foi autor do golo Carraça e as turmas apresentaram-se deste modo:

FARENSE: Amaral (ex-FC Porto); Morgado (ex-júnior), Quaresma (ex-Belenenses), Quim Manuel (ex-Marítimo) e José Luis; Hermâni (ex-Benfica), Mário Wilson (cap.) e Fernando Martins (ex-Portimonense); Carraça (ex-Belenenses), Rui Lopes (ex-Setúbal) e Ica (ex-Águeda). Jogaram ainda, no segundo tempo: Peres (g.r.), Nelson Borges, Rogério, Herbert (ex-Estrela de Portalegre), Julinho (ex-juvenil), Bio e Rui (ex-júnior).

OLHANENSE: Guimarães; Eugénio (ex-Sporting), Valdo, Ferrinho (ex-Sporting) e Lima (cap.); Augusto, Herculano e Ademir; José Armando (ex-Portimonense), Nelson Moutinho e Vítor Santos (ex-Sporting). Jogaram ainda Barão (g.r. ex-Portimonense), Araújo, João Póeira, Carradas, Carlos Reis, Emanuel (ex-União da Madeira) e Oliva.



Sábado no relvado do Estádio José Alvalade a dupla Tothack-Pedro Gomes orientou o primeiro treino formal dos novos integrantes do plantel futebolístico do Sporting de que (por ora) dispõem. Como nota saliente, este onze que poderá estar muito próximo do «quadro ideal»: Damas; Morato, Zezinho, Venâncio e Mário Jorge; Virgílio (a actuar como «ferro-lho»); Jaime Pacheco, Carlos Xavier e Sousa; Manuel Fernandes e Eldon. De notar a ausência de Jordão e quanto a golos apenas dois que foram marcados por Manuel Fernandes e Eldon.

Vizela: mau ensaio

Vizela e Famalicão empataram (sem golos) em jogo particular disputado perante cerca de mil pessoas e que serviu de despedida ao velho Campo Agostinho de Lima em Vizela.

VIZELA: Caldas (ex-Riopele) (Miguel, aos 71); Correia (ex-Elvas), Tony (Rocha, aos 56); Roque e Zé Carlos (ex-Lusitano de Évora); Russo (ex-Alcobaça) (Perrichon, aos 61), Fernando Jorge (ex-Leixões), José Augusto (ex-Lixa), António Barbosa (ex-Boavista) (Adélio, aos 80) e

Faria; Nelito (ex-Salgueiros) (Santos, ex-FC do Porto, aos 32, acabando por ser substituído por Guerra, aos 81) e Maurício (Salvador ex-Famalicão, aos 66).

FAMALICÃO: Matos; Washington (ex-Varzim) (Vitor Pereira, ex-júnior, aos 83), Quim (Carlos, aos 83), Celestino e Julinho (Abel, ex-Ribeirão, aos 45); Hilário (Ferrão, ex-júnior, aos 45), Albino, Fragoso e David (ex-Louro, aos 45); Ernesto (ex-S. Martinho); Horácio (ex-Fafe) (Alberto, ex-V. de Setúbal, aos 80) e Martins.

Valentim Loureiro: um dirigente

O actual presidente do Boavista Futebol Clube, major Valentim Loureiro, habituou-nos a atitudes de muita simpatia, compreensão e colaboração com os representantes dos órgãos da Comunicação Social, nunca se furtando ao diálogo como é norma muito generalizada entre os «dirigentes» que vão passando pelas colectividades desportivas cá do burgo. Valentim Loureiro tem-se evidenciado pela gentileza com que assume o cargo de dirigente de um

clube prestigiado, sendo digno do lugar que os seus associados lhe confiaram através do voto. Ontem, o presidente boavisteiro repetiu uma atitude que lhe vem sendo habitual e que nos cumpre realçar, ao convidar os representantes da Comunicação Social para um almoço de convívio realizado na sua casa do Mindelo e no qual também participaram técnicos e futebolistas. Um gesto que importa salientar pela raridade. Valentim Loureiro: um dirigente de «corpo inteiro».



Organizado pela Associação de Lisboa realizou-se a terceira fase do «Troféu Recordação» em homenagem à antiga e prestigiada atleta do C.F. Os Belenenses GEORGETTE DUARTE, com a presença de muitos dos bons valores do nosso atletismo. Na foto a partida dos 100 metros femininos prova em que triunfou a benfiquista Virginia Gomes.

Volta ao Alentejo

Marco Chagas: triunfo «na hora»

Marco Chagas e a sua equipa, o Sporting, foram os vencedores incontestáveis da II Volta ao Alentejo em bicicleta, que ontem terminou em Évora após cinco dias de prova pelas estradas dos três distritos alentejanos.

Cinco dias em que foram percorridos 707,8 quilómetros, repartidos por sete etapas, uma das quais, a quinta, o contra-relógio Elvas-Campo Maior e que ditou o vencedor desta segunda edição da Volta ao Alentejo.

Marco Chagas não se intimidou com a proeza do seu colega de equipa, Eduardo Correia, que durante quatro etapas consecuti-

vas envergou a camisola amarela, e bastou-lhe a diferença de escassos segundos naquele contra-relógio para arrebatá-la liderança que não perdeu até final. Em relação às equipas, o Sporting, recentemente chegado da Volta à França, foi de princípio a fim o líder, não deixando por mãos alheias o favoritismo que lhe era dado à partida.

Com três homens nos dez primeiros lugares da classificação final, a equipa sportinguista «passeou-se» pelo Alentejo escaldante, durante esta prova que parece já ter criado raízes no calendário velocipedico nacional.

De realçar que o Sporting, depois da etapa Santiago de Cacém-Serpa, ficou sem o concurso dos seus atletas José Amaro, Benjamim Carvalho e Paulo Ferreira, este último o vencedor da Volta ao Alentejo no ano passado, em virtude desses três ciclistas terem abandonado a prova para seguirem para o Canadá.

Nesta segunda edição da Volta ao Alentejo em bicicleta, iniciativa das Câmaras Municipais alentejanas, com o apoio técnico da Associação de Ciclismo do Sul, alinharam à partida 63 corredores, tendo chegado ao fim 51 ciclistas, repartidos por oito equipas.

Para um total de 707,8 quilómetros de prova, que percorreu os distritos de Évora, Beja e Portalegre, a média geral cifrou-se em 37,809, tendo o vencedor, Marco Chagas, conseguido a média geral de 37,752 quilómetros/hora.

CLASSIFICAÇÃO FINAL-INDIVIDUAL.

1.º Marco Chagas, Sporting, 18 h 44 m 54 s; 2.º Eduardo Correia, Sporting, a 22 s; 3.º Firmino Bernardino, Lousa, a 1 m 14 s; 4.º Manuel Gomes, Ovarense, a 2 m 29 s; 5.º Jacky Bobin, Távora, a 3 m 34 s; 6.º Fernando Maia, Paços Ferreira, a 11 m 35 s; 7.º António Pinto, Ovarense, a 13 m

40 s; 8.º Adelino Teixeira, Lousa, a 13 m 46 s; 9.º Belmiro Silva, Ovarense, a 13 m 53 s; 10.º José Xavier, Sporting, a 14 m.

CLASSIFICAÇÃO FINAL-EQUIPAS:

1.º Sporting, 57 h 28 m 53 s; 2.º Lousa, 57 h 44 m 16 s; 3.º Ovarense, 57 h 49 m 33 s; 4.º Távora, 57 h 49 m 13 s; 5.º Paços de Ferreira, 57 h 58 m 05 s; 6.º Alentejo, 57 h 59 m 33 s; 7.º Olhanense, 58 h 00 m 21 s; 8.º Coimbra, 58 h 02 m 25 s.

CAMISOLA ROSA (METAS VOLANTES):

1.º António Fernandes, Olhanense, 7 pontos; 2.º Marco Chagas, Sporting, 5; 3.º Alexandre,

Ruas, Lousa, 3; 4.º Jacinto Paulino, Coimbrões, 3; 5.º Bernardino de Sousa, Paços de Ferreira, 3.

CAMISOLA BRANCA (PRÉMIO COMBINADO):

1.º Marco Chagas, Sporting, 3 pontos; 2.º Eduardo Correia, Sporting, 6; 3.º Manuel Gomes, Ovarense, 9; 4.º José Xavier, Sporting, 13; 5.º Firmino Bernardino, Lousa, 15.

CAMISOLA VERDE (PONTOS):

1.º Alexandre Ruas, Lousa, 18 pontos; 2.º Marco Chagas, Sporting, 17; 3.º José Xavier, Sporting, 15; 4.º Eduardo Correia, Sporting, 14; 5.º Manuel Gomes, Ovarense, 10.

Richard Burton

O actor britânico Richard Burton, de 59 anos, faleceu em Genebra, após ter sido internado em urgência no hospital de Genebra. Apesar de os seus familiares, entre eles a sua mulher Sally Hayé, não o terem confirmado, tudo indicava uma hemorragia cerebral da morte de Richard Burton. Entretanto, são já conhecidos as reacções ao falecimento daquele actor. Elizabeth Taylor, que casou duas vezes com o actor, recusou-se a fazer declarações sobre a morte do actor, se encontrar em «estado de choque». Por seu lado, sir L. Olivier, de 77 anos, declarou a morte de Richard Burton uma tragédia para o mundo do cinema e para a humanidade.

Richard Burton estava em Genebra, onde se encontrava na rodagem de uma nova produção britânica do filme «1984», baseado no romance homónimo de Orwell. O actor que tinha uma séria doença em Genebra, começou a sentir-se mal algumas horas de ontem e foi internado para o hospital de Genebra de Vaud, tendo sido imediatamente mudado para Genebra, onde deu entrada com um nome suposto.

Os médicos haviam dado a Burton uma temporária repouso, depois de ter sido tratado um grave esgotamento. O actor tinha problemas de saúde por causa do excesso de álcool, mas em Junho, depois de uma cura de toxicação, garantira a sua recuperação e abandonara a ideia de retirar-se do mundo do cinema.

Richard Burton celebrou o seu aniversário no mundo do espectáculo com a película «A Fera e as Cadelas» e «O Espectro do Frio», entre outras. Considerado ainda um dos maiores intérpretes teatrais do século XX.

Richard Burton faleceu ontem na Suíça

O actor britânico Richard Burton, de 59 anos, faleceu ontem na Suíça, após ter sido internado de urgência no hospital cantonal de Genebra. Apesar de os seus familiares, entre eles a sua última mulher Sally Hayé, não o tenham confirmado, tudo indica que foi uma hemorragia cerebral a causa da morte de Richard Burton. Entretanto, são já conhecidas algumas das reacções ao falecimento daquele actor. Elizabeth Taylor, que casou duas vezes com Burton, recusou-se a fazer declarações sobre a morte do actor, por se encontrar em «estado de choque». Por seu lado, sir Laurence Olivier, de 77 anos, declarou que a morte de Richard Burton «é uma tragédia para o mundo do teatro, do cinema e para o público em geral».

Richard Burton estava há uma semana na Suíça, onde participava na rodagem de uma nova versão britânica do filme «1984», baseado no romance homónimo de Orwell. O actor que tinha uma residência em Celigny, Suíça, começou a sentir-se mal às primeiras horas de ontem e foi já inconsciente para o hospital de Nyon, no cantão de Vaud, tendo sido posteriormente mudado para o de Genebra, onde deu entrada com um nome suposto.

Os médicos haviam recomendado a Burton uma temporada de repouso, depois de ter sido detectado um grave esgotamento. O actor tinha problemas de saúde por causa do excesso de bebidas alcoólicas, mas em Junho passado, depois de uma cura de desintoxicação, garantira à imprensa que abandonara a bebida e que ia retirar-se do mundo do espectáculo.

Richard Burton celebrou-se no mundo do espectáculo pelas películas «A Fera Amansada», «Cleópatra» e «O Espião que veio do Frio», entre outras. Era considerado ainda um dos melhores intérpretes teatrais de Shakespeare.



Richard Burton: morte aos 59 anos, em Genebra.

O actor ontem falecido era o duodécimo filho de um mineiro e nasceu a 10 de Novembro de

1925, em Pontrhydfen, aldeia situada no Sul do País de Gales. O seu verdadeiro nome de família

era Jenkins, mas Richard adoptou o apelido de Burton, quando entrou no teatro, em homenagem a

Philip Henry Burton, seu professor que o encorajou a seguir a carreira teatral.

A grande oportunidade teatral surgiu-lhe quando respondeu a um anúncio em que se exigia saber falar galês: desempenhou assim a personagem de Glan, na peça «Druid Rest», de Emlyn

Williams, em 1943.

A sua primeira mulher chamava-se Sybil Williams, de quem teve duas filhas, tendo-se divorciado em 1963, um ano após ter iniciado o idílio com Elizabeth Taylor, quando desempenharam juntos o filme «Cleópatra», rodado em Roma.

Burton ganhou reputação no teatro shakesperiano, sendo classificado ao lado de intérpretes como Lawrence Olivier, John Gielgud e Ralph Richardson.

O início da carreira do actor Burton data de 1948 num obscuro filme intitulado «The Lost Days of Dolwyn», mas quatro anos depois estreia-se em Hollywood com sucesso, em «A Prima Raquel», ao lado de Olivia Havilland.

Seguem-se outros como «Alexandre Magno», «As Chuvas de Ranchipur», que passam despercebidos, mas com as películas «Cruel Vitória», dirigido por Nicholas Ray e «Paixão Proibida», dirigido por Tony Richardson, Burton consolida o seu prestígio no cinema.

Depois de um interregno de filmes comerciais, sem grande expressão, Richard desforra-se no cinema em «Beckett», ao lado de Peter O'Toole, sendo este o seu primeiro filme a sério, depois do seu casamento com Liz Taylor.

Depois de um papel apagado em «As Noites de Iguana», sobressai em «Quem tem Medo de Virginia Woolf», numa adaptação cinematográfica da peça de Edward Albee e, mais tarde em «A Fera Amansada», filme produzido pelo casal Liz/Richard.

Richard Burton casou quatro vezes (reincidiu com Liz Taylor) teve oito nomeações ao «Oscar» e dúzias de prémios teatrais.

Ontem, ao mesmo tempo em que era conhecida em Lisboa a notícia da morte de Richard Burton, a RTP transmitia, no Segundo Canal, um filme em que ele contracenava com Elizabeth Taylor: «Adeus, Ilusões», de Vicent Minelli.



Burton e Liz: velhos tempos...

Hoje

RTP1



Na RTP-1 exibe-se mais um episódio da telenovela «O Bem Amado»

- 15.02 Jogos Olímpicos — sumário e atletismo (serão transmitidas provas em que participam atletas portugueses).
- 18.40 Teleregiões
- 18.55 Jogos Olímpicos
- 19.35 «A Balada de Hill Street»
- 20.30 Telejornal
- 21.00 «O Bem Amado» — episódio n.º 99
- 21.45 Tosca no Trampolim — programa da Televisão alemã (ZDF) focando, com boa disposição, humor e fantasia, o mundo da ópera. A figura central é o comediante Otto Schenk.
- 22.30 Jogos Olímpicos — sumário.
- 00.00 Últimas Notícias

RTP2



- 19.02 Desenhos Animados — «Corridas Loucas»
- 19.30 Jogos Olímpicos — ginástica (inclui a final das provas femininas em aparelhos), halterofilia (provas de meio-pesado e canoagem (provas eliminatórias seniores))
- 22.30 «Guerra dos Sexos» — episódio n.º 74
- 23.15 Jornal da Noite

Prosseguem na RTP-2 as transmissões de várias modalidades dos Jogos Olímpicos de Los Angeles

Amanhã

RTP1

RTP2

15.02 Jogos Olímpicos, 20.00 Telejornal, 20.30 «O Bem Amado», 21.10 Jogos Olímpicos, 21.35 «O E D», 22.30 Jogos Olímpicos, 00.00 Últimas Notícias

19.02 Música a Dois Planos, 20.00 Jogos Olímpicos, 22.30 «Guerra dos Sexos», 23.15 Jornal da Noite

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si

RTP1

Tosca no Trampolim (21.45)

RTP2

Jogos Olímpicos (19.30)

«O Bem-Amado» episódio 100

Muito nervoso, Dirceu chora e ri e diz a todos que, como por milagre, Hilário está muito bem e até nessa manhã contou coisas divertidas. Fora de si, Odorico grita com Dirceu e adiante que todos os querem liquidar. Já mais calmo, Odorico explica a Dirceu que só queria que Hilário morresse para lhe poder oferecer um funeral digno, pois quer o bem de todos especialmente na morte. Ao saber que Gisa saiu com Cecu, Odorico não deixa de a criticar por isso. Ao perceber que Dirceu se mostra muito orgulhoso por ser pai Dulci, pergunta-lhe por que motivo não poderiam ter outro filho. Dirceu fica maravilhado com a ideia e quase beija a mulher, mas ao lembrar-se o seu voto de castidade interrompe-se.

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RADIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

é Alvalade a dupla Toshack-Pedro mal dos novos integrantes do plantel (ora) dispõem. Como nota saliente, próximo do «quadro ideal»: Damas; Jorge; Virgílio (a actuar como «ferro» e Sousa; Manuel Fernandes e Eldon. Anta a golos apenas dois que foram Eldon.

Faria; Nelito (ex-Salgueiros) (Santos, ex-FC do Porto, aos 32, acabando por ser substituído por Guerra, aos 81) e Maurício (Salvador ex-Famalicão, aos 66).

FAMALICÃO: Matos; Washington (ex-Varzim) (Vitor Paineira, ex-júnior, aos 83), Quim (Carlos, aos 83), Celestino e Julinho (Abel, ex-Ribeirão, aos 45); Hilário (Ferrão, ex-júnior, aos 45), Albino, Frágoso e David (ex-Louro, aos 45); Ernesto (ex-S. Martinho); Horácio (ex-Fafe) (Alberto, ex-V. de Setúbal, aos 80) e Martins.

ro: um dirigente

clubes prestigiado, sendo digno do lugar que os seus associados lhe confiaram através do voto. Ontem, o presidente boavistense repetiu uma atitude que lhe vem sendo habitual e que nos cumpre realçar, ao convidar os representantes da Comunicação Social para um almoço de convívio realizado na sua casa do Mindeiro e no qual também participaram técnicos e futebolistas. Um gesto que importa salientar pela raridade. Valentim Loureiro: um dirigente de «corpo inteiro».



na realizou-se a terceira fase do «Troféu» e prestigiada atleta do C.F. Os em a presença de muitos dos bons vartida dos 100 metros femininos prova Gomes

Ruas, Lousa, 3; 4.º Jacinto Paulino, Coimbra, 3; 5.º Bernardino de Sousa, Paços de Ferreira, 3.

CAMISOLA BRANCA (PRÉMIO COMBINADO):

1.º Marco Chagas, Sporting, 3 pontos; 2.º Eduardo Correia, Sporting, 6; 3.º Manuel Gomes, Ovarense, 9; 4.º José Xavier, Sporting, 13; 5.º Firmino Bernardino, Lousa, 15.

CAMISOLA VERDE (PONTOS):

1.º Alexandre Ruas, Lousa, 18 pontos; 2.º Marco Chagas, Sporting, 17; 3.º José Xavier, Sporting, 15; 4.º Eduardo Correia, Sporting, 14; 5.º Manuel Gomes, Ovarense, 10.

roteiro cultural

Teatro

● «Não Faço Ideia» é o novo espectáculo de café-teatro que a partir de hoje à noite esta patente no B'Arte, ao Bairro Alto. O grupo que o leva à cena chama-se **Nozes 3** e é formado por três alunos da Escola Superior de Teatro do Conservatório Nacional: Adélia Loureiro, António Vasco e Sérgio Santos. Segundo eles não existe fórmula mágica para o cocktail que será servido bar teatro café, palhada enfim, Nozes 3. Na prova da ementa reflectimos. Fazer teatro é dar o corpo ao risco e foi esse o desafio que aceitamos.

Cinema

● Nos claustros do Convento de Jesus em Setúbal prossegue o ciclo «Cinema em noites de Vero» As 21 horas e exibida a primeira parte do filme 1900 de **Bertolucci**.
● Em Faro nos claustros do Museu Infante D Henrique é exibido as 22 horas o filme de **Brian de Palma**, «O Fantasma do Paraíso».

Exposições

● E esta tarde inaugurado no Casino Estoril a exposição fotográfica, «Os Festivais vis-

tos por **Claude Gafner**, que é a exposição itinerante dos festivais da Associação Europeia de Festivais de Música.

● Na Galeria Atrio/UAP é esta noite inaugurada uma exposição de guaches de **João Reando**.

● Trabalhos do pintor **Henrique Pousão** e joalharia **australiana** são as duas exposições que hoje podem ser vistas na Gulbenkian.

● No Hotel Algarve, na praia da Rocha, está patente uma exposição da pintora **Stella de Brito**.

● Na Nova Opinião, a cerveja continua a ser pretexto para uma exposição de aquarelas de **Rui Zink**, intitulada Caneças de Cerveja.

● No restaurante Escorial continua patente a exposição de pintura de **Victor Ferreira e Frederico Mendes**.

● O brinquedo português do pós-guerra ao plástico e a exposição que pode ser vista no Museu do Traje.

Música

A 14 de Janeiro de 1925 Bessie Smith e Louis Armstrong encontraram-se para uma sessão que fez história no jazz. A gravação desse encontro, começa esta noite pelas 23 e 30 a ser passada no programa de José Duarte, 5 Minutos de Jazz».



Adélia Loureiro, António Vasco e Sérgio Santos apresentam, no B'Arte, o espectáculo de café-teatro, «Não Faço Ideia».

rádio

Antena Um

16.00 Musicomania 18.00 A gala dos sete toles, 19.00 Informação e música 20.00 Musical 20.25 No estúdio e no estúdio - jornal dos Jogos Olímpicos 20.35 Música portuguesa 21.00 Musical 21.30 Noites de luar Noticiários internacionais, as 16.00 17.00 18.00 21.00 e 22.00 horas

Programa 2

15.55 Solos 16.40 Concertos de sopro 17.25 Quartetos 18.05 Arias de óperas 19.00 Terra viva, planeta azul 19.30 «Concerti e Cinque» op. 1 de Benedetto Marcello 20.05 Música para o teatro de Copland 20.25 O canto e os seus intérpretes 21.25 Transmissão directa das ruínas do Carmo de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDA, 23.30 Intercâmbio musical 01.00 Fecho Noticiários de hora a hora

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00 Matinée, 17.00 Rapido das cinco, 19.00 Programa do Sport Lisboa e Benfica, 20.00 Conta corrente 21.00 Quando o telefone toca (2 edições) 22.00 Portugal e a CEE 22.15 Programas religiosos, 22.30 Desporto 23.00 24 * hora Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00 O vapor, 16.00 O som da frente, 17.00 Ondas lusitanas, 18.00 Circulo em FM, 19.00 Em órbita 20.00 Um programa de José Ramos, 21.00 Jazzofone 22.00 Café concerto Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00 Clube da casa 18.00 Jornal das regiões, 18.30 Transmissão do terceiro, 19.30 Horizonte, 20.30 Programa da LAR 21.00 Queido o telefone toca, 21.30 Ouvir e pensar 22.00 Hora de música 23.00 Dia 23 23 40 Bola branca (3ª edição), 23.55 Meditando

Rede Sul de FM

21.00 Paju, 21.30 Penta:rama

Desdobramento em FM Estéreo

22.00 A Universidade na Rádio 22.57 Boa-noite 23.00 A cor do som 01.00 As superestrelas do FM, Noticiários a todas as horas

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

CCM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14.104

HORIZONTAIS

- 1 Burro Mil e cem em romano Pronome relativo
- 2 Autores Lantânio (s q) Vossa Santidade
- 3 Suprimir Duzentos em romano
- 4 Rosa dos fuscas das fiandeiras Aparelho para coar líquidos
- 5 Irídio (s q) Deduzir ou concluir por intuição sem a intervenção do raciocínio
- 6 Incendiavam-se
- 7 Cachoeira no rio Aiarí Inibidor do ícãna Lago salgado do Turquestão
- 8 Instrumento musical dos negros Guarneceram de arames
- 9 Costume (inv) Eial
- 10 O mesmo que asnal
- 11 Desculpa Nome de algumas tribos indígenas do Brasil, em Mato Grosso

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passe tempo o proverbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9954

HORIZONTAIS:

- 1 Osso malar Variedade de feijão em Moçambique
- 2 Frutos silvestres Rio da Alemanha que nasce no Tirol
- 3 Pegara Balaquico
- 4 Voz usual entre os índios e caboclos da Amazonia que exprime espanto Convoco
- 5 Grupo de falófitas que apresentam nucleos celulares gemas e leucitos Pronome pessoal
- 6 Transpiras Arbusto originário de África muito comum em Cuba, onde as folhas são usadas contra a paralisia Lulecio (s q)
- 7 Atraiçoaras
- 8 Diz-se do cavalo que tem os olhos ou um só olho branco (bras) Tombada
- 9 Cólera Das mios Clima
- 10 Demoraís
- 11 Governanta Zomba Vendem a credito

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

VERTICAIS

- 1 Antigo definido Cidade de Itália Tempo do verbo ir
- 2 Vais para fora Zombou Proposição
- 3 Abcesso
- 4 Papaia Proposição latina que designa movimento
- 5 Nota musical Esbelta
- 6 Substância óssea que constitui os dentes dos elefantes Burro
- 7 Rio de França Causa amua a
- 8 Virara Feneccio (s q)
- 9 Quantum satis Pronome pessoal Limpa metais
- 10 Acreditai Arma ofensiva de haste comprida
- 11 Amparo (fig) Camadas (de tinta ou cal)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14.103

HORIZONTAIS:

- 1 ANO Acartem
- 2 Ne Braga La
- 3 Cai Aslar
- 4 Eféreos Os
- 5 NEVOSO Ac
- 6 Oram Acabo
- 7 Rareais Dor
- 8 Salinco
- 9 Sr Alias
- 10 Mi Ondas Es.
- 11 ANO Aoros

VERTICAIS:

- 1 Antero Uma
- 2 Ne Terás In
- 3 Cevaras
- 4 Barometro
- 5 Anes Ai Na
- 6 Ca Oo Irado
- 7 Agas Aslar
- 8 Ras Ac Caso
- 9 Tocados
- 10 Eles Bo
- 11 Mar FORMOSO

Provérbio: ANO NEVOSO, ANO FORMOSO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9953

HORIZONTAIS:

- 1 Massais Som
- 2 Amansais Rã
- 3 Sala Ordens
- 4 Sras Lot
- 5 Ao Sagan Ul
- 6 Ms Eva Os
- 7 Eos. Imoral.
- 8 Soma Tuas
- 9 Bato Elga
- 10 Arrua Ca Ab
- 11 Imas Morara

VERTICAIS:

- 1 Massame Tai
- 2 Amorsos Rm
- 3 Sala Sobra
- 4 Siasse Naus
- 5 An Avista
- 6 Ião Gamao
- 7 Siria Co
- 8 Sd Nortear
- 9 El Saul
- 10 Ornou Lagar
- 11 Mastim Saba

Se conduzir não beba



ALCOOL E CONDUÇÃO

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	81\$90	87\$90
ALEMANHA FED (marco)	51\$35	52\$45
AUSTRIA (xelim)	7\$25	7\$45
BELGICA (franco)	2\$358	2\$568
BRASIL (cruzeiro)	\$046	\$076
CANADA (dolar — notas de 1 a 2)	112\$60	114\$60
(notas de 5 a 1000)	113\$10	115\$10
DINAMARCA (coroa)	14\$05	14\$45
ESPAÑA (peseta)	\$864	\$984
EUA (dolar — notas de 1 a 2)	145\$50	147\$50
(notas de 5 a 1000)	148\$00	150\$00
FINLÂNDIA (marka)	24\$40	25\$00
FRANÇA (franco)	16\$70	17\$40
HOLANDA (florim)	4\$550	4\$650
IRLANDA (libra)	158\$65	162\$65
ITALIA (lire)	\$076	\$086
JAPAO (iene)	\$582	\$617
NORUEGA (coroa)	17\$85	18\$35
REINO UNIDO (libra)	196\$00	200\$00
SUECIA (coroa)	17\$85	18\$25
SUÍÇA (franco)	60\$95	62\$05
VEJEUZELA (bolivar)	9\$00	10\$00

Observações

1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

cartaz

ALVALADE

897480

Av. de Roma

As 14, 16.30, 19 e 21.30
— Int. mon. 18 a
DUELO DE PUNHOS

ÁVILA

539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

As 14.45, 17, 19.10 e 21.45
— M. 18 a
MONTY PYTHON'S, O SENTIDO DA VIDA

AVIS

547153

Av. Duque de Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30
— N. ac. men. 18 a
O RALI DAS GOZONAS

BERNA

776098

Av. Marques de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 6 a
BREAKDANCE

CALEIDOSCÓPIO

795093

Campo Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30
— Para todos
Popeye

CASTIL

530194

R. Castilho

As 15.30, 18.30 e 21.30
— N. ac. men. 13 a
BALBÚRDIA NO OESTE
2ª Semana

CINE BLOCO

556824

R. Pinheiro Chagas, 10

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
— M. 12 a
LAÇOS DE TERNURA
As 24 — Int. men. 12 a
PERIGOS NO ESPAÇO

CINE CAMOES

324194

R. do Loreto, 15

As 14.15, 16.30 e 21.30
— N. ac. men. 13 a
OLHO POR OLHO

outros

Lisboa

OLÍMPIA — «O Espelho do Deserto sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO — «Carimbe-me Sr. Calteiro», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
MUNDIAL — «O Último Comboio do K. tanga», às 21.30 (18 anos)
CITY-CINE — «Taxi Driver», às 21.30 (18 anos)
TERMINAL — «Que Paródia de Fénix», às 21.30 (16 anos)
LONDRES — «Carmen», às 21.30 (18 anos)
CINE-ESTUDIO ACS — «O Hotel de Praia», às 21.15 (13 anos)
ZODIACO — «O Impero dos Sentidos», às 21.30 (18 anos)
ALFA-1 — «Breakdance», às 21.30 (anos)
ALFA-2 — «A Epopeia do Império», às 21.45 (12 anos)
ALFA-3 — «Porky's II», às 21.45 (18 anos)
TIVOLI — «Breakdance», às 21.30 (anos)
ALFA-CLUBE — «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
APOLLO 70 — «Lola», às 21.30 (13 anos)
RESTELO — «Infielmente Tua», às 21.30 (12 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS — Oxford — «Música no Coração», às 21.30 (6 anos)
ESTORIL — Casino — «O Guerreiro Sagrado», às 21.15 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Cine-Estúdio — «Aeroplano II, a Aventura Continua», às 21.30 (18 anos)
COSTA DE CAPARICA — Silcine — «Filha de Ryan», às 21.30 (18 anos)

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE

8+48

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a
DUELO DE PUNHOS

AVILA

549330

Av. Duque de Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10 e 21.45
- M. 18 a
MONTY PYTHON'S, O SENTIDO DA VIDA

AVIS

541151

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a
O RALI DAS GOZONAS

BERNA

541151

Av. Marques de Távila

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a
BREAKDANCE

CALEIDOSCÓPIO

795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Para todos
Popeye

CASTIL

530194

R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
BALBÚRDIA NO OESTE
2.ª Semana

CINE BLOCO

545824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a
LAÇOS DE TERNURA
Às 24 - Int. men. 12 a
PERIGOS NO ESPAÇO

CINE CAMÕES

324194

R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
OLHO POR OLHO

CINE 222

579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a
SEM CULPA FORMADA
Às 24 - N. ac. men. 18 a
PÂNICO EM NOVA IORQUE

CINESTUDIO LIDO

936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 6 a
OS COMANDOS DA NOITE

CINE-PLAZA

930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30 - Int. men. 13 a
GELADO DE LIMÃO IV

CONDES

322573

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
2.ª Semana

2000

210055

Av. B. Voluntários, 113/4

Às 15.30 e 21.30 - Int. men. 12 a
OS MARGINAIS

EDEN

320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a
DUELO DE PUNHOS

ESTUDIO

555134

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
107.ª Semana

ESTUDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves, 83 B

Às 15.30, 18.30, 21.30 e 24
- M. 16 anos
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
7.ª Semana

HOLLYWOOD

802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a
INFIELMENTE TUA

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45
- M. 16 a
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA

IMPÉRIO

555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a
EXCALIBUR

LIDO

936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - M. 18 a
CIDADE EM PÂNICO

MONTECARLO

681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
JOÃO BRONCAS, O ETERNO REPETENTE
Às 24 - Int. men. 18 a
ENCONTRO COM O PERIGO

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a
QUANDO AS LUZES SE APAGARAM

ODEON

328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a
A FÚRIA DOS TÁRTAROS

PATHE

821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14.00, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 anos
FURACÃO NO ASFALTO

Uma cena do filme «Identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

POLITEAMA

323716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
AS MINHAS PISTOLAS

QUARTETO

771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 13 a
A FORÇA DA TERRA
Às 23.30 - M. 16 a
O GRANDE CONQUISTADOR

SALA 2
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 12 a
JOGO DE MÃO
Às 23.30 - M. 18 a
AS NOITES DE HALLOWE'EN

SALA 3
Às 15, 18 e 21 - Int. men. 13 a
STALKER
Às 24 - M. 18 a
O GRITO

SALA 4
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
Às 24 - M. 18 a
SEXO LOUCO

QUINTETO

573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a
UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES
Às 24 - M. 18 a
OS COMANDOS DA MORTE

ROMA

TEL. 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
ACORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO

ROXY

548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 16 a
NOITES DE PAIXÃO

SÃO JORGE

579144 579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Às 14.15, 17.30 e 21.15
- M. 12 a
O JULGAMENTO DE NUREMBERGA

SALA 2
Às 14, 16.15, 18.45 e 21.30
- M. 12 a
VIDAS EM JOGO
6.ª Semana

SALA 3
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.45
- N. ac. men. 18 a
OS CONTOS DE CANTERBURY

7.ª ARTE

Av. República à E. Entre Campos, junção n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.4
- M. 18 a
LENNY

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 18 a
O MENSAGEIRO
Às 24 - N. ac. men. 18 a
O ÚLTIMO HERÓI DO APOCALIPSE

TURIM

161117

E. de Benfca, 723-A

Às 14, 17.30 e 21.30
- M. 6 a
MUSICA NO CORAÇÃO
Às 24
O HOMEM DO CLAN

VOX

881808

Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 8/9

Às 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
O VINGADOR DA NOITE
2.ª Semana

XENON

368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a
O INQUILINO
1.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

OLÍMPIA - «O Espelho do Desejo», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO - «Carimbe-me Sr. Carreiro», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
MUNDIAL - «O Último Comboio do Katanga», às 21.30 (18 anos)
CITY-CINE - «Taxi Driver», às 21.30 (18 anos)

TERMINAL - «Que Paródia de Férias», às 21.30 (16 anos)
LONDRES - «Carmen», às 21.30 (12 anos)
CINE-ESTUDIO ACS - «O Hotel da Praia», às 21.15 (13 anos)

ZODIACO - «O Império dos Sentidos», às 21.30 (18 anos)
ALFA-1 - «Breakdance», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 - «A Epopéia do Império», às 21.45 (12 anos)
ALFA-3 - «Porky's II», às 21.45 (16 anos)

TIVOLI - «Breakdance», às 21.30 (6 anos)
ALFA-CLUBE - «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
APOLLO 70 - «Lola», às 21.30 (13 anos)
RESTELO - «Infelmente Tua», às 21.30 (12 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS - Oxford - «Musica no Coração», às 21.30 (6 anos)
ESTORIL - Casino - «O Guerreiro Sagrado», às 21.15 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA - Cine-Estúdio - «Aeroplano II, a Aventura Continua», às 21.30 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA - Sicine - «A Filha de Ryan», às 21.30 (18 anos)

ALMADA - Incível - «Hannie Caulder», às 21.15 (18 anos)
ALMADA - Academia - «A Fúria do Guerreiro», às 21.15 (12 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Os Buracos Estão na Moda», às 21.30 (13 anos)

Porto

VALE FORMOSO - «A Filha Sexy do Governador», às 21.45 (18 anos)
OLÍMPIA - «Assassinos Selvagens», às 21.30 (12 anos)
RIVOLI - «A Noite do Falcão», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «Spartacus», às 21.30 (13 anos)

ESTUDIO - «A Força do Amor», às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN - «Os Homens Preferem as Gordas», às 21.30 (13 anos)
TERÇO - «Os Fugitivos de Alcatraz», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT - «A Rosa», às 21.30 (13 anos)

AGUIA - «Perdão», às 21.00 (12 anos)
BATALHA - «Amor e Dinheiro», às 21.45 (16 anos)
FOCO - «Breakdance», às 21.45 (6 anos)
PASSOS MANUEL - «Breakdance», às 21.45 (6 anos)

PEDRO CEM - «Musica no Coração», às 21.15 (6 anos)
SÃO JOÃO - «Oficial e Cavaleiro», às 21.45 (13 anos)
BEBE - «Fanny e Alexandre», às 21.30 (13 anos)
JULIO DINIS - «A Prima», às 21.30 (18 anos)

TRINDADE - «Mulher em Chamas», às 21.45 (16 anos)
LUMIÈRE - Sala A - «A Educação de Rita», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE - Sala L - «Star 80», às 21.45 (18 anos)

Lisboa

PERMANENTE

A ESTRADA DE MOSCAVIDE - ALIVAS: São Paulo, R. José Campas, lote 823 (T. 310711); AJUDA: Moura, T. da Memória, 55 (T. 630344); ARREIRO: Garante, Av. Padre Manuel de Nóbrega, 5-A-B (T. 887300); CAMPO D'OURIQUE: Unilad, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); CAMPOLIDE - BAIRRO DA LIBERDDDE: Salutar, R. B. 75-A-B, Bairro da Liberdade (T. 683694); GRAÇA: Morão, L. da Graça, 63 (T. 860700); JARDIM ZOOLOGICO: Alegria, E. de Benfca, 180-A-B (T. 780511); LUMIAR: Douro, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); PAMPULHA - JANELAS VERDES: Lealdade, R. do Olival, 226-228 (T. 663441); PRACA DA ALEGRIA: Brites, Moita, P. da Alegria, 33-34; SALDA-NHA: Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); XABREGAS: Salter, R. de Xabregas, 63-65 (T. 981183); BRANDOA - AMADORA: Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 995338); ODIVELAS: Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139)

REFORÇO

ALVALADE: Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); ARCO DO CEGO - ESTE-FÂNIA: Delfo, R. dos Acores, 32-34 (T. 572388); AVENIDAS - DUQUE D'ÁVILA: Cosmos, 18 (T. 325455); MOITA: P. da Alegria, 33-34; SALDA-NHA: Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); XABREGAS: Salter, R. de Xabregas, 63-65 (T. 981183); BRANDOA - AMADORA: Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 995338); ODIVELAS: Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139)

Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); PONTINHA: Pimentel, Az. dos Bezuuros, lote R-8 (T. 991328); PRIOR VELHO: Matos, T. das Pinhas (T. 2519939)

Outra banda

ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498); Permanente, COVA DA PIEDADE: Rainha Santa, R. Sociedade Fua Piedade, 50-A (T. 2294182); Permanente, COSTA DE CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060); Até às 19 horas, LARANJEIRO: Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B (T. 2298572); Até às 22 horas, SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); LAVRADIO: Perreira, R. D. Silva, 15-A (T. 2042016); Até às 19 horas, BARREIRO: Soares, Av. da República, 1 (T. 2073023); Permanente, BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044); Até às 19 horas, CORROIOS: Universo, E. Nacional, 10 (T. 2290084); Até às 19 horas, AMORA: Nova Amorense, E. Nacional, 10, bloco A, loja A (T. 221680); Até às 22 horas, SEIXAL: Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10, Arreiteira, 21 (T. 220007); Até às 22 horas, MONTIJO: União Mutualista, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); Até às 22 horas, MOITA: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga, 2 (T. 239025); Até às 19 horas, ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2042050); Até às 19 horas, ALCOCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)

Linha de Cascais

ALGÉS: Combatentes, Av. Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953); Permanente, LINDA-A-VELHA: Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 219697); Até às 19 horas, TIRES: Guimarães, L. D. Duane, lote A, r/c (T. 2441616); Até às 22 horas, AL-CABIDECE: Carvalho, R. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363); Até às 22 horas, PORTO SALVO: Pereira Bastos, R. D.

farmácias

Ferreira Rebelo (T. 2421015) Até às 22 horas, MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635) Até às 22 horas, PAÇO DE ARCOS: Pargana, Av. Eng. Bonville Franco (T. 2435147) Até às 22 horas, OELAS: Oelras, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485) Permanente, CARCAVELOS: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777) Permanente, SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho, da Silveira, Av. de Saboia, 29 (T. 260085) Até às 22 horas, PAREDE: Almir, B. das Caixas de Previdência, Bloco A, Av. Gago Coutinho (T. 2472948) Permanente, SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052) Até às 22 horas, SASSOIEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312) Até às 22 horas, BIRRE IMANI: MADORNA: Madeira, R. A (T. 2476326) Até às 22 horas, AMOREIRA: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313) Até às 22 horas, MONTE ESTORIL: Lopes, R. Hanger, 3 (T. 260008) Até às 22 horas, CASCAIS: Cordeiro, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 260170/281419) Permanente

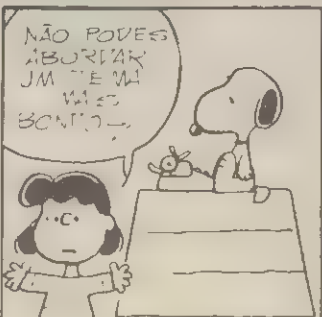
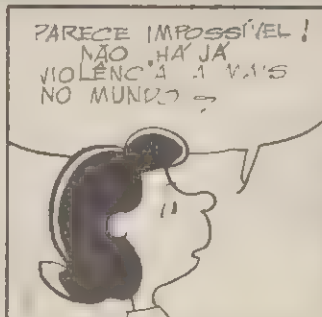
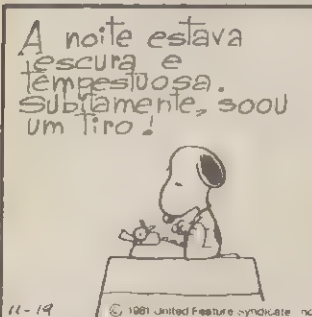
Linha de Sintra

AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 933613) Permanente, GIRA-SOL, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161) Até às 22 horas, DAMAIA: Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121) Permanente, QUELUZ: Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950906) Até às 22 horas, CAMARATE: Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872) Até às 19 horas, CACÉM: Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120) Permanente, MEM MARTINS: Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820) Permanente, MERCE: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275) Até às 22 horas, RINCHOA: Araújo, Até às 22 horas, COLARES: Abreja (T. 9290088), SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim (T. 980458) Permanente



Propriedade, Composição e Impressão,
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade 368740
Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro 321154
Redacção 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones 20954/5
Distribuição INTERPRESS
Rua do Norte 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones 322100-322204-320784



MARÉS DE HOJE			
PREIA-MAR BAIXA-MAR	10 51	3,4 m	4,16 1,6 m
	23 29	3,3 m	16,55 1,6 m
			5 26 1,6 m
	12 02	3,5 m	18,05 1,5 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO	16°
BRAGANÇA	10°
VILA REAL	14°
PORTO	18°
COIMBRA	19°
CABO CARVOEIRO	15°
PORTALEGRE	21°
LISBOA	18°
ÉVORA	21°
BEJA	19°
FARO	20°
SAGRES	16°
PONTA DELGADA	19°
FUNCHAL	19°

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA

Ceu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado do quadrante norte nas regiões do norte. Nebulinas matinais.

Encerramento da Feira do Livro em Almada

Organizada pela Câmara Municipal de Almada e pelo Centro Cultural de Almada, a Feira do Livro de Almada que, no quadro da política de descentralização cultural do município se propunha constituir uma oportunidade para favorecer o contacto entre os leitores e os escritores, encerrou ontem com um colóquio que se realizou numa sala da Escola Anselmo de Andrade e no qual o tema «Jaime Cortesão, Vida e Obra» foi apresentado pelo director adjunto do «DL», Fernando Pereira Santos.

De 27 de Julho a 5 de Agosto nas instalações da Feira do Livro de Almada realizaram-se diversas manifestações culturais. No dia 27 de Julho, lançamento do livro «O Despido da Nevoa», com a presença do autor José Manuel Mendes e do escritor Ronaldo da Fonseca no dia 28, à tarde sessão de animação infantil pela equipa de animação socioeducativa do Centro Cultural de Almada, a noite, recital de guitarra portuguesa por Octavio Sergio; no dia 29, colóquio subordinado ao tema «Teatro e Literatura» com Helder Costa, Joaquim Benite, Virgílio Martinho, Maria Helena Serôdio, no dia 30, colóquio de homenagem ao poeta Armando Rodrigues com a participação dos escritores Urbano Tavares Rodrigues, David Mourao Ferreira e Wanda Ramos; no dia 31, colóquio sobre «Literatura Infantil» com Maria Rosa Colaço, Ana Magalhães e Fernando Miguel Bernardes; no dia 1 de Agosto, teatro pelo Grupo de Teatro Amador da Academia Almadaense; no dia 2, exibição do filme «As Vinhas da Ira» de John Ford, baseado na obra de John Steinbeck; no dia 3, colóquio/homenagem «25 Anos de Actividade em Portugal» de Michel Giacometti, com Lopes Graça, João de Freitas Branco e Viegas Guerreiro; no dia 4, lançamento de «O Livro Branco da 5.ª Divisão», com a presença do coronel João Varela Gomes e um colóquio sobre «A Revolução de 1976/77» com Fernanda Maurício, Miguel Rodrigues e António Nabais.

A Feira do Livro de Almada teve o patrocínio, além da Câmara Municipal da cidade, das Juntas de Freguesia de Almada e da Cova da Piedade e do Instituto Português do Livro. Contou com o apoio do Clube Lisnave da administração da Lisnave, da CGT Lisnave, da Câmara Municipal do Seixal, da Escola Secundária Anselmo de Andrade. Nela estiveram representadas cerca de 30 editoriais.

A Feira do Livro de Almada cuja 5.ª edição ontem se encerrou, é já uma afirmação da actividade cultural da grande cidade da margem Sul.

Cientistas alertam

Um conflito nuclear será o fim da Humanidade

Um conflito nuclear entre a União Soviética e os Estados Unidos da América, por muito limitado que fosse, poderia acabar com a Humanidade — a afirmação é de Carl Sagan, astrónomo e professor da Universidade de Cornell, conhecido entre nós, através da série televisiva «Cosmos».

Na realidade se tivermos em conta as dimensões do actual arsenal nuclear mundial, cuja força está calculada em cerca de 12 000 megatoneladas de TNT um ataque e contra-ataque entre as duas superpotências comportando 50 a 200 ogivas nucleares ocasionaria a morte de várias centenas de milhões de pessoas (mil milhões segundo estimativas fidedignas) em consequência directa dos bombardeamentos. Numero idêntico sucumbiria poucas horas depois da catástrofe, por falta de assistência médica.

E o resto da Humanidade sobreviveria ao holocausto?

Cientistas, tanto do Ocidente como do bloco socialista, procuraram responder objectivamente a essa questão, no decorrer de uma conferência realizada em Washington na qual foram estudadas as consequências biológicas planetárias a longo prazo provocadas por uma guerra nuclear e na qual estiveram presentes além de Carl Sagan, o prof. Paul Ehrlich, da Universidade de Stanford; Turco, da Nasa, e os académicos soviéticos Alexandrov e Stenichikov, entre outras personalidades do mundo da ciência.

A medida que avançavam nas suas teses, mais aumentava o pessimismo dos cientistas (físicos, meteorologistas, climatologistas, biólogos etc.), mas foram unânimes, na ideia que um conflito nuclear teria como consequência, entre outros males, o arrefecimento desastroso do planeta, aquilo que chamaram o Inverno Nuclear.

As conclusões do encontro de Washington são bem claras quanto à sorte da Humanidade e

mostram bem que «The Day After» será bem trágico para os que sobreviverem.

A Noite Nuclear

Segundo aquele estudo, em caso de um conflito nuclear concentrado no Hemisfério Norte, a luz solar seria absorvida pelas partículas de cinza que inundariam a atmosfera devido as imensas fogueiras nucleares ateadas pelas explosões em terra e no ar (o po proveniente do solo, menos absorvente, teria um impacto menor sobre o clima). As imensas massas de cinza atingiriam cerca de 225 milhões de toneladas e a sua composição em partículas muito finas prolongaria o seu período de estacionamento na atmosfera. Em menos de uma semana após um conflito nuclear, a quantidade de raios solares que alcançaria o solo representaria somente alguns pontos do que é normal e a «noite nuclear» prolongar-se-ia por várias semanas. Em consequência da escassa luz que conseguiria penetrar nas nuvens de fumo ser insuficiente nos meses seguintes, não seria possível a foto síntese das plantas que tivessem escapado do impacto directo dos bombardeamentos. A diminuição do seu crescimento teria mais tarde, repercussões graves em todas as etapas do ciclo alimentar.

Essa falta de luz solar provocaria, ao longo de vários meses, uma extraordinária descida das temperaturas continentais, que, em média, seriam de 15 a 25 graus abaixo de zero, com excepção das zonas da orla marítima, o que ocasionaria importantes perturbações na circulação atmosférica global e no regime das precipitações. Mas, se o conflito se desse no Verão, haveria abundantes quedas de neve durante vários meses e em diversas regiões.

O impacto sobre as plantas dependeria da época do ano e da

duração da diminuição da temperatura, bem como dos limites de tolerância da flora. As plantas que geralmente podem adaptar-se ao frio, na condição que este aumente gradualmente, não suportam uma diminuição brusca da temperatura.

Uma guerra nuclear desencadeada na Primavera ou no Verão destruiria todas as colheitas do Hemisfério Norte. A maior parte do gado morreria à fome. Muitos dos animais morreriam de sede devido ao congelamento das águas. Uma vez esgotadas as reservas alimentares, a maioria dos seres humanos morreria de fome. Os países do Terceiro Mundo, dependentes das importações de alimentos (Portugal está nas mesmas condições) estariam fortemente afectados pelo corte brusco das entregas de alimentos, caso pudessem escapar ao impacto das explosões nucleares.

O Hemisfério Sul

Ainda segundo as conclusões do referido encontro de cientistas, as perturbações na circulação atmosférica global poderiam acelerar consideravelmente a transmissão, entre os dois hemisférios, de nuvens de pó e fumo, bem como de radiação. Nestas condições o Hemisfério Sul ficaria submetido quase imediatamente, após a primeira troca de golpes nucleares no Hemisfério Norte, a poluições massivas de resíduos radioactivos.

O planeta inteiro poderia ressentir-se rapidamente dos efeitos da conflagração nuclear.

As plantas tropicais têm uma resistência muito baixa ao frio e à obscuridade. Se o frio e a obscuridade se propagar pelas regiões tropicais, as selvas poderiam desaparecer. Sabe-se que as selvas representam a principal reserva da diversidade orgânica, se tal acontecesse conduziria ao desaparecimento de quase todas as espécies vegetais e animais da Terra.

Privadas de importações de

alimentos, as populações dessas regiões invadiriam o que restaria das selvas a fim de assegurar um mínimo de comida, acelerando assim a sua destruição.

Em consequência da imensa quantidade de dejectos nucleares e ao grande período em que permaneceriam na atmosfera as chuvas radioactivas afectariam áreas mais amplas do que as estimadas nas investigações empíricas anteriores e inclusive até a grandes distâncias do foco do conflito. Em cerca de 50 por cento das regiões das latitudes nórdicas (entre os paralelos 30 e 60) os seres humanos estariam expostos, durante vários meses, a uma dose de radiação de mais de 100 R (o que equivale a mais de mil doses de raios X) por pessoa e ainda ao efeito dos radioelementos ingeridos através da alimentação contaminada. Em aproximadamente 30 por cento dessas regiões a dose suplantaria os 250 R. Trata-se, pois, de valores dez vezes maiores dos que inicialmente se supunha. Um dose de 400R é considerada mortal. Mas, as doses mencionadas não são menos nocivas, pois podem perturbar o sistema imunitário e aumentar o aparecimento de afecções infecciosas, do cancro e de várias perturbações genéticas. Por outro lado, a penetração de grandes quantidades de óxido de nitrogénio na estratosfera devido às explosões a grande altitude, poderia reduzir a camada de ozono, cuja presença protege a vida terrestre contra as radiações perigosas dos raios ultravioletas da luz solar.

No período imediatamente seguinte a um ataque e contra-ataque nuclear, as nuvens de pó e fumo absorveriam os raios ultravioletas excessivos. Mas, depois da sua dispersão, ao cabo de vários meses, as doses de raios ultravioletas à superfície do solo seriam 160 pontos superiores ao normal. Os ultravioletas em excesso são igualmente daninhos para o sistema imunitário

do homem e dos animais mamíferos.

Não haverá sobreviventes

Cerca da sexta parte da zona urbana da Terra, isto é, aproximadamente 240 mil quilómetros quadrados, formaria uma imensa fogueira, acesa pelas 1000 megatoneladas da explosão. Mais de 4000 megatoneladas, segundo o guia estudado também produziram incêndios incontroláveis. As chamas englobariam grandes áreas, devorando a vegetação e causando inundações catastróficas, assim como uma inelutável e osado do solo.

Os incêndios urbanos queimariam os depósitos de combustíveis, materiais sintéticos, libertando grandes quantidades de gases tóxicos, como óxido de carbono, cianetos, dioxina, etc., perigosos para os seres humanos e susceptíveis, a longo prazo, de impedir a regeneração da vegetação.

As repercussões climáticas de um ataque e contra-ataque nuclear durariam vários anos e não seria de esperar uma nova era glacial. Devido à sua colossal reserva de calor, os oceanos não congelariam. Mas, apesar disso, não podemos esperar deles a subsistência dos sobreviventes que se encontrem nas orlas marítimas. Os efeitos acumulados da obscuridade, a quantidade excessiva de raios ultravioletas, os vendavais provocados pelas enormes diferenças térmicas entre a água e a terra, a contaminação química provocada pelos bombardeamentos, as concentrações de radioelementos na flora e na fauna marinha, as destruições dos barcos e dos portos defraudam todas as esperanças. Combinadas com intempéries directamente provocadas pelas explosões nucleares, essas perturbações profundas conhecidas pelos ecossistemas sugerem que não haverá sobreviventes. AC

Mosquitos super-resistentes ameaçam o homem

Os mosquitos levarão a melhor ao homem, apesar das novas técnicas, estudos e produtos químicos que surgem no mercado para os guerrear.

O director do laboratório biológico da Universidade norte-americana de Notre Dame, George B. Craig, publicou recentemente um trabalho numa revista americana em que refere, entre outros pontos, que de há 40 anos a esta parte que se procura um produto que supere a eficácia do DDT, porém sem resultado.

O mais surpreendente, contudo, parece ser o facto de os mosquitos se revelarem, actualmente, resistentes a quase todos os insecticidas, incluindo o DDT, o Deldrin, e outros, que são considerados os mais fortes em quase todo o mundo.

Os peritos na matéria atribuem a resistência dos mosquitos a um problema de evolução.

Os cientistas supõem que numa vasta população de mosquitos apenas uns poucos logram sobreviver a um novo insecticida. Contudo, os sobreviventes transmitem o factor de resistência aos seus descendentes e dentro em breve a mesma área estará povoada por mosquitos resistentes ao produto químico utilizado.

Investigadores que estão estudando um novo método de controlo biológico através de agentes naturais, verificaram ser este muito dispendioso e menos eficaz do que esperavam, apesar de terem avançado muito no estudo dos hábitos de reprodução dos insectos, no seu

comportamento genético, e no campo, até há pouco misterioso dos seus sistemas sensoriais.

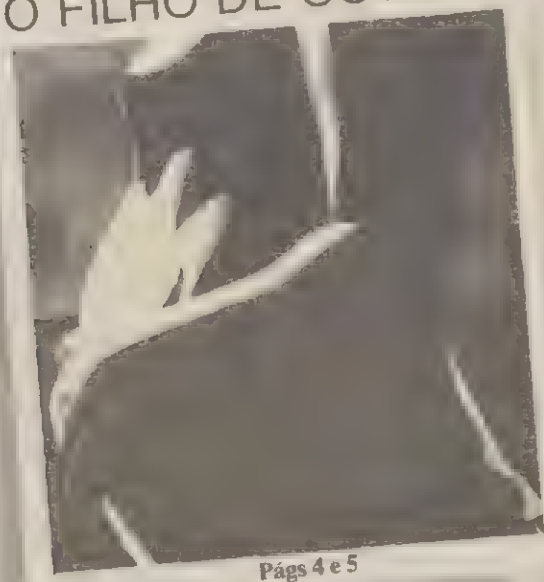
Através do controlo biológico, dizem os cientistas, só se podem controlar cerca de 40 por cento, enquanto que um bom pesticida elimina cerca de 90 por cento.

Vacina contra a malária

Enquanto procedem as pesquisas, bem mais preocupante parece ser o facto de que as enfermidades transmitidas pelos mosquitos estão a espalhar-se rapidamente, como é o caso da malária e da febre de três dias.

Ainda mais alarmante é o facto de a cloroquina, e outros medicamentos indicados para este tipo de febres causado pela picada do mosquito, estarem a perder o seu poder curativo. Segundo fontes consultadas, é urgente uma vacina contra a malária para evitar o sofrimento de mais de 300 milhões de pessoas no mundo.

Até agora a prevenção da malária tem-se feito através do controlo do mosquito que a transmite. O seu controlo proporcionaria um incremento no desenvolvimento de países como a Índia, o Paquistão e parte da África, com consequente economia de meios, pois o tratamento da malária é altamente dispendioso.

TRAZER NO VENTRE
O FILHO DE OUTRA

Págs 4 e 5

Destaque:
ASSAD

Pag. 2



Os desvios da carne sapam o «apartheid» e a polícia espregueita menos à janela

Os casamentos inter-raciais vão, proximamente, ser autorizados na África do Sul? A questão está na ordem do dia. Há fortes pressões a favor da abolição das duas leis que proíbem tal prática: a secção 16 do Immorality Act e a proibição dos casamentos mistos. Uma comissão parlamentar de 12 membros, criada para debater o problema, declarou que estas leis não podiam ser modificadas, e deveriam pura e simplesmente ser suprimidas. Mas os partidários da mudança contam com a oposição obstinada dos defensores do *statu quo*. Os dois textos celerados são ossos duros de roer, e constituem mesmo uma das pedras de base do sistema segregacionista. Trata-se de legislação adoptada no fim dos anos 50 para preservar a identidade «afrikaner» ameaçada de desnaturamento por ligações «ilegítimas» entre jovens de cor diferente.

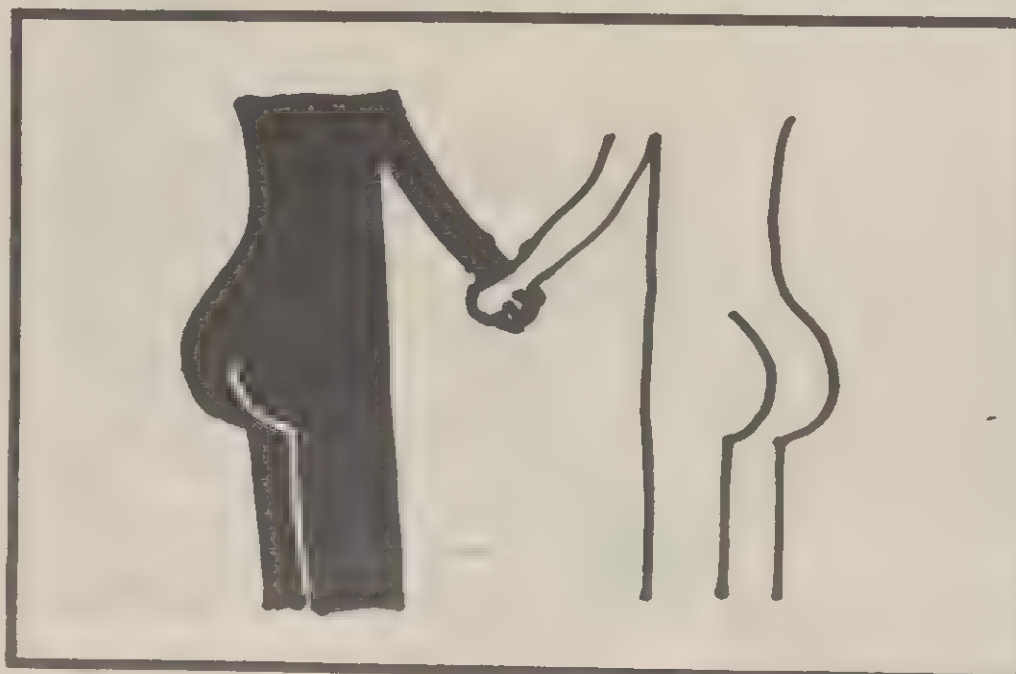
Desde 1902, na província do Cabo, e desde o ano seguinte para as três restantes, as relações sexuais entre mulheres brancas e homens negros eram passíveis de perseguição penal. Depois, em 1927, a Lei Hertzog (o Immorality Act) proibiu todo e qualquer acto sexual fora do casamento entre brancos e negros. Enfim, em 1949, a lei de proibição dos casamentos mistos completou o arsenal repressivo. A abolição foi fechada, em 1950, por uma emenda estendendo aos mestiços e aos indianos a lei de 1927. «Deus criou-nos diferentes, e é em Sua nome que devemos preservar essa diferença», declarava o então primeiro-ministro, J. G. Strijdom. Mas a Comissão de Inquérito da Comissão Nacional de Inquérito, criada em 1974, declarou que a lei de 1927, «Deus criou-nos diferentes, e é em Sua nome que devemos preservar essa diferença», declarava o então primeiro-ministro, J. G. Strijdom. Mas a Comissão de Inquérito da Comissão Nacional de Inquérito, criada em 1974, declarou que a lei de 1927, «Deus criou-nos diferentes, e é em Sua nome que devemos preservar essa diferença», declarava o então primeiro-ministro, J. G. Strijdom.

numerosos suicídios, numerosos exílios.

Entre 1974 e 1982, 1536 pessoas foram declaradas culpadas de infracção a esses dois textos legais. Só em 1983, o número de culpados atingiu 152 — e trata-se de «culpados» cuja pena pode ir, facilmente, a sete anos de prisão. Actualmente, muitas penas estão suspensas, mas há igualmente prisões firmes pronunciadas. No entanto torna-se manifesto que a polícia, que até à pouco vinha espreitar através das persianas e cheirar os lençóis, faz agora orelhas moucas quando alguém vem denunciar-lhe suspeitas de «actos imorais e ilegais» que teriam lugar em casa do vizinho... Como agora faz notar o diário liberal «The Star»: «Durante 298 anos da história do nosso país, brancos e negros dormiram juntos e fundaram assim a sólida dinastia afrikander».

A chegada, ao poder, em 1949, do Partido Nacionalista que ainda dirige a nação sul-africana, pôs um termo a esses desvios da carne». Apesar de, porém, desde há alguns anos que o direito de amar al guém de cor diferente quer voltar a superfície. Os casamentos mistos verificam-se de facto embora nulos e sem existência legal. O que o pronuncia atira-se a uma multa de cerca de 100 contos. Há casais que se convertem ao Islão para poderem legalizar a sua união. I se é conhecido que a polícia pas- sa a fazer os olhos, sobretudo nos grandes centros urbanos e especialmente em Durban, onde a comunidade indiana é importante, os casais ilegais não pa- ram de aparecer.

Estes casamentos ilegais, no entanto, não são os únicos que se verificam. Há casais que se convertem ao Islão para poderem legalizar a sua união. I se é conhecido que a polícia pas- sa a fazer os olhos, sobretudo nos grandes centros urbanos e especialmente em Durban, onde a comunidade indiana é importante, os casais ilegais não pa- ram de aparecer.



terra, de acordo com uma lei de 1968. Trata-se de uma lei que também se aplica — embora a questão não esteja definitivamente resolvida — aos habitantes da Namíbia, que são ainda cidadãos sul-africanos. Aqui, porém, os dois outros textos legais não estão em aplicação em teoria, pelo menos. Os exemplos de dramas e de humilhações causados por esta legislação são multidão. Vidas há que, no plano afectivo e profissional, foram destruídas no altar da hereditriedade afrikander. O dr. Verwoerd, pai do *apartheid*, dizia em 1961: «Quando falo à nação sul-africana, eu bem entendo a preocupação do povo branco da África do Sul».

Em 1974, um jornal de Durban, o «Durban Post», publicou um artigo sobre a possibilidade de se estabelecerem relações sexuais entre brancos e negros. O artigo afirmava que os fundamentos da sociedade sul-africana estavam em perigo e que a polícia deveria tomar medidas para evitar isso.

dem, directa ou indirectamente, estar ligadas a esses dois textos.

A comissão acaba de concluir os seus trabalhos, mantendo-se a favor de uma supressão pura e simples. Outra deve agora ser nomeada para estudar a possibilidade da supressão. O ministro das Questões Internas De Klerk refez imediatamente as velocidades reformistas, declarando que as modificações pretendidas só poderão fazer-se tendo em conta a ordem social, educativa e constitutiva das comunidades. Quer dizer: sem tocar nos fundamentos do *apartheid*. No próximo Parlamento, os representantes brancos e indianos que compo- ão a maioria no Parlamento, deverão tomar sem dúvida o ponto de honra de se manterem fiéis a esses princípios. Apesar de a maioria dos brancos e indianos não

terem, directa ou indirectamente, estar ligadas a esses dois textos.

disto e católica se ter pronunciado pela abolição, bem como um número importante de intelectuais e de políticos, a principal igreja branca, a NGK, a que pertence a maioria dos membros da classe dirigente, acabou de reafirmar que a manutenção da paz, no sentido bíblico do termo, é mais importante para as autoridades do que a livre escolha individual em matéria de casamento.

A NGK funda a sua oposição a estas modificações nos princípios fundamentais da cristandade e sobretudo na Bíblia. Segundo ela, estão pros- critas as palavras, os gestos e os actos imorais. Porém a Bíblia, afirma, não proíbe o casamento misto. Pelo contrário, o casamento misto é uma bênção. Segundo a Bíblia, o casamento misto é uma bênção. Segundo a Bíblia, o casamento misto é uma bênção.

Quando uma peça de domínio é vendida, as outras peças do mesmo domínio são vendidas a um preço mais baixo.

mem. O que está em jogo é decisivo, e os políticos sabem-no. Porque a abolição destas leis abriria uma brecha profunda no sistema de *apartheid* e poderia engendrar um efeito multiplicador que acabaria por «sapar» as bases da teoria do desenvolvimento separado.

Se a abolição for adoptada, como poderão continuar a aplicar a quantidade de leis que regem a discriminação racial? Onde, por exemplo, colocar os filhos dessas uniões que passariam a ser legítimas? Em que zona habitacional serão postas as famílias onde a cor da pele varia entre pai, mãe e filhos? Seria indispensável, então, emendar o *Group Areas Act*, que destina a cada comunidade os locais onde são obrigadas a viver. Quer dizer, a abolição implicaria consequências importantes ao nível das escolas, dos hospitais, dos locais públicos, e uma série de disposições segregacionistas tomar-se-iam, na prática, inoperantes. Actualmente, os casos tangentes de pertença a um grupo étnico bem defendido causam às autoridades inacreditáveis dificuldades técnicas. Além disso, no próximo Parlamento, a abolição entre três câmaras mais abastadas e formadas. Se, numa família, o pai e branco e a mãe indiana e os filhos mestiços, cada um deles, estará representado por uma câmara diferente.

Quando uma peça de domínio é vendida, as outras peças do mesmo domínio são vendidas a um preço mais baixo.

Conversa com Hafez El Assad

- Todas as Igrejas devem coexistir no Líbano
- Os EUA fazem a política escolhida por Israel

Embora o general Hafez El Assad tenha tido o ano passado um ataque cardíaco que o manteve durante semanas afastado do Poder, foi um homem aparentemente em plena forma física e intelectual, sempre sorridente e à vontade, quem nos recebeu no seu palácio da capital síria.

— Senhor presidente, um dos aspectos da sua política que mais impressionou a opinião pública francesa, e particularmente a opinião da esquerda, foi a expulsão da Síria, em Junho de 1983, de Yasser Arafat. Concretamente, o que é que lhe censurava?

— De um modo geral não gosto de exprimir a minha opinião sobre uma pessoa através da Imprensa. Mas pode-se dizer que Arafat fez mal a causa palestina e à Síria. Mas isso diz respeito aos seus colegas da OLP e do Fatah, e so acidentalmente a Síria.

— Mas não acredita que a divisão da resistência palestina serve os interesses de Israel?

— É a Síria que serve de base e de ponto de partida à resistência palestina. Não há pois nenhum receio quanto a uma divisão da resistência, no verdadeiro sentido da palavra, e assegurar-lhe-emos todo o apoio necessário.

Quanto à resistência afastada da Palestina, podemos chamar-lhe como quisermos mas nunca resistência. Aquele que quer resistir deve estar próximo da sua terra e do objectivo da sua luta. O que pode fazer a resistência palestina a centenas de quilómetros do solo palestino, se não ser representada por certos políticos ou serviços de informação?

— Ainda não me disse na verdade o que censurava a Arafat ou se não quer falar das pessoas, da sua política...

— Ele e eu temos duas políticas absolutamente contraditórias. Mas a nossa política palestina tem o acordo de todos os combatentes presentes na Síria e no Líbano, isto é, de todos os militantes que exercem uma real influência na luta pela causa palestina.

Claro que não queremos ditar a Arafat a sua política. Isso é com ele e com as organizações palestinas. Mas é natural que apoiemos aqueles que, na nossa opinião, incutem a luta palestina.

Estamos historicamente ligados à causa palestina porque a nossa própria causa, tal como a de todos os palestinos.

Se assim não fosse não estaríamos dispostos, como cidadãos sírios, a dar por ela o nosso sangue.

— Julga possível, num futuro próximo, um acordo israelo-árabe que resolvesse o problema palestino?

— Decerto que sim. Todo e qualquer acordo do conflito israelo-árabe deve necessariamente englobar a questão palestina. Já afirmámos, por várias vezes, que queríamos uma paz justa baseada nas resoluções das Nações Unidas.

Empreendemos ações nesse sentido com outros países árabes e estrangeiros, mas elas encontraram sempre pela frente o expansionismo israelita e o apoio inflamado que os Estados Unidos lhe dão.

Não a uma retirada simultânea do Líbano

— Fora do quadro desse ajuste global, considera possível uma retirada simultânea, total ou parcial, das tropas sírias e israelitas do Líbano?

— Ahamos que a questão libanesa deve ser separada do problema do Médio Oriente. Mas recusamos toda e qualquer relação entre a nossa presença no Líbano e a de Israel. Intervimos como força irma a pedido das autoridades e do povo libanês, quando as forças de invasão israelitas o fizeram para oprimir o povo libanês, e os palestinos presentes no Líbano, agredindo um país árabe independente e soberano, membro da ONU e da Liga Árabe.

Os israelitas e os americanos compreendem as razões da nossa recusa: ela exprime uma vontade popular árabe apoiando-se numa história, numa língua, interesses e num destino comum. Principalmente os franceses deviam conhecer os elos que unem a Síria e o Líbano no quadro da nossa ligação comum à nação árabe.

— A propósito destas relações, parece que a Síria não reconheceu verdadeiramente a independência do Líbano, visto que continua a não ter embaixada em Beirute, tal como o Líbano não tem embaixada em Damasco.

— Acabo de estar com o primeiro-ministro libanês na sua qualidade de primeiro-ministro de um Estado independente e soberano. Antes, tinha recebido o presidente da República. Não compreendo porque reduz as nossas relações com o Líbano à medida de um escritório onde instalamos um certo número de funcionários. O Líbano é um Estado independente. Mas isso não quer dizer que não tornamos um povo único. Ninguém pode romper os elos que existem entre os nossos dois países.

— A maioria dos libaneses está agora convencida de que apoiamos os interesses libaneses.

— Mas como conseguimos convencê-los?

— Com paciência, esforço e o sentimento da fraternidade. Fomos ajudados pelo facto de sentirmos as suas dores. E essa diferença essencial entre nós e os outros. Eles procuram o bem mas não estão dispostos a fazer do problema libanês a sua preocupação quotidiana. Alguns, incluindo pessoas que são consideradas nossas amigas, adoptaram em Lausanne posições que não são aquelas que consi-

deramos úteis. Mas nem por isso as nossas relações mudaram. A discussão prosseguiu entre nós, o que prova que procuramos convencer, não obrigar.

— Mas durante a guerra civil libanesa foram além do simples esforço de convicção, visto que intervieram por várias vezes.

— Intervimos a pedido das autoridades legítimas. Aí, é preciso voltar à história: o presidente da República, que era então Soleimane Frangie, e o primeiro-ministro Karamé, pediram insistentemente a nossa intervenção. Não respondemos a esse apelo com muito entusiasmo. O envio das nossas tropas ao Líbano representava um sacrifício. E se tem na cabeça os nossos interesses no Líbano, deixe-me que lhe diga que eles não precisam da presença das forças sírias.

— Não é dos interesses da Síria que estou a falar mas sim da natureza das pressões «fraternas» que ela exerceu sobre as diferentes partes, para as levar a um entendimento.

— O objectivo da nossa intervenção era o fim da guerra civil. Algumas partes procuraram explorar a nossa presença a fim de liquidar outras. O que queríamos era impedir os massacres e a opressão. Era impossível que o nosso papel se limitasse a fornecer a um campo uma arma contra o outro. O que arrastou choques entre nós e certas tendências libanesas. A melhor prova da nossa imparcialidade e do carácter fraternal do nosso auxílio para deter os combates, reside no facto de os dois campos em presença se terem oposto sucessivamente a nós.

— Referiu a recente visita a Damasco do senhor Karamé. A normalização da situação do Líbano parece avançar. Não fez nada por isso...

— Sim, as coisas vão cada vez melhor. Os nossos irmãos libaneses sabem que desejamos ajudá-los. Graças à colaboração com eles, conseguimos dialogar com eles, seja qual for o seu modo de ver.

— E para tal, exerceram sobre uns e sobre outros, de vez em quando, algumas sérias pressões...

— As nossas relações com os

Entrevista
ANDRÉ FONTAINE

libaneses são fraternas, implicam discussão, um diálogo contínuo, ao fim do qual chegamos a concepções comuns. Não temos a impressão de que exercemos pressões.

— Na conferência de Lausanne alguns participantes queriam eliminar os outros. Para os levar a participar de um mesmo governo, deve, em todo caso, ter recorrido a argumentos de peso...

— A maioria dos libaneses está agora convencida de que apoiamos os interesses libaneses.

— Mas como conseguimos convencê-los?

— Com paciência, esforço e o sentimento da fraternidade. Fomos ajudados pelo facto de sentirmos as suas dores. E essa diferença essencial entre nós e os outros. Eles procuram o bem mas não estão dispostos a fazer do problema libanês a sua preocupação quotidiana. Alguns, incluindo pessoas que são consideradas nossas amigas, adoptaram em Lausanne posições que não são aquelas que consi-

deramos úteis. Mas nem por isso as nossas relações mudaram. A discussão prosseguiu entre nós, o que prova que procuramos convencer, não obrigar.

— Mas durante a guerra civil libanesa foram além do simples esforço de convicção, visto que intervieram por várias vezes.

— Intervimos a pedido das autoridades legítimas. Aí, é preciso voltar à história: o presidente da República, que era então Soleimane Frangie, e o primeiro-ministro Karamé, pediram insistentemente a nossa intervenção. Não respondemos a esse apelo com muito entusiasmo. O envio das nossas tropas ao Líbano representava um sacrifício. E se tem na cabeça os nossos interesses no Líbano, deixe-me que lhe diga que eles não precisam da presença das forças sírias.

— Não é dos interesses da Síria que estou a falar mas sim da natureza das pressões «fraternas» que ela exerceu sobre as diferentes partes, para as levar a um entendimento.

— O objectivo da nossa intervenção era o fim da guerra civil. Algumas partes procuraram explorar a nossa presença a fim de liquidar outras. O que queríamos era impedir os massacres e a opressão. Era impossível que o nosso papel se limitasse a fornecer a um campo uma arma contra o outro. O que arrastou choques entre nós e certas tendências libanesas. A melhor prova da nossa imparcialidade e do carácter fraternal do nosso auxílio para deter os combates, reside no facto de os dois campos em presença se terem oposto sucessivamente a nós.

— Referiu a recente visita a Damasco do senhor Karamé. A normalização da situação do Líbano parece avançar. Não fez nada por isso...

— Sim, as coisas vão cada vez melhor. Os nossos irmãos libaneses sabem que desejamos ajudá-los. Graças à colaboração com eles, conseguimos dialogar com eles, seja qual for o seu modo de ver.

— E para tal, exerceram sobre uns e sobre outros, de vez em quando, algumas sérias pressões...

— As nossas relações com os

deramos úteis. Mas nem por isso as nossas relações mudaram. A discussão prosseguiu entre nós, o que prova que procuramos convencer, não obrigar.

— Mas durante a guerra civil libanesa foram além do simples esforço de convicção, visto que intervieram por várias vezes.

— Intervimos a pedido das autoridades legítimas. Aí, é preciso voltar à história: o presidente da República, que era então Soleimane Frangie, e o primeiro-ministro Karamé, pediram insistentemente a nossa intervenção. Não respondemos a esse apelo com muito entusiasmo. O envio das nossas tropas ao Líbano representava um sacrifício. E se tem na cabeça os nossos interesses no Líbano, deixe-me que lhe diga que eles não precisam da presença das forças sírias.

— Não é dos interesses da Síria que estou a falar mas sim da natureza das pressões «fraternas» que ela exerceu sobre as diferentes partes, para as levar a um entendimento.

— O objectivo da nossa intervenção era o fim da guerra civil. Algumas partes procuraram explorar a nossa presença a fim de liquidar outras. O que queríamos era impedir os massacres e a opressão. Era impossível que o nosso papel se limitasse a fornecer a um campo uma arma contra o outro. O que arrastou choques entre nós e certas tendências libanesas. A melhor prova da nossa imparcialidade e do carácter fraternal do nosso auxílio para deter os combates, reside no facto de os dois campos em presença se terem oposto sucessivamente a nós.

— Referiu a recente visita a Damasco do senhor Karamé. A normalização da situação do Líbano parece avançar. Não fez nada por isso...

— Sim, as coisas vão cada vez melhor. Os nossos irmãos libaneses sabem que desejamos ajudá-los. Graças à colaboração com eles, conseguimos dialogar com eles, seja qual for o seu modo de ver.

— E para tal, exerceram sobre uns e sobre outros, de vez em quando, algumas sérias pressões...

— As nossas relações com os

deramos úteis. Mas nem por isso as nossas relações mudaram. A discussão prosseguiu entre nós, o que prova que procuramos convencer, não obrigar.

— Mas durante a guerra civil libanesa foram além do simples esforço de convicção, visto que intervieram por várias vezes.

— Intervimos a pedido das autoridades legítimas. Aí, é preciso voltar à história: o presidente da República, que era então Soleimane Frangie, e o primeiro-ministro Karamé, pediram insistentemente a nossa intervenção. Não respondemos a esse apelo com muito entusiasmo. O envio das nossas tropas ao Líbano representava um sacrifício. E se tem na cabeça os nossos interesses no Líbano, deixe-me que lhe diga que eles não precisam da presença das forças sírias.

— Não é dos interesses da Síria que estou a falar mas sim da natureza das pressões «fraternas» que ela exerceu sobre as diferentes partes, para as levar a um entendimento.

— O objectivo da nossa intervenção era o fim da guerra civil. Algumas partes procuraram explorar a nossa presença a fim de liquidar outras. O que queríamos era impedir os massacres e a opressão. Era impossível que o nosso papel se limitasse a fornecer a um campo uma arma contra o outro. O que arrastou choques entre nós e certas tendências libanesas. A melhor prova da nossa imparcialidade e do carácter fraternal do nosso auxílio para deter os combates, reside no facto de os dois campos em presença se terem oposto sucessivamente a nós.

— Referiu a recente visita a Damasco do senhor Karamé. A normalização da situação do Líbano parece avançar. Não fez nada por isso...

— Sim, as coisas vão cada vez melhor. Os nossos irmãos libaneses sabem que desejamos ajudá-los. Graças à colaboração com eles, conseguimos dialogar com eles, seja qual for o seu modo de ver.

— E para tal, exerceram sobre uns e sobre outros, de vez em quando, algumas sérias pressões...

— As nossas relações com os

sobrelanços quanto aos armamentos e à necessidade de assegurar a supremacia de Israel.

Comunicámos directamente aos americanos aquilo que pensávamos. A União Soviética tem uma opinião independente, isto é, faz combinações com os seus amigos, mas tem as suas próprias convicções. Os Estados Unidos executam a política determinada por Israel.

— Ouvi muitas vezes alguns árabes dizer o contrário, por exemplo, que Israel era a «esta de ponte» dos Estados Unidos na região.

— Nesse caso o nosso verdadeiro inimigo seria já não Israel mas os Estados Unidos. Na verdade é a América que executa as decisões israelitas. Se certos árabes dizem o contrário, enganam-se. É uma realidade que eu conheço.

Os emissários americanos vêm até nós, muitos nos últimos anos e trazem ideias e pretensas missões de paz. Nem um deles emitiu a menor ideia que fosse estranha às ideias israelitas. Um dia disse a um deles: Você é um mero mensageiro israelita que nos transmite as ideias de Israel. Muitos deles não têm respostas.

— Disse isso a Kissinger?

— Disse-lhe muitas vezes coisas piores. De qualquer modo Kissinger é diferente da maioria dos políticos americanos que tenho encontrado. Ele é um dos americanos que mais apoiaram Israel. Mas tem uma visão global do futuro. Parece-me que ele entrevia o interesse de Israel muito melhor do que os próprios israelitas.

Teria compreendido, mais tarde, como vim a sabê-lo, que teria sido preferível para ele seguir outros caminhos. A sua política era a de caminhar devagar. Não estávamos de acordo com ele. Achávamos necessária uma conferência de paz e pensávamos que um processo de paz global podia ser útil, visto que as soluções parciais não podiam levar a uma paz global.

— Acredita na verdade que um pequeno Estado como Israel possa ditar a sua política a um grande Estado como os Estados Unidos, quando ele depende tanto do seu auxílio? Como explica isto?

— Não considero útil dizer tudo na minha resposta a esta pergunta. Digamos simplesmente, para simplificar, que isto tem a ver, em grande parte, com as eleições americanas e com o facto de os judeus ocuparem nos Estados Unidos pontos nevralgicos nas finanças e na informação, talvez mesmo nas forças armadas. Eles formam uma massa organizada no interior e a sua influência é grande, embora hajam, naturalmente, judeus hostis ao sionismo.

«A S casas est de dia e Todos apanham na primeira árvore contram, na cas tram... Aqui, u cabe às mult dado de agrac ocupação mais A maior parte de estavam nuas... res parecem nã que mais dese cada instante tu as doçuras do a incita ao mesm Extraídas da « volta do mundo gainville (1), esta cantaram as imag ropeias já prepa filósofos para o selvagem. O nat sava, com a sua relançar o esfor francês, mas o p tinha do que lera idilicos que o qua da Nova-Citera miragem dos ma nasceu ao mesm o seu mito.

Cheio de refer tálgicas à idade grega, este mito humana em Tait uma crítica da civ ropeia, tanto e como em Inglat Wallis e Cook p narrativa das su ções oceânicas. chuvinismo infel e franceses atirav outros a responsa ali ter introduzido das doenças vene primitivismo sen eden taitiano de controu o seu c própria Polinesi Maoris canibais e Nova Zelândia e a morte violenta d 1797 no Taiti. O bom selvagem fo rado, assim como da natureza. O romântico recup violência primit identificar à do que formaram a tentional. De vi particularidade virtuosa... Logic correram daí o p perfectibilidade d a ideia de que a Velho Mundo se Pacífico, teatro gência de novas c

Para além de visão ocidental d visão que muita cantona na sub Bounty, no exil guin na sua «casa nas Marquesas, num Segalen em tempos imemor está a realidade presente?

O triângulo cujos três pontos são formados a Hawái, a leste p Pascoa e a sudest Zelândia, contin entidade geogr vasta do mundo, estende por uma

S

S

O

C

I

E

D

A

D

E

«As casas estão abertas de dia e de noite.

Todos apanham os frutos na primeira árvore que encontram, na casa onde entram... Aqui, um doce ocio cabe às mulheres, e o cuidado de agradar é a sua ocupação mais preciosa...

A maior parte destas ninfas estavam nuas... As mulheres parecem não querer o que mais desejam... Em cada instante tudo lembra as doçuras do amor, tudo incita ao mesmo amor...» Extraídas da «Viagem à volta do mundo» de Bougainville (1), estas frases encantaram as imaginações europeias já preparadas pelos filósofos para o tema do bom selvagem. O navegador visava, com a sua publicação, relançar o esforço colonial francês, mas o público só retinha do que lera os prazeres idílicos que o quadro onírico da Nova-Cítera permitia. A miragem dos mares do Sul nasceu ao mesmo tempo que o seu mito.

Cheio de referências nostálgicas à idade do ouro grega, este mito da condição humana em Taiti favoreceu uma crítica da civilização europeia, tanto em França como em Inglaterra, onde Wallis e Cook publicaram a narrativa das suas expedições oceânicas. Havia aí um chovinismo infeliz. Ingleses e franceses atiravam uns aos outros a responsabilidade de ali ter introduzido os germes das doenças venereas. Mas o primitivismo sentimental do eden taitiano depressa encontrou o seu contrário na própria Polinésia com os Maoris canibais e ferozes da Nova Zelândia e depois com a morte violenta de Cook, em 1797 no Taiti. O conceito do bom selvagem foi pois alterado, assim como a filosofia da natureza. O pensamento romântico recuperou essa violência primitiva para a identificar à dos bárbaros que formaram a Europa setentrional. De viciosa, essa particularidade tornou-se virtuosa... Logicamente decorreram daí o princípio da perfectibilidade do homem e a ideia de que a história do Velho Mundo se repetiria no Pacífico, teatro da emergência de novas civilizações.

Para além de uma certa visão ocidental da Polinésia, visão que muitas vezes se cantona na sublevação da *Bounty*, no exílio de Gauguin na sua «casa do prazer» nas Marquesas, ou ainda num Segalen em busca dos tempos imemoriais, onde está a realidade passada e presente?

O triângulo polinésio cujos três pontos mais altos são formados a norte por Hawaí, a leste pela ilha da Pascoa e a sudeste pela Nova Zelândia, continua a ser a entidade geográfica mais vasta do mundo, visto que se estende por uma superfície

que equivale duas vezes à dos Estados Unidos. Simplesmente, à parte a Nova Zelândia, do tamanho de metade da França, os milhares de ilhas, de atolls e de recifes ali disseminados, só representam a superfície da Bélgica.

Os arquipélagos polinésios têm clima tropical à excepção da ilha da Pascoa e da Nova Zelândia, que conhecem uma forte amplitude térmica, portanto um nítido arrefecimento no inverno, devido ao seu afastamento do trópico de Capricórnio.

Desde a chegada dos europeus à Polinésia que o problema da proveniência e da origem dos seus habitantes foi objecto de numerosas interrogações. Duzentos anos de debates e de investigações científicas permitiram eliminar certas hipóteses fantasistas e perspectivar hoje bases de inquérito próximas da solução.

Os antepassados longínquos dos polinésios tiveram um lugar de origem ainda impreciso, que se situaria perto do estreito da Formosa. Teriam partido daí, no quinto milénio, seguindo para oeste na direcção de Madagascar e para sul a caminho do Vietname e das Filipinas, antes de atingir as ilhas da Melanésia onde se estabeleceram temporariamente durante o terceiro milénio. A arqueologia permitiu identificar certos traços da sua cultura que datam dessa época. Neste estadiário da sua difusão estes navegadores ainda não são polinésios mas austronésios. Fala-se acerca deles de «complexo cultural lapita», do nome de um local neocaledónio onde foram encontrados em 1952 vários fragmentos de loiça de barro que eles fabricavam. Estes protopolinésios atingiram as ilhas Fidji em 1300 antes de Cristo. Um século mais tarde colonizariam as ilhas Tonga e depois as Samoa. Estas expedições de alto mar foram sobre tudo realizáveis graças à invenção de longas pirogas acopladas, os catamarans da actualidade. Virgens de habitantes esses arquipélagos permitiram a estes emigrantes evoluir num isolamento relativo e desenvolver as suas particularidades culturais durante um milénio. O cadinho da civilização polinésia formou-se aí.

Sem dúvida na sequência de pressões demográficas e da exiguidade do território insular que arrastava consigo guerras intestinas, surgiu um novo impulso migratório, deliberado, antes da era cristã, na direcção das ilhas Marquesas e das ilhas da Sociedade, isto é, a pouco mais de 3000 quilómetros das Samoa. Depois a expansão prosseguiria na direcção dos três pontos altos do triângulo polinésio

Selvagens ilustres: os povos que alimentaram o imaginário do Ocidente

O Eden perdido dos mares do Sul



Este povoamento não foi fortuito, na medida em que se realizou com a ajuda dos alizeos e das correntes marítimas. Embarcando pois para o desconhecido, situado para além do horizonte, estes grupos de homens e de mulheres tiveram de repetir incessantemente as suas tentativas, antes de chegar a bom termo. É impossível saber qual terá sido o número de expedições que abortaram e as perdas humanas sofridas. Pretender pois que um Bou-

gainville ou um Cook descobriam a Polinésia é uma asserção eurocentrista e, ainda por cima, pretenciosa. O traço principal da cultura polinésia é pois a sua homogeneidade, embora esse axioma dissimule uma pleiade de pequenas diferenças, como o denota, por exemplo, uma breve comparação linguística: a palavra casa diz-se *fale* nas Samos,

seu desenvolvimento respectivo seja, não só a expressão cultural intrínseca desejada por cada entidade insular mas também o testemunho das suas faculdades maleabilidade, quando da sua adaptação. O nóculo da estrutura social, por exemplo — nobres, gente fora do comum, escravos — encontra-se por todo o lado mas comporta, de todas as vezes, va-

riantes a nível das instituições políticas. Do mesmo modo a produção de objectos utilitários ou culturais que correspondem a necessidades similares denota variações estilísticas particulares para exprimir a importância que cada ilha ou grupo de ilhas queria dar ao seu artesanato.

Nas suas grandes linhas a cartografia da Polinésia foi estabelecida durante as três viagens de circum-navegação efectuadas por James Cook de 1769 a 1779. Timidamente primeiro, depois sistematicamente os Europeus penetraram no Grande Oceano. Pontos de descanso idílicos para os pescadores de baleias durante as suas intermináveis campanhas de pesca, os arquipélagos ofereciam viveres, água fresca e mulheres, em troca dos quais os pescadores lhes deixavam mosquetes, álcool e doenças venereas. A instalação de missionários protestantes e católicos em forte competição para evangelizar as almas pagãs agitou o sistema religioso tradicional. Comerciantes e administrações de tutela seguiram-nos depois da anexação ocidental da maioria das ilhas durante o século dezanove.

Frágeis, a harmonia e o equilíbrio adquiridos durante séculos de formação e de desenvolvimento foram transformados. A destruição da religião antiga arrastou na sua queda o edifício político e social. De espontâneas, as actividades quotidianas passaram a ser regimentadas; um langor geral apossou-se das ilhas. A população diminuiu de um modo assustador. De 300 000 à chegada de James Cook, os havaianos já não eram mais de 135 000 em 1820, 85 000 em 1850, 40 000 em 1890. De 80 000 no início do século XIX, os habitantes das Marquesas são hoje 6000 depois de terem atingido um mínimo de 2100 em 1926.

Famosa pelas suas estátuas, a ilha da Pascoa deveria sê-lo mais ainda pelas suas modificações demográficas. Em 1862 e em 1863 uma pequena frota de navios peruanos efectuou um raid para levar à força a maioria de habitantes possível a fim de os obrigar a trabalhar nas ilhas de guano que rebordam a costa peruana. Perto de um milhar de habitantes da Pascoa foram assim raptados. Em breve se ergueram protestos internacionais, e o Peru repatriou aqueles que não tinham morrido durante os trabalhos forçados. Houve ainda os que morreram durante a viagem de regresso. O pouco número que atingiu a ilha levava consigo germes da varíola e da tuberculose. A restante população sofreu as consequências disso. Os quinze casais que sobreviveram estiveram na

origem dos actuais 1200 pa-coanos, junto dos quais vivem 800 funcionários chilenos, consequência da anexação da ilha pelo Chile, em 1888.

Com a ajuda da mestissagem houve um aumento demográfico na maior parte das ilhas. Ao contrário de um país de povoamento europeu como a Nova Zelândia, outros arquipélagos tiveram de acolher mão-de-obra asiática cuja absorção se realizou como em Taiti e em Hawaí. Quinquagésimo Estado americano em 1969, o arquipélago havaiano só conta hoje um infima maioria de polinésios na sequência de maciças imigrações japonesas e chinesas. Notemos também que o Hawaí é o único Estado americano em que a população branca não é maioritária.

A tradicional estrutura camponesa foi profundamente afectada, e é fácil compreender que a questão das terras forma uma reivindicação, senão a reivindicação dos polinésios nas ilhas onde se implantou uma população exógena numerosa. Os recursos no tribunal acumulam-se para fazer com que governos e particulares voltem atrás nas expoliações outrora feitas, mas essas acções nem sempre chegam a bom termo. Alguns esforçam-se por transpor os seus fracassos para uma via mais radical, independentista ou separatista.

Ao lado destas ilhas em busca de uma identidade perdida, outros arquipélagos despovoam-se em proveito dos países economicamente mais ocidentalizados da região, onde se fez sentir necessidade de mão-de-obra desde 1960. As actividades mineiras de Nova Caledónia também atraíram muitos wallisianos e tanto que a população wallisiana da Nova Caledónia ultrapassa hoje a de Wallis-e-Futuna. O mesmo fenómeno afecta as ilhas politicamente associadas à Nova Zelândia, como as Cook, Niue ou Tokelau, como os dois arquipélagos independentes de Samoa e de Tonga, fazendo de Auckland a cidade da Oceânia onde reside o maior número de polinésios. Como estes trabalhadores representavam por vezes a força viva dos arquipélagos, as ilhas perderam por isso muito do seu dinamismo, na medida em que já só lá habitam crianças e velhos.

O modo tradicional de produção, de distribuição e de intercâmbio é automaticamente afectado por isso nas aldeias. Com efeito, estes imigrantes tornaram-se a principal fonte de recursos das ilhas devido ao envio sistemático de uma parte do salário ganho em Auckland. Isso, os quinze casais que sobreviveram estiveram na

lanços quanto aos armamentos e à necessidade de assegurar a supremacia de Israel.

municámos directamente os americanos aquilo que queríamos. A União Soviética, numa opinião independente, isto é, faz combinações com os seus amigos, mas tem as próprias convicções. Os Estados Unidos executam política determinada por Israel.

Ouvi muitas vezes alguns dizer o contrário, por exemplo, que Israel era a «testa-de-ponte» dos Estados Unidos na região.

Nesse caso o nosso verdadeiro inimigo seria já não Israel mas os Estados Unidos. Na verdade é a América que executa as decisões israelitas. Se os árabes dizem o contrário enganam-se. E uma realidade que eu conheço.

Os emissários americanos até nós, muitos nos últimos anos e trazem ideias e missões de paz. Um deles emitiu a menor que fosse estranha às ideias israelitas. Um dia disse-me deles: Você é um mero agente israelita que nos transmite as ideias de Israel. Os deles não têm respos-

Disse isso a Kissinger?

Disse-lhe muitas vezes coisas piores. De qualquer modo Kissinger é diferente da maioria dos políticos americanos que tenho encontrado. É um dos americanos que apoiam Israel. Mas tem uma visão global do futuro. Parece-me que ele entrevia o interesse de Israel muito mais do que os próprios israeli-

ta teria compreendido, mais do que, como vim a sabê-lo, que ele não teria sido preferível para ele seguir outro caminho. A sua perspectiva era a de caminhar de frente. Não estávamos de acordo com ele. Achávamos necessária uma conferência de paz e pensávamos que um projeto de paz global podia ser visto que as soluções parciais não podiam levar a uma paz global.

— Acredita na verdade que um pequeno Estado como Israel possa ditar a sua política a um grande Estado como os Estados Unidos, quando ele depende tanto do seu auxílio? — Como explica isto?

— Não considero útil dizer o na minha resposta a esta pergunta. Digamos simplesmente, para simplificar, que não tem a ver, em grande parte, com as eleições americanas mas com o facto de os judeus ocorrerem nos Estados Unidos em pontos nevralgicos nas finanças e na informação, talvez mesmo nas forças armadas. Eles formam uma massa organizada no interior e a sua influência é grande, embora pequena, naturalmente, judeus não são sionistas.

PAUL e FRANCINE DE DECKKER

M U D A N Ç A S



Os meios referiram por várias vezes, sob um ângulo muitas vezes esquemático ou superficial, o início em França de uma prática com origem nos Estados Unidos e apressadamente baptizada com a designação de «ventres de empréstimo». Vinca-se o papel do dinheiro em muitos textos sobre o fenómeno e assim, em vez de se situar o problema não se faz mais do que obscurecê-lo e afastar as verdadeiras apostas deste debate. Embora não o consideremos sem importância, o papel do dinheiro deve, no entanto, ser examinado num segundo tempo, a fim de melhor se observar um problema mais fundamental e grave: a troca/abandono de uma criança.

Não há ferimento vital mais profundo para todo o ser humano do que não poder perpetuar, e ao mesmo tempo ultrapassar a sua própria história. Ter um filho é, antes de mais, preservar o sentimento de um futuro e de uma eternidade, é autorizar uma esperança que torna os nossos limites suportáveis, à falta de os abolir. E é preciso tentar examinar a extensão

do sofrimento ligada à ausência de uma criança quando ela é desejada, antes de pronunciarmos: a adopção, a fecundação *in vitro*, a inseminação artificial ou ainda estes «ventres de empréstimo» são outras tantas tentativas para dar remédio a essa incapacidade trágica e atenuar o sofrimento daí resultante.

Tentativas certamente diferentes e que não podemos confundir, no seu aspecto técnico ou ético, social ou marginal, com o corpo social. Mas que, não podemos ignorá-lo, vêm todas de uma mesma coisa, uma necessidade.

Logo nas primeiras páginas da Gênesis, a Bíblia conta-nos a história de Abraão. Sua esposa Sara, estéril, ordena-lhe que conceba de outra mulher, a escrava egípcia Agar: «*Talvez através dela eu tenha um filho*». «Essa estratégia, destinada a estabelecer uma filiação a todo o custo será retomada duas gerações depois. E Raquel, também estéril, diz a Jacob: «*Faz com que eu seja mãe, senão morro. Eis a minha serva Bilha, procura-a; ela terá um filho nos*

meus braços e, através dela, também eu serei mãe» (Gênesis, 30). Compreende-se facilmente que os Estados Unidos, país protestante habituado portanto à leitura da Bíblia, não tenha tido reacções escandalizadas perante as nossas modernas Bilha. Esta resposta trazida à esterilidade feminina, e a que as próprias interessadas chamam «mães de substituição», é parte integrante da nossa cultura fundamental.

Útero emprestado, ventre alugado, será disto que se trata. Evidentemente que não. A mulher que aceita trazer uma criança no seu ventre, por outra, não dispõe somente do seu útero mas de um conjunto muito mais importante sem dúvida: o seu ovócito, os seus genes, todo um *parvo* mónio genético que é realmente a sua estrita herança, pessoal e única. Um ventre emprestado é, para mais, uma mulher que se separa para sempre de uma criança que trouxe no seu seio, com quem trocou informações, teceu e desenvolveu eles, que viveu em si e respondeu às suas solicitações.



O debate sobre o empréstimo de úteros

Estar "grávida" do filho de outra mulher

O verdadeiro problema está ali em toda a sua complexidade: não se pode falar de empréstimo. O contacto feito pela portadora não diz respeito ao aluguer, por nove meses, de uma espécie de quarto de hotel, mobilado, para a incubação, mas a outra coisa bem diferente. A criança que vai nascer não é para ela um simples hóspede, um *paving* *quest* recém-nascido: ele também é o seu filho. O elo entre essa mãe portadora e a criança

que vai chegar é, antes de mais, um elo biológico e de identidade. A troca deste tipo recentemente realizada entre duas irmãs, gémeas verdadeiras, não nos chocou na realidade: o ovócito de uma tinha exactamente as mesmas potencialidades do ovócito da outra. Aqui, a noção de empréstimo era quase exacta. Em todos os outros casos estas potencialidades idênticas não existem: já se trata de um empréstimo. Se só se tratasse de uma

condenação da maternidade retribuída, então os subsídios atribuídos pelos Estados às mulheres durante a gravidez já teriam sido objecto de escândalo. E não é isto uma prática social perfeitamente admitida, que também recentemente, instaurou, à volta do corpo de mulher que choca as consciências, mas sim mais um passo que faz com que nos sintamos agredidos por essa imagem da maternidade tornada mercadoria. Podemos espantar-nos

com o facto de, entre as tomadas de posição relativas aos «ventres de empréstimo», raras foram as preocupações expressas, por exemplo, quanto aos traumatismos psíquicos prováveis nessas crianças concebidas para logo serem abandonadas.

É altamente significativo que a existência de um pagamento destinado às mães portadoras seja o aspecto que hoje suscita as mais numerosas reticências. A nossa sociedade há muito e

significa explicitamente que a gravidez é um trabalho? Por mais difícil que seja de início, não podemos ignorar essa outra contradição que é a definição de uma gravidez como um trabalho. Afirmá-lo, sob diferentes formas, para as gravidezes habituais, não permite negá-lo para as que são realizadas pelas mulheres portadoras, ao aceitar ser pagas para o fazer.

Portanto algo de diferente está em causa nas reac-

ções que conhecemos, e devemos sublinhar que elas visam particularmente as «mães de empréstimo» com uma espécie de indulgência implícita para os casais interessados na criança. O que se censura às «mães por empréstimo» é talvez, sobre tudo, o virem modificar brutalmente a imagem materna mais sagrada em que a nossa herança cultural se baseia.

A incapacidade de uma sociedade fazer face aos problemas que se põem no seu seio, encontrando soluções que conciliem a ética e a necessidade, só pode dar lugar ao aparecimento de práticas marginais e ocasionais. Em França, os casais estereis não podem praticamente esperar adoptar uma criança depois de ela ter sido dada — já não se diz abandonada. Já não há abandonos. Assim, alguns casais descobriram e utilizaram redes mais ou menos clandestinas a fim de ter filhos pagando a intermediários que se encarregam de pôr em ordem os processos de abandono, depois de adopção, no país de origem da criança.

Há aqui uma troca real, a de uma criança por determinada soma de dinheiro. Se não é uma compra, parece-se muito com isso. O facto começa a ser bastante conhecido e, no entanto, nunca provocou tomadas de posição severas e imediatas que seguissem a declaração de intenção das «mães de substituição». Esta espécie de «dois pesos duas medidas» quanto à gravidade do acto que consiste em comprar uma criança, ilustra, se tal fosse necessário, o que acima afirmamos: a questão do dinheiro não é o cerne do problema. Senão, não se compreenderia a razão porque alguns dos nossos parlamentares denunciariam aqui o que pode ser tolerado mais além.

Uma criança comprada na América Latina ou noutro lugar não põe menos problemas éticos ao nosso país do que uma criança encomendada a uma «mãe de empréstimo» provençal ou normanda. Diz-se mesmo que o antigo costume de roubos de crianças estaria a recomençar nos Estados Unidos a fim de fornecer redes de compra de belas crianças para serem adoptadas.

É, no entanto, de notar que, segundo a ética, pode ser chocante que uma mulher abandone a outra mulher a criança que trouxe no ventre durante todo o tempo da gravidez. Mas, em vez de rejeitar *a priori* uma tal atitude, seria conveniente compreender, mesmo que só parcialmente, a sua natureza. Estas «mães de empréstimo» são antes de mais, aos meus olhos, mulheres

que se autorizam a engravidar sem por isso aceitar ser mães.

Há um paralelo a estabelecer com o sentimento que anima uma parte das mulheres que abortam. Lembremos que elas são, todos os anos, trezentas mil em França, e setecentas no meu serviço.

Em França, a dívida de sangue, de órgãos, de esperma, é estritamente gratuita. É uma posição fundamental tomada por altura do desenvolvimento dos bancos de sangue, depois, mais recentemente, dos bancos de esperma. Mas não se trata de uma concepção universal: principalmente nos Estados Unidos o sangue é comprado. Uma tal prática tem, entre outros defeitos importantes, o de utilizar as desigualdades sociais, e leva a comprar o sangue a indivíduos de grupos sociais pobres, que se vêem seduzidos a vendê-lo.

E assim que um imenso tráfico de sangue liga os Estados Unidos a todos os países pobres da América Central. Se em França o princípio da gratuitidade nos protege de tais realidades, nem por isso deixa de haver problemas, em especial no que diz respeito às dívidas de esperma, visto os dadores serem em número insuficiente.

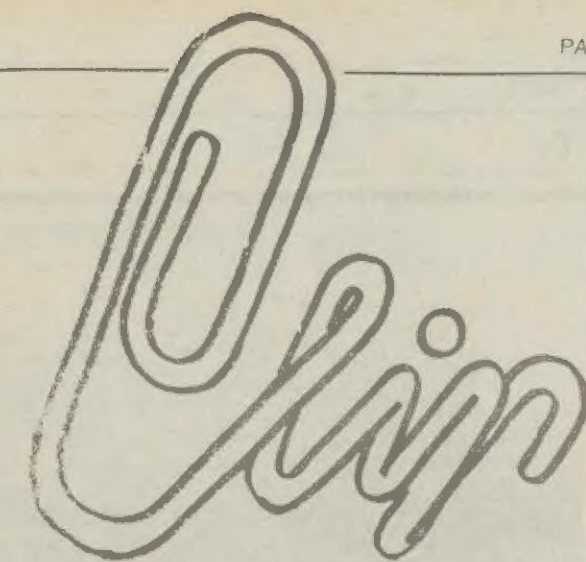
É de crer que há aqui uma dificuldade moral importante, que chega a constituir um real obstáculo à dívida. Não parece contestável que essa situação de penúria favoreça o desenvolvimento de um mercado clandestino de dívida de esperma a título oneroso. E uma ética real não devia calar o fenómeno deixando que um tal mercado se desenvolvesse, mas abordar de frente o problema apresentando as realidades entre o dinheiro e o acto de dar essa coisa fundamental, o próprio genoma, as suas capacidades de se reproduzir.

A existência de «ventres de empréstimo» cria uma situação bastante próxima da que já conhecemos, e a dívida do ovócito da mãe portadora é equivalente à dívida do esperma. Devemos reflectir antes de o proibir. Os «ventres de empréstimo» devem ser objecto de um debate e não de uma simples condenação *a priori*.

Por meu lado recusaria a proibir essa prática no estado actual de desconhecimento do problema. Desejo que se lembrem que a contracepção moderna foi primeiro proibida, depois autorizada em França. E que a prática do aborto conheceu as mesmas duas etapas.

EMILE PAPIERNIK-
BERKHUUR

(chefe do serviço de ginecologia-obstétrica do Hospital Antoine Beclère em Clamart)



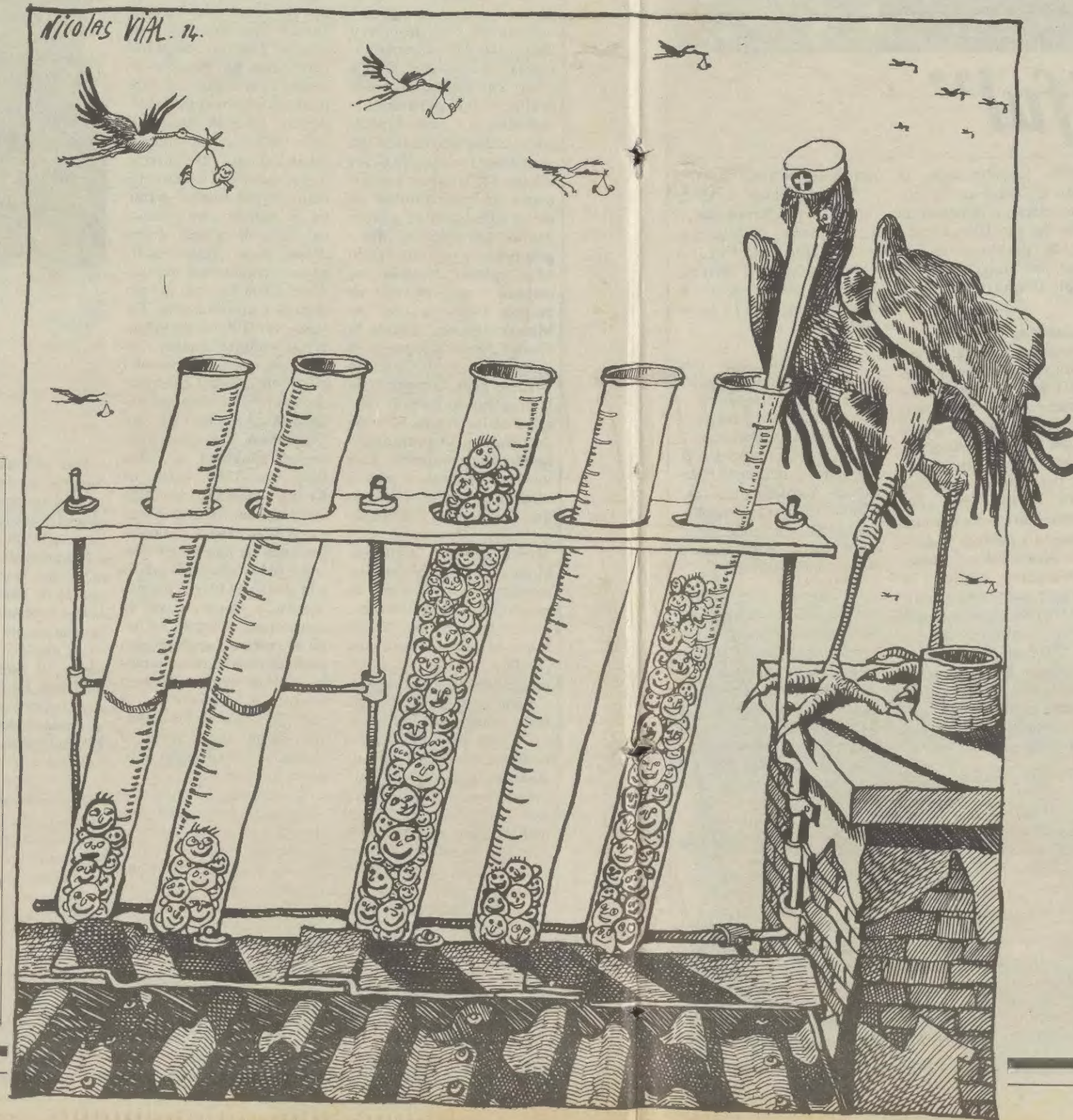
● Jazz ao fim da tarde: eis a proposta da Gulbenkian para as quartas-feiras de Agosto. Depois do Quinteto de Maria João, é a vez do Quinteto X que, depois de amanhã, estará no Anfiteatro ao ar livre da fundação. José Peixoto, Paulo Curado, Fernando Júdice, José Salgueiro e Rui Júnior são os elementos do grupo. As 18 e 30. Jazz, mas desta vez «histórico», é também o que esta noite, a partir das 23 e 30, pode ouvir no programa radiofónico da autoria de José Duarte, «5 Minutos de Jazz». O tempo de emissão vai ser preenchido, até ao próximo dia 10, com a gravação do encontro entre Bessie Smith e Louis Armstrong, no dia 14 de Janeiro de 1925. Na quarta-feira, no Museu Municipal da Figueira da Foz, uma nova oportunidade de ouvir o pianista Sequeira Costa que irá interpretar obras de Schumann, Debussy, Ravel e Rachmaninov.

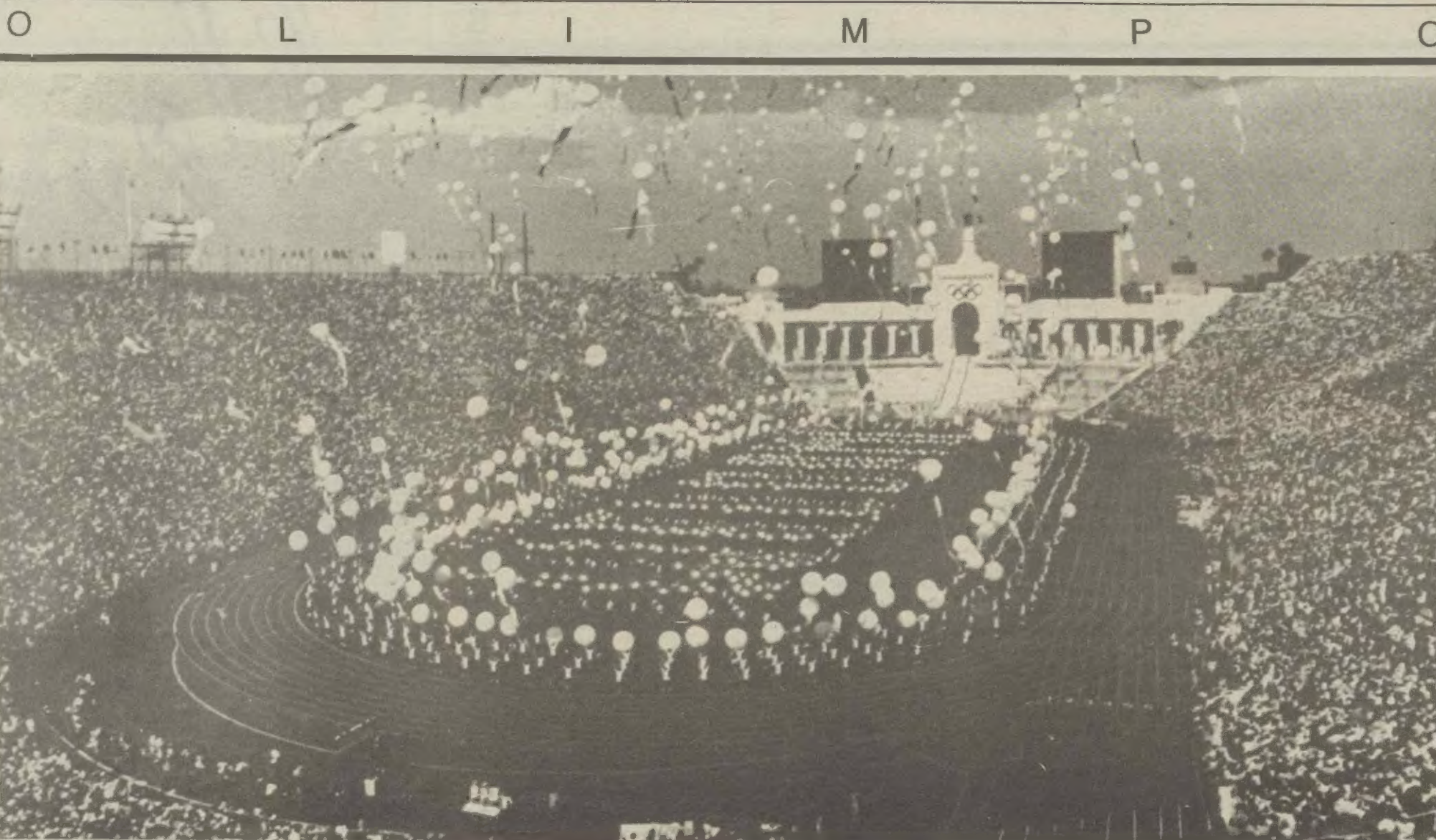
● Mas Agosto é também tempo de cinema e de cinema ao ar livre. Nos claustros do Convento de Jesus, em Setúbal, pode ver hoje e amanhã, às 21 horas, a primeira e segunda parte de 1900 de Bertolucci. Na quarta-feira, à mesma hora e no mesmo local, é a vez de François Truffaut com «História de Adele H.». Na quinta-feira, e do mesmo realizador, é exibido o filme «Menino Selvagem». Na sexta-feira, Alain Resnais com «O Meu Tio da América». Em Faro, nos claustros do Museu Infante D. Henrique, é exibido, esta noite, «O Fantasma do Paraíso» de Brian de Palma e na sexta-feira, às 22 horas, «A Última Valsa» de Martin Scorsese. De regresso ao cinema «convencional», ou melhor, dentro de portas, a atenção vai para o City-Cine. Na terça-feira, às 23 e 45, é aí exibido «Roma» de Fellini e na sexta-feira, à mesma hora, «Solaris» de Tarkovski, o realizador de «Stalker», e que na altura em que foi lançado apareceu como a réplica soviética ao americano «2001: Odisseia no Espaço».

● Depois da Companhia Nacional de Bailado, que dançou no Cabo Espichel, é a vez do Ballet Gulbenkian figurar no programa do Festival dos Capuchos. A companhia estará na quarta e quinta-feira, às 21, 30, no Cine-Teatro Academia, em Almada.

● No que diz respeito ao teatro, lembramos-lhe que «A Troca» de Paul Claudel, levada à cena pelo Teatro do Mundo, despede-se amanhã, às 21 e 30. No Teatro do Bairro Alto, a Cornucópia oferece-lhe «Simpatia», uma comédia de Eduardo de Filippo e que pode ser vista de terça a sexta às 21 e 30, aos sábados às 16 e às 21, 30 e aos domingos às 16 horas.

● Três exposições representam outros tantos pretextos para fugir ao sol. São elas: «Cerâmica Antiga das Caidas e Rafael Bordalo Pinheiro», uma mostra de mais de 500 peças que pode ser vista no Pavilhão dos Congressos do Estoril. «O Brinquedo Português do Pós-Guerra ao Plástico», no Museu do Traje e fotografias portuguesas (200) na Cooperativa Arvore, do Porto.





“America is beautiful”

Lindo como a América do sonho hollywoodiano, lindo como as flower girls que distribuíam sorrisos e flores. Lindo como um fabuloso sonho americano em pasta de cartão. À hora, que não é a nossa, em que o Sol fugia do Coliseum de Los Angeles para mergulhar no Pacífico, o bom presidente Reagan, no seu blockhaus de vidro à prova de balas, tinha aquele sorriso estático dos santinhos em redoma que se vendem em Lourdes.

E tinha razão para sorrir. Deuses, que negócio! Peplum em Los Angeles, sobre o tema «América is beautiful»: uma cerimônia de abertura dos jogos revista e corrigida por Cecil B. De Mille, um show prodigioso sobre o qual vale a pena perguntar se foi feito para glória do olimpismo ou para glória de uma nação.

Foi uma cerimônia desmedida para um país sem limites, uma superprodução visando o esplendor de Hollywood sobre a relva. Moscovo já tinha feito muito, demais. Los Angeles fez melhor... ou pior. Responderam ao desafio, ao desafio do espetáculo antes de qualquer outro. «Enjoy yourself», como aqui se diz a propósito de tudo e de nada. «Enjoy»: e de facto, serviram o prazer, às toneladas.

Sob o feroz Sol californiano, o prazer foi organizado para que a América «visse as estrelas» nas suas míticas terras do Oeste. Foi a fabulosa dança, diante dos espelhos televisivos, de uma nação no seu transe amoroso, de uma nação

que do que mais gosta é de aparecer assim: jovem, bela, atlética. Stars e strips ao Sol. É a América dos ganhadores, a América illimited, em tamanho natural e difundida mundialmente, uma América que, assim, diz ao mundo: «Eis o que somos, eis aquilo de que gostamos, é pegar ou largar. E se você não gosta...»

Gostar ou não gostar: estranha alternativa, estranha questão: Los Angeles não é uma dessas cidades de que se possa facilmente gostar ou não gostar. É uma cidade-monstro sem cauda, nem cabeça, nem princípio ou fim, labirinto insensato de free-ways, de highways, uma auto-estrada para ir comprar pão e outra para ir tomar banho, megalópole, casa com rodas para todos e cada um. Los Angeles é a cidade-automóvel por excelência. Nunca aqui se está a menos de uma hora do destino mais próximo. Por isso a desmesura é a medida preferida.

Gostar ou não gostar? Questão inútil. Como esta cidade não tem fim — pelo menos de nós conhecido —

julgamos que os Jogos Olímpicos, empresa razoavelmente desmedida, se diluíram nela, dispersos aos quatro ventos, mosntrozinho político-desportivo devorado por um grande monstro urbano. Erro grave: a desmedida engendra a desmedida. Os EUA que-

gentil, mesmo com grandes palmadas nas costas e grandes sorrisos cinematográficos, o nacionalismo está bem presente no punho lançado ao céu necessariamente estrelado, juntamente com o grito «Go USA». O nacionalismo esteve bem presente nessa cerimônia de abertura, rapsódia fantástica de uma América que olhava para si própria a subir os degraus da sua História, do seu folclore, uma América idealizada, açucarada e salgada, bela como uma rainha de music-hall.

PIERRE GEORGES

riam de facto os seus Jogos, acessoriamente universais, se possível. Não o serão, pela razão que se sabe. O Leste político recusou vir. «Tanto pior, ou quem sabe, tanto melhor», diz-se em Los Angeles. Os Jogos serão totalmente americanos à falta de serem totalmente Olímpicos. Serão uma profissão de fé, em vez de uma profissão de paz.

Sobre isso não haja dúvidas. Esta cerimônia de abertura anunciou perfeitamente a cor, as cores dominantes. Sumptuosa interperlação: se é uma nação que organiza, é uma potência que convida. E ela não conta deixar às outras senão as migalhas do festim, os prémios de consolação.

Mesmo afável, mesmo

Rogers, encabeçando o desfile da América da felicidade ideal, a América da Rapsódia em Blue tocada por 88 pianistas saídos, como por magia, de um templo desportivo neogrego...

«América is beaué preciso, uma vez na vida, ter visto um estádio dançar Cheek to Cheek, swingar In the Moone cantar Sing Sing Sing para perceber o que se passou em Los Angeles. Foi uma grande fatia de sonho, para gáudio dos olhos e dos ouvidos. No céu, enormes dirigíveis traziam no flanco a palavra Welcome. Avioezinhos escreviam a fumo, também lá em cima, a mesma saudação. Na relva, um bom milhar de majorettes dançavam Welcome. E até os espectadores se dispuseram a «escrever» a palavra, participando com os seus cartões coloridos nos efeitos de multidão.

Bem-vindos ao país ideal. Não era a América dos anos 30, dos Jogos de 32, Jogos de crise, Jogos de um país arruinado. E também não foram os da América dos anos 80. Essa estava sobretudo atrás do estádio, com os seus milhares de agentes de segurança, os seus milhares de «chicanos» tentando aproveitar as migalhas à porta do festim. Foi a América retro, a festa dos Cadillacs cor-de-rosa

por Beverley Hills abaixo. Foi também a América de Reagan, o presidente, o Californiano, o Americano, o Actor, uma Vida em Caleidoscópio... Tem o seu fascínio, apesar de tudo, esta descida ao mel e às pétalas rosa.

Mas não há bem que sempre dure. E também foi preciso tratar daquilo porque se estava ali: a abertura dos Jogos propriamente dita, a começar pelo desfile das cento e quarenta delegações participantes. Aí faltava o espetáculo hollywoodiano, e a coisa, geralmente comovente, passou depressa a fastidiosa.

Quando já não faltava senão a chama e o juramento, a filha de Jesse Owens, soberba mulher, de sorriso esufiante, entrou no estádio para uma derradeira volta e transmitiu o facho a Raffer Johnson, especialista do decatlo que venceu a prova em Roma e em civil foi guarda-costas de Ted Kennedy, tendo até agarrado o assassino deste. Veja-se nisto a suprema simbologia. Enfim chegou o momento de jurar e foi a vez de Edwin Moses, o campeão das barreiras e grande rival, em matéria de celebridade, de Carl Lewis. Depois desceu a noite, doce, californiana, e todos os atletas se puseram a cantar e a dançar, atacados de exemplaridade.

Fun

DORMEM junto às coisas em colchões da Lévi-Strauss, comem produtos lácteos da Safeway. Foi a United Airlines que os levou em Denver e, sem dúvida, a General Motors que conduziu a Colorado Springs, o centro de treinamento olímpico dos atletas americanos. Os 582 homens e mulheres, desportistas amadores, que terminaram sua preparação para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, também estiveram à custa do «público».

O público? Nos Estados Unidos não há Ministério dos Desportos, não há financiamento federal para os Jogos Olímpicos. O «público» nos Estados Unidos é precisamente aquilo a que chamamos na Europa privado: os indivíduos e as empresas.

O comitê nacional olímpico americano não foi muito tempo mais do que um amável clube de cavalheiros distintos, respondentes locais ao olimpismo internacional. O seu orçamento anual 1965-1969 só se elevou a 5,3 milhões de dólares. Em fins de Dezembro de 1984, terá atingido os 10 milhões de dólares por período de 1981-84. Nos dois houve os Jogos de Montreal, onde, na clausura oficial das nações, os Estados Unidos ficaram em terceiro lugar. Era preciso reagir e contar que o resto do mundo tinha feito mais esforço de organização e preparação para os jogos, do que os Estados Unidos.

Uma comissão esportiva lançada pelo presidente Ford sugeriu que o comitê olímpico se tornasse um comitê organizador dos desportos amadores. O Congresso aprovou a medida em 1978. A partir daí o comitê



O L I M P O

Fundos privados para atletas

DORMEM junto às Rochosas em colchões Simmons, têm equipamentos da Lévi-Strauss, consomem produtos lácteos da cadeia Safeway. Foi a United Airlines que os depôs em Denver e, sem dúvida, a General Motors que os conduziu a Colorado Springs, o centro de treino olímpico dos atletas americanos. Os 582 homens e mulheres, desportistas amadores, que terminam a sua preparação para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, também estiveram à custa do «público».

O público? Nos Estados Unidos não há Ministério dos Desportos, não há orçamento federal para os Jogos Olímpicos. O «público» nos Estados Unidos é precisamente aquilo a que chamamos na Europa o privado: os indivíduos e as empresas.

O comité nacional olímpico americano não foi durante muito tempo mais do que um amável clube para cavalheiros distintos, correspondentes locais do olimpismo internacional. O seu orçamento quadrienal 1965-1969 só se elevava a 5,3 milhões de dólares. Em fins de Dezembro de 1984, terá atingido os 88,7 milhões de dólares para o período de 1981-84. Entre os dois houve os Jogos de Montreal, onde, na classificação oficiosa das medalhas, os Estados Unidos ficaram em terceiro lugar. Era preciso reagir e constatar que o resto do mundo tinha feito mais esforços de organização e preparação para os jogos, do que os Estados Unidos.

Uma comissão especial, lançada pelo presidente Ford sugerira que o comité olímpico se tornasse o comité organizador central dos desportos amadores, e o Congresso aprovava em 1978. A partir daí o comité

olímpico foi encarregado da preparação das equipas olímpicas.

A pouco e pouco as janelas muradas da sede social do comité, situado em Colorado Springs desde 1977, foram reabertas. É que na origem, tratava-se de um edifício militar, o centro de detecção dos ataques para a América do Norte, que foi meter-se sob toneladas de rocha, na montanha vizinha. O terreno de 15 hectares, hoje coberto de pistas, de ginásios e de locais capazes de acolher 12 000 pessoas por ano, era uma base aérea que se viu na necessidade de ir voar para outros lugares, devido à urbanização galopante nas proximidades. O terreno que pertencia ao Exército do ar, à cidade e a alguns particulares foi alugado por contrato ao comité: um dólar por ano durante vinte e cinco anos.

Para assegurar o seu financiamento, o comité dispõe do seu «logo», de dádivas diversas e de presentes das empresas. Um conselheiro jurídico ajudado por uma rede de 50 advogados gratuitos, passa 60 % do seu tempo a perseguir por carta (50 por semana) os utentes, aqui uma escola, ali uma firma, que não entregaram o dízimo para a utilização do «logo». Os processos são raros mas o último no tempo não é triste: ele foi ganho contra a comunidade gay de São Francisco que tinha desviado, para uso próprio, o «logo» do comité nacional olímpico. O caso foi até ao Supremo Tribunal do Estado da Califórnia. Resultados: os gays deverão pagar 25 000 dólares, mais as despesas do processo. O Estado federal também entrega o dízimo, visto que o «logo» olímpico figura na medalha comemorativa gravada por ocasião dos Jo-

gos Olímpicos de Los Angeles. Relatório para o comité: 17 milhões de dólares para dezoito meses, 33 milhões esperados no total.

Um bureau especial ocupa-se do fund raising: envio de cartas, telefonemas, junto dos particulares manifestações de toda a espécie, como o jantar dado por ocasião da morte de Joe Louis (250 000 dólares de lucro). No total 30% do orçamento do Comité Olímpico.

Trinta e três sponsors

Vêm por fim os sponsors, trinta e três empresas que são oficialmente o sustentáculo dos Jogos, como Miller Beer, que entrega 1 milhão de dólares por ano durante quatro anos, ao mesmo tempo que financia o centro de imprensa do Centro de treino olímpico de Colorado Springs, tal como a Coca-Cola, a GM, a United Airlines, a Safeway, que para além dos produtos lácteos, entrega de 100 000 e 200 000 dólares, ou ainda a Gillette, a Svik, a Xerox, a J. Penney, a Fuji Film, a Kodak, a Kellogg's, etc.

Os presentes dos padrinhos olímpicos que representam perto de 70% do orçamento, que inclui o financiamento dos equipamentos desportivos, inexistentes na origem.

Em Colorado Springs, a direcção das operações desportivas do Comité Olímpico também gasta 70% desse orçamento. Ela está encarregada de realizar os treinos dos atletas designados pelas federações. Estas são responsáveis pela definição dos programas e recebem na verdade, directa ou indirectamente, 60% dos recursos do Comité Olímpico. Quinze das trinta e oito que representam o conjunto dos

desportos panamericanos têm a sua sede em Colorado Springs. Alguns destes desportos não são, de resto, «olímpicos», como o roller-skating, o tennis ou o base-ball, que se exibirão em Los Angeles.

Em seis disciplinas: boxe, tiro, halterofilismo, judo, marcha, ciclismo, os atletas vivem no centro e aí se mantêm enquanto progredem ou estão a igual nível. Noutros desportos, as federações enviam os seus atletas para estágios de, em média, dez a quinze dias. Os amadores estão integralmente ao cuidado do orçamento de funcionamento.

Eles também dispõem de um laboratório de medicina desportiva, disciplina recente nos Estados Unidos, na qual só trabalhavam até então, diz-se em Colorado Springs, algumas equipas isoladas em certas universidades. O orçamento passou de 700 000 dólares em 1977 para 2 milhões de dólares.

Para os responsáveis do centro, a organização permitiu dar aos desportistas amadores o apoio que lhes faltava fora do circuito escolar ou universitário.

Em certos casos terá mesmo contribuído para criar equipas e levá-las ao mais alto nível, em ciclismo, hand-ball, volley-ball e hockey em campo.

Para a Olimpíada que termina em 1984, o movimento desportivo amador vai de vento em popa. Los Angeles vende-se muito bem: o público americano sente-se motivado e as empresas sabem-no. Na Olimpíada que se seguirá, o orçamento do Comité Olímpico deverá atingir os 100 milhões de dólares. Desta vez a empresa é mais arriscada. Os padrinhos talvez sejam menos generosos: Seul fica longe.

SÓ ENTRE NÓS

O FUTURO CINEMA SOVIÉTICO

O director dos estúdios Mosfilm, a principal unidade de criação cinematográfica da URSS, fez-se eco, no «Pravda» de 27 de Julho último, das severas críticas da direcção do PCUS ao trabalho dos estúdios que dirige. Para rectificar o trabalho da Mosfilm, explica Nikolai Sinov, o Comité Central formulou recomendações muito precisas, sobretudo no tocante a argumentos.

Os próximos filmes da Mosfilm deverão valorizar um certo número de heróis positivos: um jovem director de fábrica inspirado pela revolução tecnológica; um cientista de grande imaginação que se esforça para pôr em prática as suas ideias; um kolkhosiano consciente dos problemas actuais e que se consagra a introduzir novas técnicas de trabalho; um diplomata que consegue fazer triunfar o ponto de vista soviético em negociações internacionais sobre o desarmamento. Por outro lado, os temas clássicos como a vitória do povo soviético contra o fascismo (a guerra de 41-45) e a Revolução de 1917 não serão esquecidos.

Outro temas que serão igualmente contemplados: as boas relações entre a URSS e a Índia, e a longa amizade entre os povos soviéticos e o polaco.

LOS ANGELES E MOSCOVO

Ausente dos Jogos Olímpicos, a URSS mantém, em relação aos jogos, uma atitude de grande distanciamento. A televisão soviética não transmitiu a cerimónia inaugural e tudo indica que não transmitirá quaisquer imagens provenientes de Los Angeles. Em contrapartida, os telespectadores soviéticos puderam ver, sobre as Olimpíadas, uma reportagem em que Reagan aparece representado como um «cow-boy» que dispara com arco e flechas contra a pomba da paz. O presidente americano também aparece como ginasta treinando sobre um «cavalo» instalado no dorso de um míssil. Os anéis olímpicos são representados como cordas de força. Nessa reportagem já não são feitas críticas à falta de segurança dos atletas estrangeiros, mas sim às medidas de segurança tomadas pelos americanos. O gesto de um automobilista que faz avançar o seu carro contra uma multidão de peões é apresentado como um atentado. A TASS, por seu turno, fala da cerimónia de inauguração como tendo sido um espectáculo «digno da pior tradição hollywoodesca: muitas bandeiras americanas, mas nenhum lugar para o ideal olímpico».

546 diplomatas acusados de crimes

Agressões à mão armada, chantagens, violações, incestos, atentados ao pudor... Ao longo dos últimos 10 anos, 546 crimes ou delitos especialmente graves — valendo penas de prisão, de no mínimo, seis meses — foram cometidos por membros do Corpo Diplomático acreditado na Grã-Bretanha. Mais de um caso por semana.

Eis o que acaba de ser revelado por um relatório que o Foreign Office publicou, e que vai sem dúvida acentuar o ressentimento dos ingleses, que não puderam aceitar a partida impune dos 30 diplomatas ocupantes da Embaixada libiana, entre os quais se encontravam os autores dos disparos que, a 17 de Abril, custaram a vida a uma mulher polícia londrina... isto para já não falar do recente incidente com a Nigéria, após uma tentativa de rapto de um personagem da oposição através da mala diplomática.

Juntando a sua voz à de outros membros da Câmara dos Comuns, que estão em campanha por uma revisão das regras da imunidade do pessoal diplomático e uma maior vigilância das malas diplomáticas, o deputado conservador Bowen Wells acaba de pedir, baseando-se no citado relatório, que o Governo e a Polícia se mostrem «muito mais severos». Ele pretende que o aumento de severidade é possível, mesmo no respeito das regras da Convenção de Viena. Um facto apontado por Bowen a este respeito diz respeito às vítimas de actos criminosos de diplomatas: uma vez que, nestes casos, não se instrui qualquer processo, estas não podem nunca receber indemnizações por perdas, danos, ou outros motivos, mesmo quando o diplomata em questão é afastado do país.

Será que a campanha vai «pegar» entre nós, onde há embaixadas que abusam do direito de posse de armas de fogo, fazem policiamento armado de tráfego de passageiros em aeroportos quando a sua companhia nacional opera, e têm causado litígios graves com senhorios portugueses, por danos em edifícios alugados?

Boletins de voto

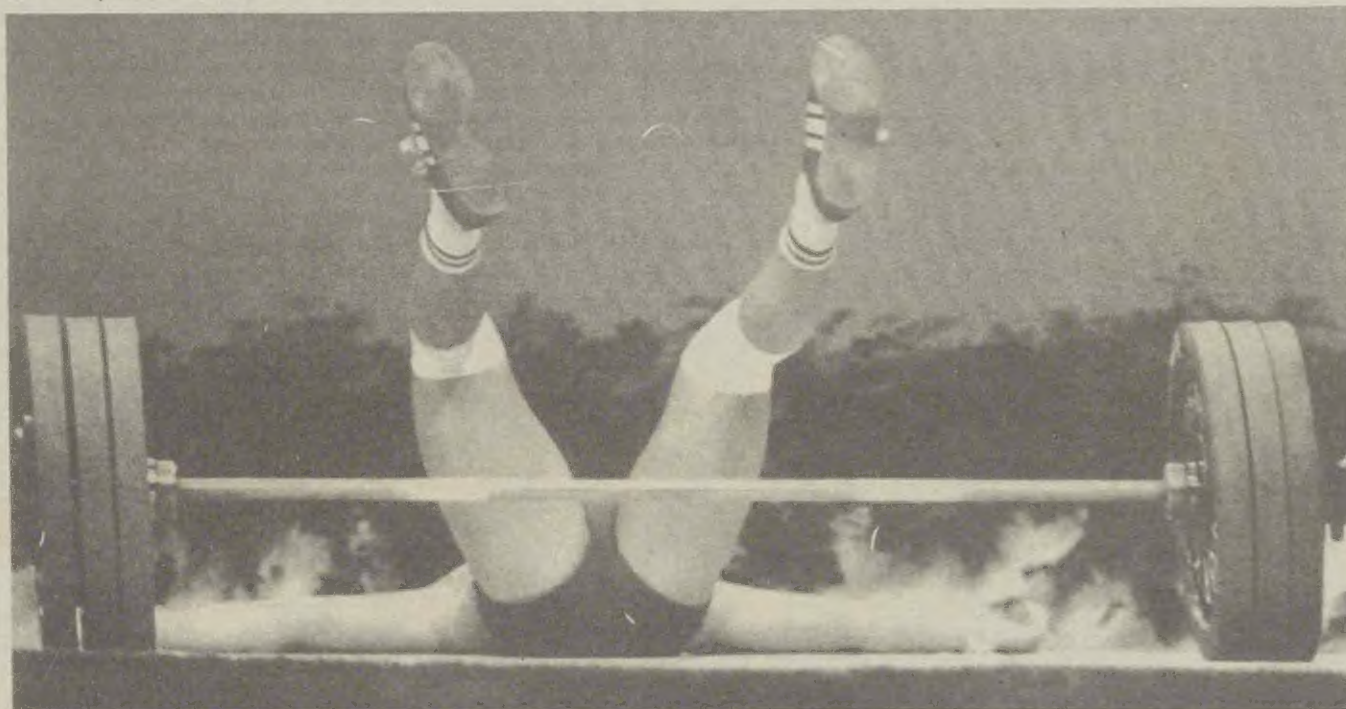
Uma interessante curiosidade marcou as eleições para a presidência do Zaire, que tiveram lugar no final do mês passado e levaram à recondução do único candidato que se submetia à escolha do eleitorado — o marechal Mobutu Sese Seko. Cada eleitor devia escolher entre um boletim vermelho (Não a Mobutu) e um boletim verde (Sim a Mobutu). Em muitos locais não havia boletins vermelhos: «Não são precisos, porque toda a gente vota Sim», explicava-se numa mesa de voto. «O vermelho, indicavam fontes oficiais, é a cor do sangue e da desordem; o verde, da natureza, da vida e da força». Dois terços da população do Zaire é analfabeta. Não é conhecida a percentagem de daltónicos. Parece que 85 por cento do eleitorado votou por Mobutu. Os resultados oficiais serão conhecidos amanhã.

por Beverley Hills abaixo.

Foi também a América de Reagan, o presidente, o Californiano, o Americano, o Actor, uma Vida em Caleidoscópio... Tem o seu fascínio, apesar de tudo, esta descida ao mel e às pétalas rosa.

Mas não há bem que sempre dure. E também foi preciso tratar daquilo por que se estava ali: a abertura dos Jogos propriamente dita, a começar pelo desfile das cento e quarenta delegações participantes. Aí faltava o espectáculo hollywoodiano, e a coisa, geralmente comovente, passou depressa a fastidiosa.

Quando já não faltava senão a chama e o juramento, a filha de Jesse Owens, soberba mulher, de sorriso esfusante, entrou no estádio para uma derradeira volta e transmitiu o facho a Raffer Johnson, especialista do decatlo que venceu a prova em Roma e em civil foi guarda-costa de Ted Kennedy, tendo até agarrado o assassino deste. Veja-se nisto a suprema simbologia. Enfim chegou o momento de jurar e foi a vez de Edwin Moses, o campeão das barreiras e grande rival, ematéria de celebridade, de Carl Lewis. Depois desceu a noite, doce, californiana, e todos os atletas se puseram a cantar e a dançar, atacados de exemplaridade.



doces crónicas

O PIRES FALOU-ME NA DANÇA DAS TRANSFERÊNCIAS DOS JOGADORES DE FUTEBOL!



QUE ISSO DOS JOGADORES DO F.C. PORTO E DO SPORTING TROCA-REM DE EQUI-PA!...



...NÃO TINHA NADA A VER COM ESSES MILHARES DE CONTOS QUE SE FALA POR AI!



"QUE NISTO DO FUTEBOL PROFISSIONAL NÃO ME VENHAM CA' COM HISTÓRIAS JA' NINGUÉM CORRE ATRÁS DE PRÉMIOS, "LUVAS" OU CONTRATOS DE DEZENAS DE MILHARES DE CONTOS!" - DIZIA O PIRES!

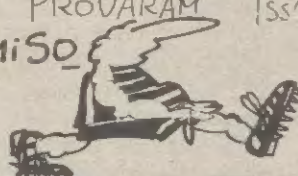


E CONTINUAVA "AGORA JOGA TUDO MAS É POR AMOR À CAMI-SOLA!"



"AMOR À CAMI-SOLA?" - INDAGAVA EU!

"CLARO!" - ESCLARECIA O PIRES - "POR AMOR À CAMI-SOLA, ENTÃO NÃO VÊS QUE ELES OS DO PORTO E DO SPORTING AO MUDAREM DE UM CLUBE PARA O OUTRO SÓ PROVARAM ISSO MESMO, QUE TÊM UM GRANDE AMOR ÀS CAMI-SOLAS!"



...ÀS RISCAS!"



O Eden perdido dos mares do Sul

Continuação da pag. 3

Numéa, Sydney ou Los Angeles. A economia de subsistência modifica-se assim a pouco e pouco, por razões ligadas ao prestígio. Os que ficam na aldeia gastam este auxílio em compras de produtos manufacturados ou latas de conserva como sardinhas ou corned beef. Imóveis à beira da lagoa salgada, pirogas e redes de pesca apodrecem...

A ruptura ainda é mais pronunciada nas ilhas da Sociedade onde a instalação do centro de experimentação atómica e o crescimento da infra-estrutura hoteleira modificaram a economia de subsistência para desde 1960

a monetarizar. As plantações de copra foram assim abandonadas em Taiti, onde as pessoas constroem e se ocupam do sector terciário. Exportada para as ilhas a recessão económica faz-se sentir, tanto mais que para que a terra volte a ser produtiva, será preciso um prolongado esforço de vários anos. Desemprego, pobreza, violência urbana são as consequências disto. Antes, eram fenómenos desconhecidos.

Em todo o caso a situação está longe de ser tão sombria em toda a Polinésia. Se considerarmos, por exemplo, o caso das Samoaas ocidentais, onde o ganho por habitante é dos mais baixos do mundo

segundo as estatísticas estabelecidas pela ONU, isso não impede que uma comparação deste arquipélago com um país saeliano de lucro semelhante, mas onde há fome, estaria fora de propósito. Se não é tão paradisíaca como a imagética popular ou literária a pretende a natureza dos meios insulares oferece em todo o caso uma certa abundância alimentar. Ainda é de notar que certas ilhas recebem a superpopulação até agora evitada pela emigração. Tokelau e Wallis, para só citar estas duas, não poderiam absorver o regresso dos que partiram. Demasiado pequeno, o seu eco-sistema não poderia sobreviver a esse

aumento de população.

A Polinésia não faltam trunfos para assegurar o seu futuro. Os fundos marinhos; aparentemente atapetados de nódulos polimetálicos e de zonas de pesca extremamente ricas permitir-lhe-iam desenvolver a sua economia, se a extensão das jurisdições nacionais a 200 milhas das costas fosse ratificada por acordos internacionais.

Seria então um regresso à idade do ouro? Sempre se pode sonhar. O meio presta-se a isso há vários séculos.

(1) L.A. de Bougainville, Voyage autour du monde par la fregate «la Boucleuse» et la flûte «l'Etoile», Paris, FM/la Découverte, 1980.

sete sete

MENSAGENS PESSOAIS

Máquina Fotográfica

Vendo máq. fotográfica Zenite, Mod. 19, abertura 1.7, semiautomática com tele-objectiva 135 mm e estojo. Estado novo, 22 000\$00. Telef. 60 75 76, entre 20 e 21 horas.

Máquina de tricotar

Vendo máquina de tricotar «Passap» em bom estado. Resposta ao tel. 252 08 25 (depois das 20 horas).

Coleccionadores

Vendo: imagem Santo António, século XVIII, jogo gamão marfim, livros de viagens com gravuras do início do século XIX. Contactar: C. Silva Santos, telef. 64 38 44, todos os dias após as 20 h.

Seara Nova

Compro n.º 1431, Janeiro de 1965, da Seara Nova. Jorge Valadas. Salmeirim S. Pedro — 2000 Santa-rém. Telef. 28202.

Motocicleta

Vendo Casal — 50cc, 5 vel. Contactar: José Luís, Tel. 749628.

Clube de leitores

Em organização. Promoção de leitura, música, iniciativas culturais de convívio. Aceitamos inscrições, sem compromisso, de pessoas interessadas em participar, mesmo na província. Damos todas as informações. Escreva-nos, indicando as suas motivações e gostos, para: Cardoso — Apartado 1332 — 1009 LISBOA CODEX.

Coleccionadores

Vendo: colecção de copos gravados (marcas e firmas); 200. Todos ou por unidade — alguns já raros — Dictionaire Géographique Universel (1842), raro, bom estado, 2000 pág. — Bruxelles. — A. M. Araújo — Tel. 9240712 — Rua Alexandre Herculano, 10 — 2735 CACÉM.

Reportagem de guerra

Dois repórteres fotográficos «freelancers», com experiência, pretendem patrocínio para desenvolver uma reportagem em zona quente do Globo a combinar. Contactar: Parque Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 9, 1.º-A — 2780 OEIRAS.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais» que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Responsável de edição, João Mendes

Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA